

ᐅᐱᐱ: ᐃᐅᐅᐱ ᐅᐱᐅᐅ



ᐅ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱᐱᐱᐱ:
ᐅᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱ ᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱ

ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱᐱ

ᐱᐱᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱ ᐱᐱ ᐅᐱᐱᐱᐱᐱᐱ

Foto: Mauro Souza



A Utopia Antecipada:

Ação Direta na Educação em Direitos Humanos

Giancarla Brunetto

Porto Alegre – RS – Brasil
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

GIANCARLA BRUNETTO

A Utopia Antecipada:

Ação Direta na Educação em Direitos Humanos

Apresentação da Dissertação de
Mestrado em Educação
PPGEDU/UFRGS

Orientador:
Professor Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque

Porto Alegre, primavera de 2012.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

GIANCARLA BRUNETTO

A Utopia Antecipada:

Ação direta na educação em direitos humanos

Componentes da Banca Examinadora:

Dr^a Carmen Lucia Bezerra Machado / UFRGS

Dr^a Maria Elly Herz Genro / UFRGS

Dr^a Martha Huggins / Tulane University / New Orleans EUA

Porto Alegre, primavera de 2012.

*P*ara

Thomas, Bruninho e Rafaela

*“Que maravilha! Quantas criaturas graciosas temos aqui!
Como são belos os humanos!
Que admirável mundo novo, onde tem dessas pessoas magníficas!”*
Miranda, em *A Tempestade*, de William Shakespeare

*A*o

meu desorientador

*“Essa é uma história que comporta o relato de seus acontecimentos
Um pouco a cada dia,
e não é narrativa que se esgote num café da manhã”*
Próspero, em *A Tempestade*, de William Shakespeare

*P*ara

*todas as pessoas que escrevem aqui sobre as existências
distópicas e as vivências utópicas, minha gratidão e admiração*

“Faça o que quiser!”

Rabelais

a b c d e f g h i k l m n o p q r s t u x y
ó 0

0 show tem que continuar?



RESUMO

"A Utopia antecipada: Ação Direta na Educação em Direitos Humanos", analisa as ações e resultados do "Itinerantes" para promover a educação em direitos humanos em 19 municípios no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. "Ação Direta" aponta para as iniciativas de educadores itinerantes ("Os Itinerantes") para buscar os alunos onde quer que eles estejam – nas perspectivas geográfica, social e educacional - e transformar espaços não-tradicionais e em arenas educativas.

A Educação em Direitos Humanos foi implantada por meio de aulas abertas, debates, rodas de conversa, narrativas e filmes, com o objetivo de criar "momentos de formação" para dismantelar a "sociedade do espetáculo" que mistifica a violência institucional. Os educadores itinerantes em direitos humanos buscam as "vivências" dos alunos, registrando seu discurso, como forma de conscientização transformadora em futuras ações educativas.

Propõe-se que a educação direta em direitos humanos promoverá a revolução educacional e social.

Palavras chave:

Utopia, Distopia, Ação Direta, Itinerantes, Direitos Humanos, Educação, Estado, Espetáculo



ABSTRACT

“The Dawning of Early Utopia: Direct Action in Human Rights Education”, analyzes the actions and outcomes of “Itinerant Wanderers” to introduce human rights education into 19 municipalities in Brazil's Rio Grande do Sul State. “Direct Action” points to the initiatives of Itinerant educators (“Wanderers”) to seek students where they are – geographically, socially, and educationally – and to transform non-traditional spaces into teaching arenas.

Human Rights Education was implanted through lectures, debates, dialogues, narratives, and films, with the objective of creating “teaching moments” that dismantle the “society of spectacle” that mystifies institutional violence. Human rights itinerant educators solicit the “lived experiences” of students, recording their discourse which is transformed into consciousness raising teaching in future classes.

It is proposed that direct human rights education will promote educational and social revolution.

Key words:

Utopia, Dystopia, Direct action, The Wanderers, Human Rights, Education, State, Spectacle

Bem Querer

“A rosa não tem por quê; floresce porque floresce.
Não se importa consigo, não indaga se é vista.”

Angelus Silesius

As ideias aqui se expressam em palavras e imagens, no texto e além das margens, na ciência que a sapiência não passa de incipiência.

Agradeço:

o professor orientador Paulo Albuquerque, e as professoras da banca examinadora, Carmen Lúcia Bezerra Machado, Maria Elly Herz Genro e Martha Huggins os professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, da Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação o coordenador do PPGEDU, Dr. Jorge Ribeiro, e colegas da secretaria do PPGEDU o diretor Johannes Doll, a vice-diretora Denise Comerlato, e os colegas da FACED os amigos da Liga dos Direitos Humanos e os ministrantes, participantes, apoiadores do Projeto Itinerante de Direitos Humanos, em todos os municípios visitados em 2009 e 2010 os alunos e professores do Curso de Especialização Ética e Educação em Direitos Humanos

Anne Staquet Adriana Severo Rodrigues Adriana Xaplin Angela Fernandes Aldo Jung Aline Kauffmann Ana Rita Dutra dos Santos Bernhard Taureck e Gila Carlos Vermelho D'Elia Caroline Cardoso Caroline Ponzi Carmen Ferreira Cesar Santos Cícero Aguiar Cláudia Poli Clodoaldo Meneghello Cardoso Dagmar Camargo Déborah Von Peters Maraninchi Denise Beuren Domingos Dresch da Silveira Edson Huttner Eduardo Maraninchi Eduardo Elsa Marisa Rolim Felipe Kirchner Fernando Seffner Gilbert Boss Gabriel Farias Gilmar e Cristina Gárdia João e Shaiane Ilgo Wink Ingo Sarlet Igor Pereira Jair Krischke Jaime Zitkoski Janaina Dalla Vecchia Jorge Barcellos José Bruno Kappaun José Francisco Flores Kundry Lyra Klippel Leni Vieira Dornelles Luciana Pilatti Teles Marcelo Carbonell Mauro Silva de Souza Mauro Souza Mario Humberto Morocini Merion Campos Bordas Nilo André Piana de Castro Nilton Costa Nykolas Friedrich Correia Motta Pamela Ferrer Patricia Kettermann Patricia Sanchez Paola Pieretti Paulo Gilberto Cogo Leivas Roberto Billy Wild Rosângela Werlang Roseli da Rosa Pereira Sandra Mara de Souza Solon Viola Thomas Kesselring Udo Baingo Valéria Beatriz de Carvalho Waleska Giampietro Luis William Vera Gliese Wolfgang Neuser Doutor Fausto Luiz Carlos Bombassaro Umberto Amine Cassandra Odethe Attilio Bruninho Thomas Rafaela

EM SUMA

1. Avant-propos. O real é o visto ou o noticiado?	11
2. Na res publica, lugares se visibilizam e discursos emergem	17
2.1 Topos, Utopia, Heterotopia, Distopia: o paradoxo a enfrentar	19
2.2 Dos discursos, um sentido emerge: Que Estado é este?	31
3. O problema se materializa	41
3.1 Na sociedade do espetáculo	42
3.2 Nas distopias que deslocam o lugar da educação em direitos humanos	49
4. Relacionar educação e direitos humanos	65
5. Itinerância em direitos humanos, a utopia antecipada	69
5.1 Personagens	79
5.2 Sujeitos de direitos: Ilhéus, Réus, Perseus, Sísifos	84
5.3 Itinerantes, educando em direitos humanos: uma análise do paradoxo, do espetáculo, da distopia e dos sujeitos de direitos	106
6. Post Scriptum	
Nem ilhados, imolados, isolados ou desolados, mas... anárquicos	115

ESTANTE

Livros e artigos	123
Documentos e legislações	134
Sites de pesquisa	135
Links de filmes	136

APOSTO

138

1. Avant-propos

O real é o visto ou o noticiado?



ESCHER, Convex and Concave

“A arte imita a vida ou ávida, a vida imita a arte? Vida, Bios...

Bios, que para os gregos era a vida humana, racional, uma ação moral, superior a Zoé, a vida comum a todos os animais.

Bios, que para os cristãos simboliza a vida terrena...

Bios, que é o sistema responsável pelas atividades básicas de um computador!

Sem Bios, o computador para de funcionar.

Sem o computador, em pleno século XXI, poderia a Bios humana, pretensamente superior à Zoé dos demais seres vivos, continuar a existir?”

GIANCARLA BRUNETTO

O real é visto ou noticiado? A pergunta não é retórica. Ela tem uma intencionalidade que a pesquisa buscou materializar na compreensão objetivada na maneira como os sujeitos falam, pensam e se expressam. *As falas/ discursos apresentados noticiam, traduzem modos de ver como sujeitos de direitos humanos; partem do pressuposto que estes sujeitos como atores sociais são conscientes, compreendem e interpretam a realidade a seu modo. Suas percepções traduzem um modo de contextualizar a realidade em que vivem e o que desejam nela transformar. A intenção aqui é mostrar a importância dos propósitos da educação não formal como estratégia para promoção dos direitos humanos, visto que um projeto educativo pode ter na vertigem¹ do trânsito e do movimento o ponto de partida, para a viragem da lógica estabelecida e reforçada pelo status quo.*

O século XX consolidou-se como a era das imagens e da tecnologia, e o surgimento do cinema vem dessa fusão de invenções tecnológicas para a exibição de imagens. Múltiplas possibilidades de criação artística, mediadas pelas imagens e pelo uso de determinadas tecnologias. Um século antes, em 1891, o inventor e empresário norte-americano Thomas EDISON criou o cinetoscópio. A iminente revolução tecnológica da modernidade para a contemporaneidade, nesta relação arte, cinema e indústria, também veio através dos Irmãos LUMIÈRE, não somente pela criação do cinematógrafo, mas pela realização dos primeiros documentários amadores. No dia 28 de dezembro de 1895 era exibida no Salão Grand Café em Paris a filmagem *Sortie de L'Usine Lumière à Lyon* – Empregados deixando a fábrica. A data marca o surgimento de uma indústria voltada para o entretenimento. O espetacular mundo da vida por meio das imagens. Na contemporaneidade, a sociedade mostra pelas mídias o que é real e o que é noticiado como tal, o que é fato e o que é a versão do fato, o que é existente e o que é possível, o que é visto e o que é sugerido, tudo depende do que se pretende mostrar ou não mostrar por meio das imagens.

1 Ou, como nas sábias palavras de Thomas MORUS (1546: A Utopia), “Aspiro, mais do que espero.”

O conceito de espetáculo é um dos conceitos balizadores desta pesquisa. Este conceito é geralmente relacionado a entretenimento, diversão, lazer, algo que soa desprezioso, lúdico. Ingênuo. Já faz algum tempo que imagens são exibidas para cultuar celebridades instantâneas, mostrar reality shows, apresentar guerras como se fossem eventos de entretenimento instantâneo para o espectador, com direito a intervalos para os reclames, espaços de propaganda, publicidade, e retorno ao show.²

A imagem mostra algo. Alguém mostra algo através de uma imagem. E a vida, mediada pelas imagens, é o que? A vida é mais do que se mostra na película, no roteiro, na teatralidade, no jogo de cena. Entretanto, a espetacularização que se faz da vida, na tela e fora da tela, cria uma ilusão, uma forma de controle sobre o espectador que, por sua vez, ao continuar como espectador, permite as condições para a continuação desse espetáculo. Afinal, o show tem que continuar... A vida, na perspectiva do espetáculo, torna-se um objeto de consumo.

Ávida por mostrar ser necessário e possível desespetacularizar a vida, idealizei a *ação direta Itinerantes - o I Projeto Itinerante de Capacitação para Defensores e Defensoras de Direitos Humanos*. Trata-se de uma ação direta educativa não-formal realizada nos anos de 2009 e 2010 que, ao percorrer os municípios de Bagé, Carazinho, Caxias do Sul, Chapada, Cruz Alta, Erechim, Garibaldi, Ijuí, Imbé, Novo Hamburgo, Panambi, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre e suas ilhas, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Leopoldo e Torres, registrou imagens, textos e vivências de pessoas que se encontram em situações diversas e adversas. Foram momentos que possibilitaram visualizar iniciativas que insinuam e demonstram existir a necessidade de uma cultura de respeito aos direitos humanos.

2 Na Bios da indústria do entretenimento foi realizado o filme *All that jazz – O show tem que continuar*, de Bob FOSSE (musical norte-americano realizado em 1979). A tradução do título do filme no Brasil ficou, apropriadamente, como *O show tem que continuar*. O protagonista de seu filme é um entertainer. FOSSE mostra uma história fictícia baseada em fragmentos autobiográficos, posto que não é o personagem entertainer, mas o próprio cineasta que sabe que vai morrer. Aqui, a arte imita a vida. E como arte, não impõe limite à vida. A relação entre imagem e imaginação é tão intrínseca quanto o entertainer é para FOSSE, Bios é para o computador, e Bios e o computador são para os seres humanos.

Neste estudo, apresento:

1. os relatos de múltiplos protagonistas, que com suas histórias de vida explicitam os legados da modernidade e
2. permitem compreender o paradoxo de como o Estado pode atuar como promotor e como violador dos direitos humanos, e
3. como a sociedade do espetáculo não reconhece, isola, distancia, exclui, inclusive usando a lei.

As imbricações entre imagens e textos buscam mostrar que o olhar do sujeito, enquanto espectador, é manipulado. Aquilo que vemos está de acordo com o modo como vemos? Nossas percepções e representações simbólicas da realidade, do outro, de quem não é “eu”, pode ser dissociado? Na verdade, o mundo sempre está além dos limites do humano. Ordem e caos.

Esta forma de pesquisa, ainda que se anuncie como científica porquanto parte de referenciais analíticos, utiliza-se de outra percepção como estratégia epistêmica, a não-linear, do diálogo entre educação, direitos humanos, literatura, cinema, artes visuais, por serem as maiores formas de expressão do humano, e as maiores formas de manifestação sobre a desumanização no humano; do uso de metáforas, que apresentam as ideias vinculadas ao signo de outra ideia mais impactante. Partem de uma analogia objetivada para nos fazer pensar, estabelecer conexões, percepções. As metáforas nos fazem ver, mesmo sem vermos. Dentro e fora. Já as palavras são e prosseguirão sendo guias do texto e do subtexto, a forma do discurso manifesto e organizado dos pensamentos. Entretanto, as palavras não são suficientes. As palavras nunca são suficientes. São criações humanas, expressões que distinguem o humano do não humano, mas que não traduzem o sentido pleno, ainda que sejam traduzidas em todos os idiomas. As palavras são, com certeza, proeminentes como forma de afirmação, de negação. Não sendo suficientes, por não esgotarem em si o sentido, recorrem aos tropos, que empregam palavras em sentido figurado, oferecem as palavras aplicadas a ideias novas.³

3 Para ARISTÓTELES (Retórica), as figuras, que se expressam sempre como metáforas, estão para o discurso como os contornos estão para o corpo.

Assim sendo, o núcleo mobilizador deste trabalho deriva da possibilidade de analisar uma realidade aparentemente adiada pela modernidade, *o afastamento entre o homem e o homem*⁴. Os benefícios do progresso deveriam estar ao alcance de todos, mas o que se vê é o enclausuramento das sociedades modernas visando à conservação de bens materiais, na ilusão da felicidade do consumo de bens duráveis propostos pela sociedade industrial.⁵ A centralidade do conceito na modernidade está no *indivíduo*, e a tarefa que ele passa a ter é descobrir o seu lugar – topos, e criar o seu próprio destino – utopos.

O espetáculo é a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem. Alberga em si a sua recusa absoluta, o seu falacioso paraíso. O espetáculo é a realização técnica do exílio dos poderes humanos num além; a cisão acabada no interior do homem.”
GUY DEBORD A Sociedade do Espectáculo.

Este primeiro capítulo anuncia as inquietações da pesquisa, que se farão sentir mais fortemente a partir da reflexão apresentada no capítulo 02, sobre os possíveis/reais/imaginários lugares e suas relações com os paradigmas do capitalismo, da democracia formal, dos regimes autoritários e totalitários, e o Estado: qual o seu envolvimento na promoção e na violação dos direitos humanos. O capítulo 03 acentua observações sobre a contemporaneidade, fundamentalmente caracterizada pelas sociedades do espetáculo e distópicas sobre as quais os anarquismos⁶ e a teoria crítica radical⁷ (DEBORD:1997) são aspectos que referenciam a análise.

4 Guy DEBORD percebe neste afastamento do humano a realização triunfal do espetáculo.

5 No Brasil, a passagem de cidades-colônias a cidades modernas envolveu um movimento de higienização, com a extinção de cortiços. Na área da educação, o processo de escolarização e a oferta da educação pública começa no século XX. A criança e o adolescente já vem sofrendo violações, com a exploração do trabalho infantil e abandono de crianças nas ruas.

6 Apresento desde já alguns conceitos-chave desta pesquisa. As sociedades distópicas são aquelas nas quais as individualidades são controladas ou suprimidas pela ação da sociedade/corporação/Estado.. Já a sociedade do espetáculo, termo cunhado por Guy DEBORD, refere-se tanto às organizações sociais no modo capitalista, como nas formas totalitárias de governo, ou, como veremos adiante, em uma espetacularização contemporânea que faz uma fusão desses modelos. Anarquia, anarquismo: A palavra grega original, “Anarchos”, significa sem governante. Anarquia significa a ausência de governo, de autoridade, como não necessário para preservar a ordem. O Anarquismo, como movimento filosófico e político, apresenta o paradoxo da ordem na anarquia, ou seja, a ausência de um governante, e a radical crítica às instituições, uma atitude libertária diante da organização política e econômica.

7 O filósofo e cineasta Guy DEBORD apresenta no livro A Sociedade do Espectáculo, como ponto central de sua Teoria Crítica Radical, que a alienação é consequência do modo capitalista (mercado) e do modo autoritário (Estado), e o espetáculo é a forma de dominação do Estado-mercado.

Este estudo busca, no capítulo 04, refletir sobre as possíveis formas de desespetacularizar essas relações na contemporaneidade. Emerge a necessidade de antecipar a utopia, ao relacionar educação e direitos humanos e a pedagogia da Itinerância como protagonista de uma ação direta educativa. Estas itinerâncias trazem no Capítulo 05 as marcas, os registros da sangria de violações aos direitos humanos que ocorrem no Estado do Rio Grande do Sul, com as falas de pessoas em situações de vulnerabilidade social, sobre temas que envolvem sobremaneira o paradoxo, a distopia e o espetáculo como os centros sobre os quais orbitam as violações. Sobre esse panorama, a educação tem o desafio de se colocar como antecipação utópica na perspectiva de uma transformação social emancipatória. Supõe a compreensão e a concretização dos direitos humanos, em uma dada circunstância, em um tempo e lugar, em que as relações entre subjetividades compartilhadas caracterizem a educação dos seres humanos como pessoas⁸, no reconhecimento do outro como legítimo outro nas formas de convivência e na busca de um mundo justo.

Finalizando, o estudo analisa como a ação direta Itinerantes, ao articular direitos humanos e educação, cria condições para afirmar a utopia antecipada dos direitos humanos em uma sociedade do espetáculo. Evidencia que na sociedade distópica do espetáculo, as formas exacerbadas do social tem na transitoriedade o seu fator fundante, e a não consciência desta transitoriedade enreda os referenciais fazendo com que os direitos humanos sejam também inconclusos, insuficientes ou entendidos como postigos. Ao fim e ao cabo, o trabalho de reflexão busca relacionar direitos humanos e educação como um dos modos pelo qual a educação pode construir, fazer, pensar uma crítica social constante, consistente e consciente ao Estado e às violações institucionais, assim como objetivar a proposta de uma cultura de paz e não violência⁹.

8 Para Luiz Carlos BOMBASSARO, “A racionalidade estratégica cria um mundo de necessidades, manipula as informações e formata nosso modo de agir e pensar. Enquanto poucos podem usufruir as confortáveis benesses do sistema, a fome assola o mundo de multidões de miseráveis que também não tem onde morar. Há guerras como nunca houve. Faltam recursos para garantir a assistência à saúde. E a maioria da população do planeta não tem a mínima chance de poder aprender a ler e escrever. Também é evidente que se alastra célere, e talvez não sem razão, uma reversão do processo de secularização, aquela forma de pensar e de agir que afirmava ser a história produto tão somente das mãos humanas... Sobre um horizonte sombrio, marcado por cenas de violência extrema, uma pergunta, no entanto, não quer calar: o que significa ser humano hoje?” (BOMBASSARO, in: TAURECK, 2007: 12)

9 CLAUSEWITZ (1992) afirma ser a política a continuação da guerra por outros meios, o que explicaria a constância das múltiplas formas de conflitos, dominação, opressão, hegemonia do “mais forte” sobre o “mais fraco”.Torna-se inadiável refletir criticamente sobre um dos principais legados da modernidade: o Estado, poder que regula mediante normas as individualidades e as coletividades.



Sem-teto sob a ponte Giuseppe Garibaldi¹⁰

Foto: Mauro Souza

Na divisa das cidades de Imbé e Tramandaí. Janeiro de 2010

2. Na res publica, lugares se visibilizam e discursos emergem

“As concepções, as representações de humano produzidas pela história da cultura, tenderam a ser **unidimensionais** e aparentar de um único modo. Hoje, pelo desenvolvimento dos estudos sobre o humano, nós percebemos que há uma **pluralidade** muito grande de formas de vida, de formas de interpretação para as nossas posições teóricas ou nossos conceitos para poder compreender essa complexidade. Nós vivemos num tempo de trocas, diálogos, cada um vai trocando perspectivas, vai trocando informações, conceitos, ideias, crenças e valores, e nós temos uma pluralidade de crenças e de valores no mundo em que vivemos hoje. Provavelmente nós tivemos sempre uma pluralidade, mas houve épocas ou há épocas, há culturas que tornam as coisas um pouco mais complicadas quando a pluralidade se manifesta. É plenamente normal, não só a aceitação do outro como outro na convivência enquanto humano, mas também enquanto permite o convívio com a natureza.”

LUIZ CARLOS BOMBASSARO Aula Aberta em Passo Fundo RS

10 A fotografia retrata o paradoxo que se põe diante das representações do humano: embaixo da ponte, o jovem sem-teto toma a ponte como sua morada provisória. Contempla a cidade, estando distante/fora dela, e ao mesmo tempo dentro dela. Seria ele mais ou menos humano dos que tem moradia? A ponte, que simboliza um elo de ligação, é aqui um abrigo, refúgio para quem, pertencendo ao mundo, não se sente partícipe dele.

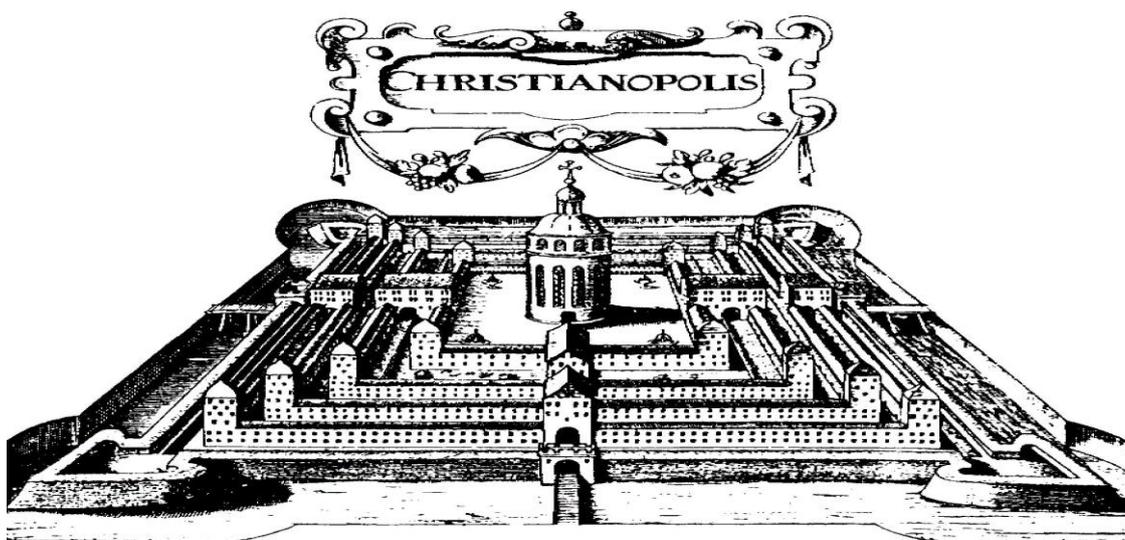
Partindo de uma perspectiva pluridimensional, percebem-se múltiplas possibilidades de interpretar, compreender e, sobretudo, estabelecer relações entre as pessoas em uma determinada cultura, tempo e lugar. Essa pluralidade está presente nas manifestações humanas mediante crenças, valores, ações, mas também quando essas manifestações são interditas mediante crenças, valores e ações de outras pessoas. Paradoxalmente, se a pluralidade é ameaçada por outra pluralidade, o pluridimensional seria abduzido pela sombra do unidimensional, do dogma. Então, vivenciar a pluralidade é muito mais difícil e complexo do que se possa anunciar. É uma questão de estabelecer modos de convivência de respeito ao outro como sendo o outro.

São vários os campos de possibilidades e de ação que movem as relações, mas são frágeis e fugazes os caminhos nos quais se desenvolvem as relações. Os modos de relação e de representações que se estabelecem entre as pessoas e o mundo, mostram que nas ciências humanas, no que se refere ao humano, não há somente razões, como desrazões, não há somente o igual, como o diferente, não há um paradigma, senão vários e, nesse sentido, o *paradoxo* se impõe como categoria analítica¹¹:

“O paradoxo. Paradoxo que trabalha a lógica a partir de outros pressupostos. O paradoxo remete ao conflito, o paradoxo não é algo ilógico, não propõe a dialética ou a contra-dialética, o paradoxal remete a conflito analítico porque ao resignificar lugares e ao re-situar os itinerários, propõe outros caminhos lógicos, antecipações, para além dos modos de relação e de representações que se estabelecem entre os indivíduos e o mundo”

PAULO ALBUQUERQUE

11 WITTGENSTEIN (1968) no Tractatus Logico-philosophicus, fala sobre a importância do reconhecimento do limite, que no neopositivismo refere-se ao uso da lógica, do que pode ser investigado pelas ciências: só é útil se tem sentido. Mas a linguagem está além da lógica.



Cristianópolis, Utopia de Juan Valentin Andrae

2.1 Topos, Utopia, Heterotopia, Distopia: o paradoxo a enfrentar

Topos sinaliza um lugar. Assim como a *Utopia*, pode ser paradoxal, e por isso é fundamental identificar seus múltiplos registros. A Utopia é fortemente associada ao ideal, ao inatingível. BERRIEL (2009:06) afirma que “A utopia nasce e se mantém como um gênero literário que soma, em uma obra de ficção, elementos da política, da economia, dos relatos de viagem, sob uma visada ética. Ele classifica as utopias como cronoutopias ou protoutopias, quando seu autor coloca os problemas de seu tempo, e figuram em outra época, ou utopias como sistemas sociais idealizados. A Utopia pode ser propositiva, ao referir-se a um programa de ação concreta, visando a uma transformação social¹².”

“A Utopia nasceu – e perdura – como uma ficção social”

CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

¹² Exemplos de utopias propositivas são A Cidade do Sol, de Tommaso CAMPANELLA, e as obras dos socialistas utópicos do século XIX.

Para os utopistas, as sociedades humanas não são naturais ou metafísicas, mas constituem-se, desconstituem-se e reconstituem-se a partir da vontade histórica. A Utopia na e a partir da modernidade se constitui como possibilidade de rebelião, revolução, transformação social. Esse conceito será chave para o marxismo e o anarquismo, teorias divergentes que reconhecem na utopia o caminho de transformação para uma sociedade justa. As utopias, clássicas ou modernas, tem em comum o fato de estarem sempre em nenhum lugar, ou, o lugar distante que nunca chega, para o qual se caminha, seja uma ilha, uma cidade, um Estado. Esse lugar, esse espaço, será de concretização plena de direitos de igualdade, justiça, paz.

Segundo Paul RICOEUR (1999), a utopia, assim como a ideologia, atuam como representação na estrutura simbólica das sociedades¹³. Toda a realidade implica em uma interpretação, por meio de imagens e de representações. Tanto a ideologia como a utopia relacionam-se à realidade social. A ideologia aponta para a realidade presente. A utopia projeta a imaginação para além do real, como nas obras clássicas *A República*, de PLATÃO, *A Utopia*, de Thomas MORUS, e *A Cidade do Sol*, de Tommaso CAMPANELLA.

A ideia da cidade justa pode ser encontrada em *A República*, de PLATÃO,¹⁴ o primeiro pensador da Antiguidade a escrever de forma sistemática sobre política, e que aspirou a união da filosofia e da política na constituição do Estado e do governo ideal. Aos que estão no poder, a correção moral, ou a virtude, é o princípio fundamental. A acumulação de riquezas colide com a possibilidade da realização de justiça. Em sua utópica Calípolis - a bela cidade, ele procura fundamentar racionalmente a opção pela

13 Entre os vários mundos utópicos, encontramos o mundo regido pelos reis-filósofos de *A República*, de PLATÃO (380a.C.); a *Cristianópolis*, de Johan Valentin ANDREAE 1619); a “*New Atlantis*” de Francis BACON, na ilha mítica de Bensalem (1626); o *Mundus Alter et Idem*, de Joseph HALL e suas críticas à Igreja Católica (1605); a *Nova Solima*, de Samuel GOTT, onde o universo é um grande útero (1648); o *Reino de Macaria*, de Samuel HARTLIB (1641).

14 “O que dá nascimento a uma cidade – prosseguí – é, creio eu, a impossibilidade em que se encontra cada indivíduo de se bastar a si mesmo e a necessidade que sente de uma quantidade de coisas; ou achas que há outra coisa na origem de uma cidade” (PLATÃO, *A República*, p. 54). Nos Diálogos de *A República*, no século IV a.C., PLATÃO já vislumbrava a sociedade ideal. A questão central no diálogo entre SÓCRATES, GLÁUCON e ADIMANTO é saber se pode haver uma cidade justa.

justiça, se é possível haver o Estado justo¹⁵, e se a autoridade deve pertencer ao indivíduo como personificação da lei ou na própria lei.¹⁶ A Utopia, de Thomas MORUS, retrata o paraíso, o sonho, o futuro que nunca chega, o ideal da cidade justa chamada Utopos, uma ilha imaginária baseada no princípio da igualdade, na qual não existe propriedade privada. Escrita de forma literária, esta obra é uma fundamentação crítica ao modelo econômico e político da época de transição da sociedade feudal para o regime burguês.¹⁷ A violação à dignidade humana já se fazia sentir na divisão entre a nobreza e clero como detentores de poder e da maioria dos bens, terras, riquezas.¹⁸

15 “- Mas não observará a mesma ordem e o mesmo acordo perfeito na aquisição de riquezas? Não será deslumbrado pela opinião da multidão acerca da felicidade e não aumentará a massa dos seus bens até ao infinito, para ter males infinitos? - Não o creio. - Mas, lançando os olhos para o governo da sua alma, terá o cuidado de não abalar nada por excesso ou falta de fortuna e, seguindo esta regra, aumentará essa fortuna ou gastará segundo os seus meios. - Perfeitamente – disse ele. - E, quanto às honras, terá em vista o mesmo objetivo: aceitará, experimentará de boa vontade aquelas que considerar aptas a torná-lo melhor, mas evitará, tanto na vida privada como na vida pública, as que possam destruir nele a ordem estabelecida. - Mas então – disse ele- ao se preocupar com isso, não consentirá em ocupar-se dos negócios públicos. - Não, pelo Cão! - respondi. - Ocupar-se-á deles no seu próprio Estado, mas não, talvez, na sua pátria, a não ser que um divino acaso lhe permita. - Compreendo; falas da cidade cujo plano traçamos e que se fundamenta apenas nos nossos discursos, visto que, tanto quanto sei, não existe em parte alguma da terra. - Mas – respondi – talvez haja um modelo no céu para quem quiser contemplá-lo e, a partir dele, regular o governo da sua alma. Aliás, não importa que essa cidade exista ou tenha de existir um dia: é unicamente às suas leis, e de nenhuma outra, que o sábio conformará a sua conduta” (PLATÃO, A República, Diálogos – I, Livro IX)

16 HANNAH ARENDT, em A Promessa da Política (2009), reflete sobre a atualidade das questões postas na utópica República de PLATÃO: “Surgiu assim o problema de como o homem, se tem de viver numa pólis, pode viver fora da política. Esse problema, que por vezes apresenta uma estranha semelhança com a nossa própria época, muito rapidamente se converteu na questão de como é possível viver sem pertencer a nenhuma comunidade politicamente organizada, vale dizer, em condições de apolitismo ou o que hoje diríamos em condição de não-cidadania. Ainda mais sério foi o abismo que imediatamente se abriu, e desde então nunca mais se fechou, entre pensamento e ação. Todo pensamento que não seja o mero cálculo dos meios necessários para se obter um fim pretendido ou desejado, mas se ocupe do significado no sentido mais geral, veio a desempenhar o papel de um “pós-pensamento”, isto é, um pensamento posterior à ação que determinou a realidade. A ação, por sua vez, foi relegada à esfera sem significado do aleatório e do fortuito” (p.46)

17 Utopos é uma ilha imaginária, visitada pelo viajante Rafael Hitiodeu, que relata a MORUS sobre a harmoniosa vida em comunidade que lá encontrou. O viajante registra que antes de chegar a essa paradisíaca ilha, passou por reinados onde os homens preocupavam-se mais em conquistar do que administrar os Estados. As principais descobertas que o viajante faz na ilha são que há poucas leis, e que o meio de organizar as pessoas com o intuito de garantir uma vida justa e feliz é mediante o princípio da igualdade.

18 “A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres, zangões e ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para aumentar os seus rendimentos, mandam cultivar suas terras, escorchando os reideiros até à carne viva” (MORUS: A Utopia, Livro I). “A todo momento, havia revoltas internas a reprimir, ou tropas a enviar para o país conquistado; a cada instante era-se forçado a combater pró ou contra os novos súditos. Em consequência, o exército tinha que ser mantido de pé, e os cidadãos eram esmagados pelos impostos; o dinheiro fugia para fora; e para lisonjear a vaidade de um só homem, o sangue corria em borbotões. Os curtos momentos de paz não eram menos desastrosos do que a guerra. A dissolução das tropas lançava a corrupção nos costumes; o soldado voltava ao lar com o amor da pilhagem e a audácia do assassinato” (MORUS, A Utopia, Livro I). “Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas

A cidade justa é possível, na utópica Utopos, porque para os utopianos não devem existir numerosas leis e tratados, por não serem fontes seguras para garantir a justiça e a ordem pública¹⁹. As leis, porque muitas vezes não são claramente formuladas e alicerçadas sobre a realidade; desse modo, não estarão ao alcance de todos. E os tratados, por tratarem de guerra, e não de paz.

“Eis o que invencivelmente me persuade, que o único meio de distribuir os bens com igualdade e justiça, e de fazer a felicidade do gênero humano, é a abolição da propriedade. Enquanto o direito da propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável não terá por quinhão senão a miséria, tormentos e desesperos” MORUS, 1546: 71

Na Utopia de MORUS tudo pertence a todos, nada falta a ninguém. A ausência de propriedade privada e de egoísmo levam à promoção da equidade e da justiça. De um lado temos o espaço social que precisa ser resignificado e atualizado para uma melhor compreensão, de outro é a intenção de desdobrar, explicar a realidade que se dissimula na vida e pede a elaboração de um mapa de alternativas e saídas para esta modernidade. MORUS antecipa as mazelas de uma sociedade feudal agonizante, uma nobreza decadente, e critica uma sociedade burguesa iminente, com base na própria sociedade inglesa de sua época. Os valores burgueses prenunciam a instauração de um modelopolítico e econômico devastador de quaisquer auspícios utopianos.

“A fortuna do Estado nunca é injustamente distribuída naquele país. Não se vêem nem pobres nem mendigos, e ainda que ninguém tenha nada de seu, no entanto todo mundo é rico”
MORUS, Livro II.

se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual a fortuna pública é a presa de um punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria” (MORUS, A Utopia, Livro I)

19 “Tenho tentado descrever-vos a forma desta república, que julgo ser, não somente a melhor, como a única que pode se arrogar, com boa justiça, de nome de república. Porque em qualquer outra parte, aqueles que falam de interesse geral não cuidam senão de seu interesse pessoal; enquanto que lá, onde não se possui nada em particular, todo mundo se ocupa seriamente da coisa pública”. (MORUS, A Utopia, Livro II).

Outra obra de ficção filosófica utópica é A Cidade do Sol, escrita por Tommaso CAMPANELLA em 1602,²⁰ e antecipa temas que serão centrais no anarquismo e no marxismo, ao afirmar, dois séculos e meio antes de PROUDHON, que a propriedade privada é um roubo.²¹ Na Cidade do Sol, a ausência de privação leva à ausência de disputas, que por sua vez leva à ausência de autoridade. As relações não são de dominação, são de amizade coletiva. Mas CAMPANELLA não acredita ingenuamente em uma natural bondade humana. Ele admite o potencial humano para o egoísmo latente. Na Cidade do Sol, as violências são morais, quando causadas por essa propensão humana de querer apropriar-se. Por isso é importante a ausência da propriedade privada nessa república, como forma de manter o uso comum por todas as coisas e o amor mútuo em toda a comunidade.

“Pois reconhecem que no mundo há muita corrupção e que os homens se comportam louca e irracionalmente, que o bom padece e o mau triunfa em toda parte, por mais que, na opinião dos solares, esse não possa ser feliz, porque se aniquila a si mesmo quando trata de aparentar o que não é em realidade, seja fingindo-se de rei, seja fazendo-se passar por bom, sábio”

CAMPANELLA, A Cidade do Sol, p. 94

O que essas três utopias clássicas tem em comum e que significados nos trazem? **A radicalidade.** Segundo Paul RICOEUR (1986:430), “*imaginar um não-lugar é manter aberto o campo do possível*”. O nenhum-lugar representa a forma mais crítica e radical de se manifestar contra o existente, o real. Colocar-se fora da história para mostrar o que está errado dentro dela, abrir perspectivas, mostrar caminhos, representar por meio de fantasias, desejos, possibilidades.

20 Para o filósofo italiano, o mundo é uma estátua viva de Deus. A obra, escrita na forma de um diálogo poético, é sobre um genovês, piloto de Colombo que havia dado a volta completa à Terra, e passa a relatar a um hospitalário como é a Cidade do Sol. (Os hospitalários integravam uma ordem de cavaleiros que fizeram parte da fase final das Cruzadas). A estrutura da cidade é totalmente feita por símbolos astronômicos, astrológicos e científicos: “A cidade está dividida em sete círculos enormes, cada um dos quais leva o nome de um dos sete planetas”. (CAMPANELLA, A Cidade do Sol, p. 12) Existe nessa cidade uma autoridade máxima, um sumo sacerdote chamado “Metafísico”, assistido por três príncipes chamados Pon (Poder), Sin (Sabedoria) e Mor (Amor). Os solares, habitantes dessa cidade, vivem em uma república, um governo baseado em leis, com um poder político voltado para a prática da justiça, em oposição aos modelos tirânicos e despóticos. A organização militar é voltada para a defesa, a todas as coisas são de propriedade comum. Sendo de uso comum, e não exclusivo, não há privação nessa cidade.

21 Para CAMPANELLA, a privatização é negativa, ocorre pela ânsia de ter riquezas e honrarias, de apropriar-se. Quando se é proprietário, se apodera de algo que, mesmo que não use, não permite a ninguém usar.

“A utopia pode prestar hoje um serviço, num tempo em que a sociedade tem muitos meios e poucos objetivos; penso concretamente na utopia do debilitamento do Estado, nos grandes autores liberais, nos anarquistas, no Lenine do Estado e Revolução; efetivamente, por meio da utopia do fim do Estado – pelo menos do Estado repressivo tal como hoje o conhecemos, sonhamos com a reconciliação da política com a amizade. Sim, sonhamos com um Estado que seja apenas o administrador das coisas e o educador das pessoas na liberdade. Esta utopia é vital para o próprio destino da política, é o que lhe dá a sua finalidade, a sua tensão, a sua esperança”

RICOEUR, *Perspectivas Teológicas*, p. 110-111

A utopia possui uma dimensão positiva, enquanto utiliza-se de recursos poéticos, filosóficos, visuais, para propor a **transformação** de uma determinada realidade. A ideia de **construção** de uma sociedade a priori, seja a dos utopianos, dos solares, seja as do mundo atual, não podem cair na armadilha da realidade que mostram: como verdade absoluta²². A utopia é socrática, é sophos.²³

Um aspecto importante é evidenciado por Michel FOUCAULT (1994), ao apresentar a **heterotopia** como um conceito que se relaciona e se interpõe ao conceito de utopia. A utopia está em nenhum lugar, enquanto a heterotopia é o outro lugar, os espaços das alteridades, ao mesmo tempo interpostos e dispersos nos múltiplos espaços de posicionamentos ocupados pelos seres humanos.

22 “Quando nós colocamos a questão da realização efetiva de direitos humanos como utopia? A pergunta feita foi exatamente essa, essa é a nossa utopia ou utopia daqueles que entendem que essa é “a” utopia. Mas existem outras utopias como, por exemplo, foi a utopia de Hitler estabelecer uma raça pura, a raça germânica; aquela era uma utopia, também. Então, a importância disso é nos darmos conta que o processo utópico é esse, mas o que nós vamos concretizar no processo histórico de construção efetiva, que utopia que nós realizaremos e que demonstra, então, que em um determinado momento esse plano desemboca em utopias, e essas utopias são disputadas, então nós temos o processo histórico propriamente dito. E a importância disso é: qual utopia dessas utopias que se realizam, é responsabilidade de todos nós enquanto sujeitos históricos? É a partir da identidade que cada um de nós com esta ou aquela utopia que nós atingiremos determinadas situações sociais ou históricas. Assim, quando o povo alemão, em larga medida, pensou junto com o Terceiro Reich, se chegou àquelas barbaridades que todos nós conhecemos.”

CARLOS CESAR D’ELIA Aula Aberta em Ijuí RS

23 HANNAH ARENDT (2009): “O que na República aparece como uma discussão estritamente filosófica foi inspirado por uma experiência exclusivamente política – o julgamento e morte de Sócrates – e não foi Platão, mas Sócrates, o primeiro filósofo a ultrapassar a linha demarcada pela pólis para o sophos, o homem que se ocupa das coisas eternas, não humanas e não políticas. A tragédia da morte de Sócrates repousa sobre um mal-entendido: a pólis não entendeu que Sócrates não julgava ser um sophos, um homem sábio. Por duvidar que a sabedoria fosse para os mortais, ele percebeu a ironia do oráculo de Delfos, que dizia ser ele o mais sábio dos homens: o homem que sabe que os homens não podem ser sábios é o mais sábio dentre todos. A pólis não lhe deu ouvidos e exigiu-lhe admitir que era, como todos os sophoi, politicamente um inútil. Como filósofo, porém, ele de fato nada tinha a ensinar aos seus concidadãos”. (2009:52)

“Primeiro, há as utopias, espaços sem lugar real. São espaços que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou oposta. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o contrário da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias formam espaços que são fundamental e essencialmente irreais. Também há, e isso provavelmente existe em todas as culturas, em todas as civilizações, lugares reais, lugares efetivos, lugares que estão inscritos exatamente na instituição da sociedade, e que são um tipo de contra-espaços, um tipo de utopias efetivamente realizadas nos quais os espaços reais, todos os outros espaços reais que podemos encontrar no seio da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, tipos de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam lugares efetivamente localizáveis. Esses lugares, porque são absolutamente diversos de todos os espaços que refletem e sobre os quais falam, eu os chamarei, por oposição às utopias, de heterotopia”.

FOUCAULT

O heterotópico refere-se ao espaço de uma ou de outra ou de várias realidades empíricas, enquanto o utópico está/aspira o espaço do ideal, do irreal. São espaços reais, posicionados, encontrados em uma cultura, em um tempo e lugar. A relação de correspondência entre o heterotópico e o utópico ocorre no campo da espacialidade atópica, ou seja, a atopia é a localização entre a realidade e a irrealidade, é a metamorfose do real ao irreal, do existente ao fantástico.

“Não é um outro universo que se ergue em frente do nosso; é o nosso que, paradoxalmente, se metamorfoseia, apodrece e se torna outro” LOUIS VAX, 1979: 24

Das utopias clássicas e idealistas às utopias modernas e revolucionárias, prossegue a busca, nos possíveis infinitos mundos, por um universo coletivo, ínfimo, íntimo, enfim, pelo que aqui chamamos “a cidade justa”. Mas há outro elemento igualmente constitutivo nesses espaços existentes, projetados, latentes. Quando nos referimos às relações sociais, falamos de um mundo na cultura. Uma pluralidade de mundos e tempos coexistem: físico, geográfico, natural, histórico, político, social, e o existencial. Um mundo de valores, no plano ético, um mundo onde se estabelecem costumes, normas, regras, no campo do regulatório, normativo, constitucional, institucional. Torna-se necessário reconhecer, juntamente com a utopia e a heterotopia, a coexistência da distopia, ou da antiutopia – um lugar ruim para viver.

Na contemporaneidade, a vida nas sociedades vem se fragmentando de tal forma, se especializando em diversos mundos, grupos, setores, departamentos, compartimentos, e nessa perspectiva torna-se difícil identificar se ainda é possível a pluralidade, ou se essa pluralidade tornou-se apenas uma representação, uma “acumulação de espetáculos”. A possibilidade de que a vida venha se transformando em uma sucessão de performances espetaculares vai se tornando cada vez mais factível, se levarmos em conta que

“Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação, em todas as sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção, cada vez se produzem e se acumulam mais espetáculos
“(DEBORD: 1997).

Nos fragmentos de discurso apontamos como na res publica, lugares se visibilizam e discursos emergem; buscamos substantivar Topos a fim de sinalizar que intencionalmente não nos preocupamos com seu sentido denotativo, mas conotativo, porque, muito mais muito mais que um lugar, Topos sinaliza *possibilidades* que as pessoas estabelecem a partir do que pensam sobre esses lugares, e que modos de relação constroem.

Tem a Colônia que dá todo o apoio pros pescadores, mas assim, os *pescadores dificilmente se comunicam*, acho que poderia ter uma maior comunicação, comunicar todo mundo das reuniões, porque dificilmente passam aqui e dizem “ó fulano, tem reunião”, e dificilmente eles participam, principalmente aqui da ilha, são pouquíssimos os que participam...

IMACULADA Ilha da Pintada RS

Quem tem condições de ter um carro, tem, nós não temos, por isso que temos carroça. Tem que respeitar o direito de cada um, dar o passo conforme pode, quem tem carro tem carro, que não tem, trabalha. Nós temos a carroça, tu vê, são duas pessoas a menos na vagabundagem, que nem meus filhos, né, que em vez de andar por aí já ganham pra se vestir e pra comer, pouco mas dá.

JOÃO Ilha da Pintada RS

Faz uns oito anos já que eu venho trabalhando com os carroceiros, então eu acho que *o carroceiro foi esquecido dentro de Porto Alegre, foi empurrado por várias governâncias*, foi passando e chegou a imensidão que temos hoje dentro de Porto Alegre, que nem prefeitura, nem associação, nem governância, dizem ao certo a quantidade de carroceiros que temos dentro de Porto Alegre.

TEÓFILO Ilha da Pintada RS

Agora mesmo tivemos um atrito muito grande com o representante do prefeito porque tinha 17 famílias que ele queria tirar da beira do rio, da Colônia pra baixo. Pô, o camarada mora há 30 anos lá, e agora tem 15 dias pra tirar a casa de lá e levar tudo embora... vai levar casa nas costas, barco nas costas...
VILMAR Ilha da Pintada RS

Na área dos direitos humanos, nós temos, em Porto Alegre, um núcleo específico, eles trabalham também em plantões. Aqui no interior nós não temos esta estrutura porque faltam agentes. Inclusive nestes acompanhamentos de flagrantes é quando temos a oportunidade de verificar se essas questões de direitos humanos são observadas. Porque havia muitas notícias *e há muitas notícias às vezes de abusos que são cometidos por parte das autoridades*
NEUSA Cruz Alta RS

Nós somos apenas um ramo da área de defesa. Essencialmente a nossa natureza é a defesa dos direitos humanos, com a particularidade de quando nós atuamos em defesa dos réus. Tem que haver um amor incondicional para se fazer esta defesa sem aquele preconceito. Defender os direitos da vítima qualquer um faz, mas *defender os direitos humanos daquele que é o agressor é muito difícil.*
NEUSA Cruz Alta RS

Muitas vezes a violência é praticada pelo próprio Estado. Temos situações degradantes, principalmente na área prisional. Nós vamos aos presídios e vemos como são as coisas. A pessoa que está lá foi privada do seu direito de liberdade e ninguém questiona essa pena, mas o Estado infringe muitas outras penas. São penas degradantes de sua dignidade. Acredito que se o Estado respeitasse mais os direitos humanos e não apenas trancafiasse a pessoa, muitas coisas seriam diferentes. A reincidência seria bem menor.
NEUSA Cruz Alta RS

Os casos de urgência seriam as internações, casos de saúde, medicação. A defensoria não tem problema de agendamento, nós estamos sempre abertos. Infelizmente ainda temos o problema das filas, porque é muita demanda. *Cruz Alta tem muita miséria, falta de empregos.*
Então acaba causando muitos outros problemas, na família, álcool, entre outras situações.
NEUSA Cruz Alta RS

É aquela velha visão que infelizmente, eu julgava ultrapassada, mas ela está cada vez mais presente, muitas vezes acho que a sociedade evoluiu, mas nós nos deparamos com situações quase medievais, então você ouve *"Direitos humanos? Direitos humanos é a defesa do bandido, do criminoso... porque tu vai trabalhar com direitos humanos? Não tem tanta coisa melhor em qualquer outra área?"*
JOICE Panambi RS

A partir do momento *que a gente consiga fazer esse povo ter oportunidade de lazer*, eu acho que nesse sentido já é uma colaboração muito grande pra *que a gente consiga reduzir o problema da droga*, um reflexo de políticas mal feitas nesse sentido e que talvez erros sucessivos vieram acontecer, a gente vê o estado no Brasil que tomou conta esse mal, e em Panambi não é diferente.
CHICO Panambi RS

Eu acredito que *a falta de políticas nesse sentido faz com que tenha essa possibilidade de vir acontecer um suicídio, até homicídios* que vieram a acontecer, mas suicídio então em especial, porque nós vimos pessoas que se dedicaram a construir sua família, a sua casa, ter seu carro, e destinado só a isso, faltaram algumas coisas que durante a vida são importantes pra todo ser humano. A gente tá tentando construir isso que foi abandonado, *algumas coisas na situação de falta de lazer*, eu creio que seja uma das razões, *e a ideia da colonização alemã, de trabalhar muito*, de se dedicar e isso é um orgulho pra nós, ao mesmo tempo que só trabalhando, a gente vê que não tem tempo pra gente e pra nossa família.
CHICO Panambi RS

Aqui no município de Erechim, o nosso presídio não atende a lei de execuções penais, no sentido de que os presos, num regime aberto, tem o direito de cumprir sua pena na casa do albergado. O preso não precisa passar pelas mesmas normas e segurança dos presos do regime fechado e regime semiaberto. E o que é que acontecia, aqui no nosso município? Esses presos estavam sujeitos às mesmas normas e segurança dos presos do semiaberto, sendo que os presos do regime aberto são aqueles presos que cometeram delitos de menor importância, ou porque, pelo mérito, conseguiram a progressão de regime. Como eles estavam sujeitos, então, a essa espécie de cumprimento de pena – que vai contra a lei de execução penal, contra a própria Constituição? A defensoria aqui, em Erechim, ajuizou uma ação civil pública, coletiva, buscando que esses presos tivessem o direito de cumprir a prisão domiciliar até que Erechim tivesse a casa de albergado. Aqui em Erechim nós não conseguimos e então impetramos o habeas lá no Tribunal de Justiça, em Porto Alegre, e lá nós conseguimos a liminar.
FABIANA Erechim RS

Eu as vezes critico muito alguns trabalhadores, que quando a gente está na frente de uma empresa - as vezes o trabalhador se nega a pegar um boletim. O que ele pensa com isso? Ele está se recusando a ter informações e eu estou falando desses poucos que se recusam. Agora, tem uma grande quantidade que não lê, que mesmo pegando não lê, e eu sempre digo que *a gente tem que ler, tem que buscar informações, porque senão ficamos reféns das informações que são mastigadas pela mídia, e aí aceitamos tudo que vem como verdade.*
VALDIR Panambi RS

A capacidade do capital hoje é muito maior de se movimentar, de manter a pressão sobre os trabalhadores; é um cabresto. As vezes eu fico pensando: quando foi que nós nos libertamos da escravidão? Porque na verdade nós vivemos situações, se não idênticas, eu diria que algumas até piores, só falta o chicote no lombo, porque o restante é muito maior do que era.
VALDIR Panambi RS

Inclusive há poucos dias, quando *fui procurado pelo capitão da BM* que disse estar investigando essa questão que eu coloquei, essa humilhação que a segurança pública fez comigo, *ele perguntou se eu temia pela minha vida*, e eu disse que é óbvio que eu temia porque eu sou um ser humano que quer viver, agora não é por eu temer pela minha vida que eu vou deixar de lutar por aquilo que eu acho certo.
VALDIR Panambi RS

Eu, mais dois dirigentes sindicais e mais a minha ex-companheira fomos condenados porque numa oportunidade, quando estávamos em campanha salarial, estávamos acampados em frente a uma empresa, e como era acesso do lado da via pública, a prefeitura obviamente a serviço do capital também, entrou com um mandado de desocupação, o que foi facilmente concedido pelo Judiciário, e aí a gente veio pra prefeitura conversar com o prefeito, até pra explicar pra ele a situação e pedir que ele não interferisse, que nos deixasse resolver o problema lá, que o problema não era nosso, era de todos os trabalhadores, enfim... Disso resultou que a Justiça, por nós termos vindo até a Prefeitura fazer essa audiência com o prefeito, resultou numa condenação minha e de mais três companheiros, por cárcere privado do prefeito. *Fomos condenados aqui em primeira instância a dois anos de reclusão e mais uma multa pecuniária equivalente a 10 salários mínimos, e aí, com o recurso em segunda instância, nós conseguimos reduzir para um ano, que foi convertido em serviços prestados à comunidade, e esse trabalho, quando a gente foi fazer, a Brigada Militar que é a segurança pública, mancomunada com os empresários, e eu não tenho medo nenhum de dizer isso porque está provado, tentaram de todas as formas me humilhar, me colocando pra fazer trabalho pesado, não pelo trabalho pesado, mas pelas condições que fizeram, fazendo isso ao lado da via pública onde os empresários podiam passar, e passaram pra ver eu trabalhando, e além de terem dificultado a realização do trabalho dentro, onde eu estava fazendo, colocando tijolos pra eu puxar de um lado pro outro só por puxar e colocando cabos no caminho para que eu não pudesse pular nem com um carrinho, mesmo se tivesse um carrinho eu não poderia usar, eu tinha que puxar com as mãos. No mesmo dia que eu fui prestar o serviço, os empresários passavam com carros do lado, na via pública, como quem diz: olha o que ele tá fazendo... e na mesma noite, uma empresa daqui promoveu uma festa pra toda a corporação da Brigada, distribuíram mais de 200 prêmios doados pelos empresários daqui, pra ser distribuído entre os brigadianos e suas famílias. Eu disse, dependendo de quem olha, acha que é fantasia, como tu diz é difícil de acreditar, só vendo os fatos pra tu perceber...*
VALDIR Panambi RS

O quadro a seguir sinaliza para a transformação os fragmentos dos discursos acima apresentados em sentidos que aportem em concepções de mundo, e destacamos os elementos que sinalizam o paradoxo do distanciamento e da emergência utópica:

QUADRO SINÓPTICO 1 NO TOPOS: O PARADOXO

<p>Na Ilha da Pintada</p>	<p>Incomunicabilidade: “...os pescadores dificilmente se comunicam..”</p> <p>Desigualdade: “Quem tem condições de ter um carro, tem, nós não temos...”</p> <p>Indiferença: “o carroceiro foi esquecido dentro de Porto Alegre...”</p> <p>Violência institucional: “...tinha 17 famílias que o prefeito queria tirar da beira do rio...”</p>
<p>Em Cruz Alta</p>	<p>Violência institucional: “No interior faltam agentes (Na Defensoria Pública). Há notícias de abusos por parte de autoridades”</p> <p>“Situações degradantes, nós vamos aos presídios e vemos como são as coisas”</p> <p>Discriminação: “Defender os direitos humanos do agressor é muito difícil”</p> <p>Exclusão: “Muita miséria, falta de empregos”</p>
<p>Em Panambi</p>	<p>Discriminação: “Direitos humanos é a defesa do bandido..”</p> <p>Falta de políticas públicas: “Sem oportunidade de lazer, aumento do problema da droga”</p> <p>“...suicídios, homicídios, falta de lazer, trabalhar tempo demais”</p> <p>Violência policial: “Ele perguntou se eu temia pela minha vida...”</p> <p>Assédio moral: “...tentaram de todas as formas me humilhar...”</p> <p>Alienação: “...uma grande quantidade que não lê... refêns de informações da mídia...”</p> <p>Servidão: “o capital é um cabresto”</p>
<p>Em Erechim</p>	<p>Violência institucional: “O não cumprimento, no presídio, da Lei de Execuções Penais</p>

A busca pelo sentido no existir e no viver manifesta-se no morar com, no habitar com, na vida em comunidade. A seguir, o quadro que sinaliza as possibilidades de sentido de um Topos.

QUADRO SINÓPTICO 2 - AS PRIMEIRAS POSSIBILIDADES DE UM TOPOS

O HUMANO	PARADOXO	UTOPIA	HETEROTOPIA	ATOPIA
Personagem	unidimensional	nenhum lugar	o outro lugar	o não lugar
Sujeito social	pluridimensional	radicalidade	alteridade	possibilidade
Sujeito de direitos	espetacular	transformação	diferença	espaço

Na próxima seção buscaremos destacar que sentido emerge dos discursos. Essa busca de *sentido*, que é filosófica, simbólica e social, desencadeia nos seres humanos desde os tempos remotos a procura por espaços públicos a serem compartilhados, socializados.

2.2 Dos discursos, um sentido emerge: Que Estado é este?

“Um mapa do mundo que não inclua a utopia não é digno de se espiar, pois ignora o único território em que a humanidade sempre atraca, partindo em seguida, para uma terra ainda melhor”

OSCAR WILDE

Como palavra, figura, metáfora, movimento, a utopia é também uma forma de ação, pois aponta para a cidade justa, que somente será possível mediante a efetivação dos direitos humanos e de uma transformação social. Entretanto, para falar sobre a utopia é igualmente necessário discorrer sobre a distopia²⁴, e ambas se encontram, como dois pontos em uma reta, em um lugar que a partir da modernidade passou a se denominar Estado²⁵. Por que foi criado o Estado? O Estado foi criado para ser defensor e promotor dos direitos humanos? Entende-se por Estado²⁶ o conjunto de órgãos estruturais e de instituições públicas: a União, os Estados-membros e os municípios. A Teoria Constitutiva do Estado o define como pessoa de direito internacional público somente se reconhecido como soberano por outros Estados.²⁷

24 Ao contrário da Utopia, que se refere a sistemas sociais idealizados, a Distopia, ou a Antiutopia, está intrinsecamente relacionada às sociedades atuais. É a não realização do ideal utópico mediado negativamente pelas ações humanas.

25 Estado, do latim, Status, us: modo de estar, situação, condição. No Dicionário HOUAISS, é definido como “conjunto das instituições – governo, forças armadas, funcionalismo público, etc., que controlam e administram uma nação. País soberano, com estrutura própria e politicamente organizado”. Na obra *O Príncipe*, Nicolau MAQUIAVEL utiliza a palavra Estado com o seu sentido contemporâneo: como uma organização política, social e jurídica, que ocupa um território definido, com uma legislação, como uma constituição escrita, com um governo soberano, com reconhecimento nacional e internacional.

26 Segundo Silvio GALLO, o Estado concentra em seu poder e cargos absolutos (governo) a autoridade central sobre uma população em um determinado território. O Estado é mais do que um poder político central, é o controle que exerce sobre esse território, sobre essa população, sob a forma de uma ideologia. Entre os tipos de organização, há os Estados teocráticos da Antiguidade Oriental, o Estado Monárquico Absoluto (séculos XVII e XVIII) com total centralização do poder do monarca, e com a Revolução Francesa ascende o Estado Democrático, o qual consolida-se como democrático com o reconhecimento dos direitos civis. Os modelos de Estado Autoritário e Estado Liberal são os contemporâneos modelos sob os quais o Estado continua a violar os direitos humanos. ROUSSEAU, em *O Contrato Social*, já antevia o Estado como instrumento de classe: “Em primeiro lugar, a autoridade soberana é simples e indivisa, e não se pode reparti-la sem a destruir. Em segundo lugar, uma cidade, bem como uma nação, não pode ser legitimamente submetida a uma outra, porque a essência do corpo político está no acordo da obediência e da liberdade, e estes termos vassalo e soberano são correlações idênticas cuja ideia se reúne sob um único conceito: cidadão.”

27 Nos anos 90, o Estado da Palestina, apesar de ter o reconhecimento por mais de 100 Estados, não conseguiu apoio suficiente para que se estabelecesse nos critérios da teoria constitutiva.

Assim como o Estado existe há longa data e se prolonga de várias formas²⁸, também no Estado Moderno, surgem conceitos como cidadão, burguês, classe e todas as implicações que envolverão, cada vez mais, o Estado e a sociedade civil.²⁹ A res publica, a coisa pública, deveria ser a cidade justa. Mas a polis, a politeia, a cidade-estado, o Estado-nação, as repúblicas clássicas, liberais, comunistas, o Estado democrático de direito - neste mapa mundi, desde a criação e institucionalização do Estado, não há a utopia almejada por Oscar WILDE. Pelo contrário, quanto mais poder se conferiu ao Estado, maiores foram se tornando as violações à dignidade da pessoa humana³⁰.

“A organização estatal das associações políticas e sociais era largamente disseminada. Mas, mesmo o Estado estatal “rex et regnum” só foi conhecido, no sentido ocidental, pelo Ocidente. Parlamentos de “representantes do povo” eleitos periodicamente, e a liderança de demagogos e chefes partidários constituídos em “ministros” responsáveis perante o Parlamento, só foram totalmente estabelecidos pelo Ocidente, se bem que, naturalmente, sempre tivessem havido “partidos”, no sentido de organizações para a tomada e orientação do poder político. O próprio “Estado”, tomado como entidade política, com uma “Constituição” racionalmente redigida, um Direito racionalmente ordenado, e uma administração orientada por regras racionais, as leis, administrado por funcionários especializados, é conhecido, nessa combinação de características, somente no Ocidente, apesar de todas as outras que dele se aproximaram. O mesmo ocorre com a força mais significativa de nossa vida moderna: o Capitalismo.”

WEBER: 1989, 3-4

28 O Congresso de Viena (1815) reconheceu a existência de 39 Estados soberanos no sistema diplomático europeu. Neste sentido, os Estados que surgissem no futuro teriam que passar pela aprovação, pelo reconhecimento de algum dos Estados constitutivos das grandes potências. Conforme a Convenção de Montevideu (1933) os critérios para o reconhecimento internacional de um Estado são a existência de uma permanente população, território definido, governo, capacidade de entrar em relações com outros Estados.

29 Max WEBER (1989: 6-7): “Capitalismo de empresários isolados, de especuladores em larga escala, de colonizadores, e boa parte do capitalismo financeiro, mesmo em tempo de paz, mas principalmente na exploração das guerras, ainda possui essas características nos modernos países ocidentais, e, uma parte, apenas uma parte, do grande comércio internacional – hoje como sempre – ainda está preso a elas....Assim como o mundo não conheceu uma organização racional do trabalho fora do moderno Ocidente, ou justamente por isso mesmo, não existiu antes nenhum socialismo racional.”

30 Algumas dessas violações são os efeitos das grandes obras para a remoção forçada das populações; as execuções promovidas por forças policiais; a violência contra a mulher; a insegurança dos defensores de direitos humanos, e a necessidade de melhorar a proteção de povos indígenas e quilombolas. (Fonte: Relatório final do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas /ONU em maio de 2012.)

A noção de Estado moderno no Ocidente tem como referência o fim do Império Romano³¹, que em seu sistema político havia desenvolvido leis, e estabeleceu a distinção entre as esferas do público e do privado. O Estado Moderno³² é uma forma de poder político centralizado, em relação e cooptação com outras formas institucionais de poder, como a Igreja Católica e a Nobreza, e começa no final do século XV, com a ascensão do Absolutismo e do Capitalismo.³³

Algumas de suas principais características são a organização de um exército, economia mercantilista, cobrança de tributos, homogeneidade cultural e nacional. Para Max WEBER (1989) o Estado exerce uma autoridade racional-legal, e compete ao Estado a organização e o controle social, a coerção, que é o uso legítimo da violência³⁴.

“Lutas de classe entre camadas credoras e devedoras, proprietários fundiários e gente sem terra, servos ou meeiros; interesses comerciais e consumidores ou proprietários de terra tem existido em toda parte e em diversas constelações. Mas, as lutas da Idade Média ocidental, entre empresários e empregados, só tiveram neles simples indícios. Inexistia por completo o atual conflito entre o empresário industrial e o operário livre. Assim, não podia haver problemas como o moderno socialismo”.

WEBER: 1989

31 “Tal é o pendor natural e inevitável dos governos melhor constituídos. Se Esparta e Roma pereceram, qual o Estado que pode esperar durar eternamente?” ROUSSEAU, O Contrato Social

32 O Estado Moderno na Europa emerge com os Tudors (Inglaterra), os Habsburgos (Espanha) e os Bourbons (França)

33 O capitalismo já existia na Antiguidade Mediterrânea, na Idade Média, na Idade Moderna. Eram viajantes, navegadores, negociantes. Negócios feitos em armazéns, firmas, corporações, bancos. Especuladores do lucro monetário, financiadores, administradores, arrendatários, cobradores de impostos. Mão-de-obra escrava, súditos, colonizados, financiados, compradores, consumidores. Diversas formas de organização econômica e política: abastecimento coletivo, protecionismo e “laissez faire”, economias socialistas e comunistas familiares, religiosas, militares.

34 O Estado representa a maior força de organização dos agrupamentos humanos, sob as garantias do acordo firmado na Paz de Westfalia (1648), também conhecida como os Tratados de Münster e Osnabrück, encerrou a Guerra dos Trinta Anos e reconheceu oficialmente as Províncias Unidas e a Confederação Suíça. O Tratado Hispano-Holandês, que pôs fim à Guerra dos Oitenta Anos, foi assinado em 30 de janeiro de 1648 (em Münster). Já o tratado assinado em 24 de outubro de 1648, em Osnabrück, entre Fernando III, Sacro Imperador Romano-Germânico, os demais príncipes alemães, França e Suécia, pôs fim ao conflito entre estas potências e o Sacro Império.

FUKUYAMA (1992) referiu-se ao vigoroso poder da democracia liberal como superação do demais modelos políticos-econômicos. Se em HEGEL³⁵ o fim da história é chegar a uma forma de governo e de instituição ideais, mediante a igualdade jurídica, em FUKUYAMA³⁶ o capitalismo veio e ficou para mostrar ser a superação dos demais sistemas³⁷. Deste modo, na prática política, o Estado consoma-se em uma perspectiva totalitária, que engessa as liberdades individuais em nome de uma abstrata vontade racional e objetiva, ou como violador mediante a exclusão social profunda que se vincula à noção de Estado Liberal³⁸. Em ambos paradigmas, seria a morte da utopia.

35 Para o filósofo alemão F. HEGEL, “O Estado é a realidade em ato da Ideia moral objetiva, o espírito como vontade substancial revelada, clara para si mesma, que se conhece e se pensa, e realiza o que sabe porque sabe” (Princípios da Filosofia do Direito, 1986, p. 200). É a universalização da consciência particular, que se materializa pelo costume, e cujos indivíduos ligam-se em suas liberdades individuais à unidade substancial, absoluta, que é o Estado: Nele a liberdade obtém o seu valor supremo, e assim este último fim possui um direito soberano sobre os indivíduos que em serem membros do Estado tem o seu mais elevado dever” (op.cit, p. 201). HEGEL minimiza a importância do lugar e da origem histórica do Estado: “A subjetividade da liberdade apenas contém um momento unilateral da ideia da vontade racional que só é verdadeiramente ela mesma quando em si também é o que é para si. Um outro posto tem ainda o pensamento que reconhece o Estado como algo de racional para si: é o de considerar o que há de exterior no fenômeno – a contingência da carência, a necessidade de proteção, a força, a riqueza, etc. - não como momentos da evolução histórica mas como a substância do Estado” (op. Cit., p.20)

36 O autor de “O fim da história e o último homem” (1992) acredita ser a democracia liberal o ponto final na evolução humana. Baseado especialmente na observação da política e da economia dos Estados Unidos, FUKUYAMA pensa ser esse modelo ideal, no sentido de ser extremamente organizado, consagrado e por isso hegemônico, e também pelo fato de não perceber nenhuma outra possibilidade alternativa a esse modelo que tenha tido ou que venha a ter chance de êxito, conforme as realidades políticas e econômicas mundiais, concentradas como uma realidade bipolar: ou liberal ou anti-liberal.

37 É fundamental partir desta perspectiva crítica com relação à história como uma história de exclusão, na qual em nome da liberdade, os direitos civis e coletivos foram constantemente subjugados. A auto-proclamada Comunidade dos Livres nos Estados Unidos em 1809 foi composta por governantes que, ao mesmo tempo em que exultavam a liberdade como princípio de governo, eram proprietários de escravos, sob o trinômio escravidão-mercadoria-estado racial. Desde os fins do século XIX percebe-se uma pulverização de Estados, dos quais mais de 200 integram a comunidade internacional, com representação nas Nações Unidas.

38 Domenico LOSURDO (2002) faz uma crítica contundente às formas pelas quais a discriminação e a violência se manifestam desde os povos coloniais. Os bem nascidos e livres eram considerados sujeitos de direitos. Os servos, escravos, filhos de escravos eram excluídos por serem considerados indignos da liberdade. Já antes da Revolução Americana (1776) havia uma pretensão de catalogar o gênero humano em conformidade com a cor da pele, na chamada Pirâmide dos Povos: “A África é inteiramente negra ou morena; a Ásia é prevalentemente habitada por gente com a pele

Já na contemporaneidade, acentua-se a busca de um sentido nas relações entre a sociedade civil e o Estado, e o questionamento sobre o sentido da existência de um Estado que parece cada vez mais atuar como violador do que como promotor dos direitos humanos.³⁹ Por essa razão, os direitos humanos, na sua transitoriedade, nas suas incertezas face à contextualidade proposta, posta e imposta por uma sociedade do espetáculo⁴⁰, são possíveis como momento contraditório/paradoxal de desumanização.

Ainda que esse mundo esteja aparentemente sedimentado sob a hegemonia de políticas econômicas e governos neoliberais e autoritários, o estranhamento em relação a si próprio e o encontro com os desiguais fazem com que esteja na agenda e na consciência das pessoas que concepções e alternativas de vida são coisas possíveis em um mundo possível: o nosso. Mesmo em crise ou pela crise, que:

“...denuncia os limites de um discurso sobre os direitos humanos que continuará sendo inadequado, às vezes hipócrita, em todo caso formal e inconsequente para consigo mesmo, enquanto a lei do mercado, a “dívida externa”, a desigualdade do desenvolvimento técnico-científico, militar e econômico mantiverem uma desigualdade efetiva tão monstruosa como essa que prevalece hoje, mais do que nunca, na história da humanidade”

DERRIDA, 1994

A seguir, fragmentos de discurso recolhidos sobre a presença/ausência e o sentido do Estado na sociedade.

escura”...Para representar a humanidade mais elevada restam os ingleses situados nos dois lados do Atlântico, o núcleo principal do povo branco, do povo branco de maneira pura (purely white people) e a única comunidade que encarna a causa da liberdade... A ponta continua a ser constituída pelos anglo-saxões (Inglaterra e pelos Estados Unidos), campeões inigualáveis do governo representativo e do progresso geral da humanidade.”

39 MARX e ENGELS, em O Manifesto Comunista, afirmam que o poder executivo do Estado moderno não é senão um comitê para gerir os assuntos comuns de toda burguesia.

40 “A sociedade do espetáculo” é o nome de um filme-documentário realizado por Guy DEBORD, filósofo e cineasta francês morto em 30 de novembro de 1994. É também o cerne de sua filosofia, na perspectiva da teoria crítica radical, que faz uma análise precursora e contundente sobre a moderna sociedade de consumo: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD: 1992, p.13)

Na verdade, o povo judeu e o povo árabe, islâmicos, são primos irmãos, viveram séculos juntos lá, não vai ser agora que não podem viver, mas a questão é econômica, a questão do petróleo, a questão é estratégica, e quem está pagando caro é o povo daquela região. Na realidade, os acordos de paz sempre fracassaram. Uma pena, porque nós, aqui no Brasil em particular, vivemos bem. Todas as crenças, todas as religiões, árabes, palestinos, judeus, alemães, vivem em paz, porque não podem viver lá em paz? Então o problema não é religioso, nem questão milenar, nem nada, o problema realmente é econômico, de interesses econômicos mundiais.

MOHAMAD ALI Bagé RS

O desenvolvimento de um modelo excludente - que *todo modelo capitalista é excludente*, ele cria também as suas contradições, assim como gera riqueza que atrai muita gente, cria muita gente num processo de marginalização e pior, exclusão social, onde hoje são sobrantes, e essa gente sobrando cria também uma série de condições desfavoráveis para o desenvolvimento mais harmonioso geral. *Por isso existem os problemas de saúde, drogadição, de pessoas que moram na rua, coisa que há pouco tempo não existia aqui no município*, que começam a ser novas formas de sobrevivência existentes.

ROQUE Caxias do Sul RS

O município apesar de ser pequeno deveria ter uma qualidade de vida melhor, mas a gente percebe muita falta de emprego no nosso município. *Falta de trabalho é o que geralmente leva as pessoas a caírem na dívida e esses são geralmente os fatores que levam a pessoa a depressão e posterior suicídio*. Nós temos poucas opções de trabalho realmente, o salário a nível municipal geral não é muito bom, se compararmos com outras regiões do Estado é bastante baixo, em todas as áreas.

Então, esse lado... geralmente o suicídio acaba ocorrendo por esses casos.

ELISIANE Chapada RS

E aqui em Panambi, o que mais me chama atenção nas escolas e na administração da educação, é que são sempre as mesmas pessoas, sempre, por isso que eu digo que aqui em Panambi parece que nada muda.

Panambi sofreu um retrocesso porque na década de 70 a gente tinha um cinema aqui, e agora o que tem aqui, não tem nada. Panambi andou pra trás, e depois parou no tempo. O que me chama atenção é isso, que são sempre as mesmas pessoas defendendo as mesmas ideias e quando aparece alguém que quer lutar pelo novo, não, não pode, tá errado, tu é um pecador, assim, eu já ouvi coisas horríveis...

JORGE Panambi RS

Até o Holocausto, não faz tanto tempo assim, muitos ciganos foram mortos, maltratados, judiados, exterminados e a história não mostra tanto isso. Mas isso vem de muito tempo, *acho que por volta de 1200 os ciganos também eram mortos, feitos escravos, as mulheres principalmente eram mortas pra não gerar mais a propagação da raça*, eram feitas atrocidades e aconteciam muitas coisas assim.

GRACIELA Bagé RS

Meu objetivo na vida era só buscá um lugar pra me estabilizá e pra morá
GILSON Imbé RS

Nos acusam de bruxos, macumbeiros, ladrões, de nos apropriar de propriedades de locais ociosos, isso aí tudo... Inclusive eu já até sofri preconceito numa ocasião, um sacerdote que me cumprimentava muito entusiasticamente, “Você uma pessoa muito alegre!! Você é uma pessoa que tá sempre de bem com a vida”, até que um dia eu disse assim: Realmente eu sou uma pessoa muito alegre, porque graças a Deus eu sou um cigano, eu vivo em harmonia comigo e com a natureza. O que aconteceu: como diz o chavão gaúcho, foi como se tivesse mostrado a cruz para o demônio.

Ele começou a diminuir as saudações, começou a me evitar, até silenciar completamente.

CARLOS EDUARDO Bagé RS

Eu comecei a tocar com treze anos, e encarei a música como profissão. Então, imagina o que eu passei. Não foi fácil. E aqui em Santa Cruz era muito difícil. Santa Cruz numa época foi considerada a Capital do Músico, de tanta orquestra e músico que tinha aqui. *E negrão aqui, sabe como é que funciona né? É difícil. Negrão aqui é difícil.* Eu botei na minha cabeça uma coisa. Eu mando o cara olhar no mapa. Olha o mapa do Brasil. Santa Cruz está dentro do mapa do Brasil, então é Brasil. Quem não gostar... Tem um ditado que diz: "A porta da rua é a serventia da casa". Eu sofri, guria.

ALCEMIR Santa Cruz do Sul RS

Olha, é muita discriminação, a gente convive com isso aí. Que nem esses dias a mulher do hotel aqui né.

Uma coisa que não tinha nada a ver, ela veio xingando e falando que a gente era animal, sabe. Eu acho muito triste isso, quando as pessoa é discriminada desse jeito. É por causa que eles tinham colocado os banheiro aqui, como a gente tava perto dos banheiro, puxemo mais pra lá né, mais pro fundo. E ela achou que a gente tinha colocado de propósito virado pro hotel dela, né. Daí ela veio perguntar quem tinha puxado, até o meu esposo falou que foi ele que tinha puxado os banheiro pro fundo, né. Daí ela começou:

“É, vocês não têm, vocês índios são que nem o animal.”

MARIA CASTORINA Torres RS

Eu faço artesanato. Essas aqui são as panelinhas de pressão e as chaleirinhas. Eu uso tesoura e parafuso só. Eu pego no lixo, na rua, as lata, os parafusos eu compro daí eu faço. Eu vendo a cinco reais cada uma. Às vezes eu vendo. Daí sempre na comida né. Tomar um refri de vê em quando. Ah... eu gosto de refrigerante, de sorvete. De vez em quando eu peço nas casa daí. Ah... *Alguns tratam bem, outros tratam mal. Eles mandam trabalhar. Chamam de vagabundo às vezes. Às vezes eles xingam mesmo a gente.* Ah! No começo eu me sentia mal, mas agora eu já to mais acostumado.

FÁBIO Torres RS

Hoje nós temos três comunidades indígenas, na Estiva, Cantagalo e Itapuã, e essas comunidades, com nossos resquícios dos europeus, nós sofremos com isso e eles sofrem muito mais do que nós a questão da cultura. Nós vemos um diferencial que é a nossa legislação, baseada toda na cultura branca europeia, então como fazer esse parâmetro? A gente vai julgar um índio na legislação brasileira ou vamos respeitar as especificidades da cultura dele?

MICHELE Viamão RS

O que tem de melhor em Caxias é um povo bem acolhedor, um povo aconchegante, eu aprendi isso aqui, e o que se precisa praticamente não precisa recorrer a outras cidades ou capitais. *Quase tudo o que a gente precisa Caxias comporta.*

CARLOS Caxias do Sul RS

O que me orgulha em Panambi. Eu tenho vários orgulhos. Quando a gente sai tu vê um comentário: bah Panambi, as empresas, nós temos duas grandes empresas, várias médias empresas, muitas pequenas empresas em Panambi. *O que me orgulha é que Panambi é vista como uma cidade com um baita potencial, colonizada por alemães, e que nos passa orgulho a partir do momento que tu vai pra fora de Panambi e eles defendem isso e nos perguntam, Panambi é a cidade das empresas? E é, realmente esse o meu orgulho, de morar na cidade que produz e contribui pro Estado e pro Brasil.*

CHICO Panambi RS

Se a pessoa gosta de uma coisa diferente, aqui em Panambi ela já sente muito preconceito, e isso já vem desde sempre, não só preconceito de cor, mas preconceito de estilo musical, estilo de roupa, de tudo.

GIOVANA Panambi RS

E aqui em o pessoal tem preconceito com quem é de fora, que nem eu, sou de Cruz Alta, e já ouvi muita coisa, muita piada por ser de Cruz Alta, mas acho ainda que o maior preconceito é a religião aqui, isso é muito forte e muito triste. Isso aí já vem da história de Panambi, porque Panambi pertencia a Cruz Alta, então, óbvio que o pessoal que pertence a outra cidade, queria ser independente, tu acaba difamando aquilo que tu não gosta, mesma coisa como piada de português, entende? O brasileiro criou a piada de português porque era um povo praticamente escravo. Panambi criou isso sobre Cruz Alta, quem é de Cruz Alta é preto, ladrão, não presta... E quem não tem sobrenome alemão aqui também, se dá mal.

JORGE Panambi RS

Nós não queremos negar a importância da imigração germânica pra região, nem a importância da imigração italiana pra região norte, mas a gente quer dizer que essa é uma terra, como toda terra, formada por vários povos de etnias diferentes, com costumes diferentes, com crenças diferentes, e que *é nessa diferença que está a riqueza das regiões e não na afirmação de uma identidade hegemônica, de uma identidade que narra a prosperidade, porque a gente sabe onde é que termina esse discurso.*

JOÃO PAULO Santa Cruz do Sul RS

Os discursos permitem estabelecer uma trilha lógica, e significam muito mais do que simples percepções individuais de sujeitos sociais. São sujeitos de direitos que falam fato que pode ser percebido no próximo quadro sinóptico.

QUADRO SINÓPTICO 3 – A TRILHA LÓGICA DOS TOPOS

Em Bagé	Discriminação: estrangeiros, ciganos, quilombolas
Em Caxias do Sul	Exclusão social: sobrantes, sem teto, drogadição e violência/ contraste com o desenvolvimento econômico
Em Chapada	Exclusão social: falta de empregos, salários baixos, suicídios
Em Imbé	Falta de políticas públicas: moradia popular, saúde
Em Panambi	Conservadorismo, discriminação, falta de políticas públicas para cultura, esporte, juventude / contraste com o desenvolvimento econômico
Em Santa Cruz do Sul	Discriminação: negros, indígenas
Em Torres	Discriminação: indígenas Falta de políticas públicas: moradia popular; abrigos
Em Viamão	Discriminação: indígenas e outros Exclusão social: sobrantes, sem teto, drogadição e violência

São sujeitos de direitos que falam de um Estado violador dos direitos humanos, pois o Estado, quando não exerce o papel de defensor dos direitos fundamentais, sociais, econômicos, culturais, ambientais; quando atua sob formas de repressão, omissão, autoritarismo, cooptação; quando se compromete com interesses religiosos, político-partidários e econômicos; com toda e qualquer forma de relação que não vise ao respeito à liberdade, à dignidade e à igualdade, senão formalmente:⁴¹ em todas estas situações, atua como Estado violador dos direitos humanos.⁴²

Os 4 Ps: preso, preto, pobre e prostituta. A violência institucional foi durante vários anos a violação dos 4 Ps. Isso no Brasil independente, e passa até 1960 e poucos. As classes mais baixas são vítimas dessa violência, vítimas silenciosas, e o que ocorre? Na década de 70 aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul a partir de 64, essa violência institucional começa a ser sentida pela classe média. Os políticos radicais que se insurgiram contra esse sistema, isso começa a ser denunciado e daí os movimentos de direitos humanos, nacionais e internacionais, entram nessa briga, no sentido de proteger essas pessoas. Passado o regime militar, as forças se recolhem aos quartéis, temos um momento de estabilidade, as polícias civis e militares que em 64 eram força auxiliar do exército já não são mais auxiliares, são polícia de segurança e judiciária. Começamos a começar, no sentido de uma redemocratização e a construção de um estado democrático de direito.

MAURO LUIS SILVA DE SOUZA Aula Aberta em Imbé RS

O Estado não é uma arena neutra sobre a qual acontecem todos os tipos de relações e sobre a qual se busca resolver todo o tipo de conflito entre os diferentes grupos e interesses. Nessa perspectiva, o Estado democrático se mantém como resultado das pressões sociais. Entretanto, não é possível perceber o Estado como uma arena neutra, nem tampouco nessa arena foi resolvido o conflito da desigualdade social.

41 Entre as violações mais comumente cometidas pelo Estado na área da saúde estão a falta de leitos, equipamentos e de estrutura na rede hospitalar, e em muitos municípios, a falta de hospitais e de postos de saúde. Na educação, a situação é igualmente desoladora. Bibliotecas fecham por falta de funcionários e de estrutura, laboratórios que não são utilizados pelos alunos por falta de técnicos e de equipamentos; escolas com estruturas precárias, professores e técnicos mal remunerados, altos índices de evasão e de reprovação dos alunos, e ausência de políticas públicas na área.

42 Existem elementos de integração e de diferenciação entre o Estado moderno e a sociedade civil. Pensadores como HOBBS, ROUSSEAU e KANT percebem uma relação entre ambos; para HEGEL e TOCQUEVILLE há uma independência de identidade. Para ALTHUSSER as organizações civis como escolas, igreja, sindicatos, integram um aparelho ideológico estatal.

3. O problema se materializa

“O espetáculo é o herdeiro de toda a fraqueza do projeto filosófico ocidental, que foi um modo de compreender a atividade dominado pelas categorias do ver; da mesma forma, ele se baseia na incessante exibição da racionalidade técnica específica que decorreu desse pensamento. Ele não realiza a filosofia, filosofiza a realidade. A vida concreta de todos se degradou em universo especulativo.”

GUY DEBORD, 1997: 19

O Estado, ao longo de sua evolução histórica, tem sido uma arena algoz⁴³ porque concentra em si e cada vez mais, o poder. A especialização do poder é a mais velha forma de especialização social, e está na raiz do espetáculo. O Estado, especialmente a partir do século XX, atua como a representação diplomática (ou autoritária) da sociedade hierárquica diante de si. Desde a modernidade, o Estado passa a ocupar um espaço determinante como o locus de poder, política e soberania, e que na contemporaneidade se pulveriza na forma de micropoderes⁴⁴, é o centro do espetáculo. O mundo é mediatizado por imagens, as relações entre as pessoas são mediadas por imagens, que funcionam como motivações eficientes de um comportamento hipnótico.

A finalidade é mostrar a irrealidade da sociedade real, o mundo invertido, onde se afirma a aparência, e portanto o verdadeiro é um momento do falso. O estado espetacular se constitui não de forma acessória, mas substancial em todas as formas de expressão: informação, política, propaganda, publicidade, consumo, cultura, educação. Onipresente na vida, transformando a vida em ilusão.

43 Os efeitos devastadores de duas guerras mundiais, do nazismo, da bomba atômica, da Guerra Fria, da escravidão, dos genocídios, do terror, da xenofobia, das ditaduras, da hegemonia do capitalismo, da especulação e do fetichismo do mercado e da mercadoria.

44 Para MAQUIAVEL o poder equivale ao agir político do Estado. FOUCAULT refunde o conceito de poder a partir da existência de micro poderes, da realização do poder em várias instâncias, de forças reivindicatórias como uma forma de combater legitimamente o centralismo do poder estatal

3.1 Na sociedade do espetáculo

Guy DEBORD denomina sociedade do espetáculo a *“liberdade ditatorial do mercado, temperada pelo reconhecimento dos direitos do homem espectador”* (1997, p. 11). Para ele, o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas *uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens*. É simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente, é a mercantilização do mundo:

“Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade.”

GUY DEBORD, 1997: 14

Para Guy DEBORD, é constante em uma economia capitalista o aprisionamento na riqueza ilusória da sobrevivência ampliada, a base para de aceitação da ilusão geral no consumo das mercadorias. O consumidor de mercadorias é um consumidor de ilusões. O espetáculo é a manifestação dessa ilusão, equivale a uma abstração, “o dinheiro que apenas se olha”. O vivido aparente é a vedete do espetáculo, e os seus tipos variados de vida para agir globalmente. As coisas reinam.

“Onde se instalou o consumo abundante, aparece entre os papeis ilusórios, em primeiro plano, uma oposição espetacular entre a juventude e os adultos: porque não existe nenhum adulto, dono da própria vida, e a juventude, a mudança daquilo que existe, não é de modo algum propriedade desses homens que agora são jovens, mas sim do sistema econômico, o dinamismo do capitalismo”. DEBORD (1997: 42)

Para István MÉSZÁROS (2007) a lógica do capitalismo se desenvolve em um contínuo processo de reprodução social no qual a regra geral é que o capital é irreformável. É de sua própria natureza a totalidade reguladora sistêmica e a reprodução de uma lógica autoritária que possui uma forma de ser própria e perversa, o fetichismo e a reificação da mercadoria. É característica própria desse sistema não dar conta das necessidades de todos. As relações sociais são de poder e de dominação, mediante as

quais o sistema se reproduz, com maior ou menor violação, mas sempre com violação. Para DEBORD, sob os variados espetáculos e sob formas variadas de alienação, o que se esconde é a unidade da miséria. Há sempre uma população excluída no capitalismo⁴⁵. Assim como o capitalismo, o espetáculo deseja tão somente chegar a si mesmo. Afirma a vida humana como aparência de vida humana, e ao reinar como monopólio da aparência, afirma ser bom o que aparece, porque somente o que aparece é bom:

“É o sol que nunca se põe no império da passividade moderna”

GUY DEBORD, 1997: 17

Deste modo, para DEBORD as sociedades modernas sofreram, em uma primeira fase, a degradação do *ser* para o *ter*; em função da dominação da economia sobre a vida social. Agora, quando a vida social se (a)fundam em relações completamente dependentes dos resultados da economia global, da especulação financeira, e do poder - a raiz do espetáculo, a degradação passa do *ter* para o *parecer*. Assim sendo, o mundo real se transforma por meio de imagens, um campo hipnótico no qual o espetáculo *faz ver*:

“O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é a guarda desse sono.”

GUY DEBORD, 1997: 19

O paradoxo no Estado *de jure* apresenta no discurso dos direitos humanos elementos formais de uma vida digna, mas *de facto* produz, com seu poder de repressão, situações de violação dos direitos humanos e reproduz uma lógica social que pode ser fundada no espetáculo:

45 Hans-Georg FLICKINGER, na obra *Em nome da Liberdade. Elementos da crítica ao liberalismo contemporâneo* (2003) expõe as condições objetivas sobre as quais o liberalismo contemporâneo se apresenta, a partir de referenciais teóricos em obras de HEGEL, MARX e Carl SCHMITT.

HEGEL expõe as condições objetivas sobre as quais a sociedade liberal faz da ideia de liberdade o princípio universal, e em MARX essa sociedade é analisada na perspectiva da coisificação gerada pelo capitalismo. Já na introdução de sua obra, FLICKINGER declara: “Pois é nessa complementaridade que se mostra a contradição inerente a essa sociedade, já que ela se alimenta da convicção orgulhosa de que todos os seus membros dispõem do mais amplo espaço possível para seguir livremente seus interesses, ao mesmo tempo que se entrega à perversão de uma (ir)racionalidade econômica, cuja dinâmica tende a submeter as mesmas pessoas ditas “livres” ao domínio do cálculo quantificador”.

“O homem separado de seu produto produz, cada vez mais e com mais força, todos os detalhes do seu mundo. Assim, vê-se cada vez mais separado do seu mundo.

Quanto mais sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida”

GUY DEBORD, 1997: 25

Não é possível imaginar a “cidade justa” diante do Estado espetacular alienante, no qual a alienação do espectador o faz contemplar. O espetáculo só existe porque diante dele existe uma aceitação passiva do espectador. O mercado é a “mão invisível”, o “Grande Irmão” que guia as ações do Estado. Assim, a relação que se estabelece entre o Estado espetacular como arena de concretização da sociedade espetacular é inevitável. Para BAUMAN (1999), o capital não tem domicílio fixo, os controles financeiros estão além dos governos nacionais, os controles dos Estados nacionais perdem terreno para os conglomerados transnacionais. Os Estados Nacionais operam hoje sob a transnacionalidade, que na verdade é o chamado mundo globalizado, e que BAUMAN denomina de “a nova desordem mundial”, manifesta por uma suposta ordem, pelo controle estatal com base no tripé das soberanias militar, econômica e cultural. O espetáculo da ordem no caos, do caos em ordem.

“O significado de Estado foi precisamente o de um agente que reivindicava o direito legítimo e se gabava dos recursos suficientes para estabelecer e impor as regras e normas que ditavam o rumo dos negócios num certo território; regras e normas que, esperava-se, transformassem a contingência em determinação, a ambivalência em Eindeutigkeit (clareza), o acaso em regularidade – em suma, a floresta primeva em um jardim cuidadosamente planejado, o caos em ordem”

BAUMAN, 1999: 68

Richard SENNET (2006) observa na obra *A Cultura do Capitalismo* que em uma geração anterior as nações e as cidades podiam controlar as suas riquezas, e essa geração foi substituída por outra, marcada pela divisão entre Estado e economia. Na contemporaneidade há um vínculo estreito e poderoso entre Estado e mercado. Alterar substancialmente o quadro atual, sob a efusão da sociedade do espetáculo não é tarefa simples e, nesse quadro, como é possível a fundação de um novo paradigma que afirme os direitos humanos, e que os mesmos não sejam obliterados pelo espetáculo da sociedade-mercado, do Estado-mercado, na sociedade do espetáculo? A economia de mercado e a democracia liberal, apesar de estarem em vigor de forma global, não respondem às necessidades mais fundamentais do ser humano.

Para DEBORD (1997: 98), “um novo tempo irresistível da burguesia” afirma que o trabalho é um valor, e o burguês identifica com o trabalho o seu próprio valor, em uma relação com o Estado no qual busca atender tão somente o seu conjunto de interesses⁴⁶. Na contemporaneidade, a sociedade do espetáculo manifesta-se como o grande poder sobre todos os poderes constituídos. Assim como a “mão invisível” ou o “Grande Irmão”, a sociedade do espetáculo existe porque existem os espectadores, enquanto as expectativas parecem perecer. Em seus “Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo”, DEBORD (1967) entende por espetacular “*a eternidade da não-importância do instante*”. Conclui que, como se pode observar especialmente a partir das décadas de 70 e 80, a sociedade contemporânea é efetivamente uma sociedade do espetáculo - uma política-espetáculo, uma justiça-espetáculo, uma medicina-espetáculo, e demais “excessos midiáticos”. O espetáculo é o Morfeu contemporâneo:

“O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada que finalmente não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono.”
DEBORD

Para DEBORD a sociedade do espetáculo se apresenta de três formas: *o espetáculo difuso, o espetáculo concentrado e o espetáculo integrado*. O espetáculo *difuso* refere-se ao às relações burguesas, as sociedades de mercado, capitalistas. O espetáculo *concentrado* é próprio dos regimes autoritários, de controle, como foram o nazismo, o facismo e o stalinismo. Uma terceira e mais recente forma, que vem como uma combinação das duas anteriores, é o espetáculo *integrado*, constitutivo das sociedades industriais, tecnológicas, da fusão econômico-estatal.⁴⁷ O estágio do

46 Zygmunt BAUMAN, na obra *Globalização: As consequências humanas* (1999) refere-se à forma engenhosa do envolvimento entre o mercado e o Estado, entre política e economia. Seguindo as regras de livre mercado, a economia reina paralela ao sistema político, e fica portanto, alheia ao seu controle. Na verdade, muitas vezes regula e dita as regras, de forma indireta, mas de acordo com seus interesses: O que quer que restou da política, espera-se, deve ser tratado pelo Estado, como nos bons velhos tempos – mas o Estado não deve tocar em coisa alguma relacionada à vida econômica: qualquer tentativa nesse sentido enfrentaria imediata e furiosa punição dos mercados mundiais (p. 74). Ao Estado compete ter um orçamento equilibrado, policiar e controlar as pressões locais e, é claro, render-se aos encantos das transações financeiras especulativas que atingem cifras bilionárias. Proliferam-se, segundo BAUMAN, os Estados soberanos frágeis e impotentes: “Pode-se dizer que todos tem interesses adquiridos nos “Estados fracos” - isto é, nos Estados que são fracos mas mesmo assim continuam sendo Estados” (p. 75)

47 “A aliança – defensiva e ofensiva – firmada entre essas duas forças, a economia e o Estado, garantiu-lhes os maiores ganhos comuns em todos os domínios: pode-se dizer que cada uma das duas

espetacular integrado tem como suas principais características o segredo generalizado – o que é segredo de Estado não pode nem deve ser contestado, é a mentira sem contestação, ou o desaparecimento da opinião pública. Os chamados inimigos internos são os que poderiam atentar contra a estabilidade da democracia, da ordem, da governabilidade, os que agirem de forma indisciplinada, rebelde, insurgente. As medidas de controle social estão presentes nas sociedades contemporâneas tidas como democráticas. Mas as ações totalitaristas ocorrem quando se utilizam formas de controle social para, por exemplo, disciplinar professores, monitorar fontes de informação, marginalizar e desqualificar intelectuais, militantes não domesticáveis, e defensores dos direitos humanos. Na sociedade espetacular, que dispõe dos múltiplos canais de comunicação e de redes tecnológicas, o que realmente importa, é o oculto.

O espetáculo existe, se firma e afirma na sociedade liberal e no Estado liberal, e DEBORD aponta fatos: o desaparecimento da opinião pública, ou “a mentira sem contestação”, nos campos da política, da arte, do direito; os argumentos são inúteis, o empobrecimento do conhecimento pela proliferação da desinformação, ou o mau uso da verdade. Em outras palavras, a alienação das subjetividades, das identidades. O sono que nunca acaba, pelo adestramento do pensar, proporciona um não-pensar. Uma existência condicionada à submissão das normas espetaculares leva à supressão da personalidade, à não-autenticidade, a pressão do mass-media que conduz ao irracional”.⁴⁸ Os sujeitos deixam de ser sujeitos, ao tornarem-se observadores, voyeurs, espectadores.⁴⁹ O observador observa, não re-age, portanto, não transforma. É o espectador que sustenta o espetáculo. É o espectador que alimenta o entertainer:

possui a outra” DEBORD, p. 175. Em outra passagem, ele reafirma a preponderância do espetacular integrado: “A sociedade no estágio espetacular integrado é a sociedade perfeita para ser governada; a prova disso é que todos os que aspiram ao governo querem governar essa sociedade, e mantê-la exatamente como ela é” (p.182)

48 DEBORD afirma que o juízo de FEUERBACH a respeito de sua época, que preferia a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, foi inteiramente confirmado pelo século do espetáculo, pela produção e indústria capitalista

49 DEBORD, p. 182: “Aquilo de que o espetáculo deixa de falar durante três dias é como se não existisse. Ele fala então de outra coisa, e é isso que, a partir daí, afinal, existe”.

“Já não existem ágora, comunidade geral; nem existem comunidades restritas a grupos intermediários ou a instituições autônomas, a salões ou cafés, aos trabalhadores de uma mesma empresa; nem nenhum lugar onde o debate sobre as verdades que concernem àqueles que lá estão possa se liberar de modo durável da esmagadora presença do discurso midiático”

GUY DEBORD, p. 181

Assim como o Estado não é uma arena neutra, também o mercado, como um produto da história, é uma instituição social e política que assegura a prevalência de interesses de uns grupos sobre outros, que regula e mantém determinadas estruturas de poder⁵⁰. Estado e mercado coexistem de forma cada vez mais interdependente. Para o neoliberalismo a liberdade para escolher é fundamental, pois sem a propriedade privada e o mercado de concorrência não é possível haver uma sociedade efetivamente livre. Uma sociedade livre somente será possível mediante um mercado livre. O Estado, nessa perspectiva, é por excelência a instituição de coerção.⁵¹

Para DEBORD, o espetáculo leva à destruição da história, é o que ele chama de *presente perpétuo*. Significa que nas sociedades atuais é considerado importante e se torna socialmente reconhecido o que é instantâneo, e por isso o próximo instante será mais importante do que o atual, e assim indefinidamente. As importâncias são instantâneas, “*uma espécie de eternidade dessa não importância*”.

50 Na sociedade do espetáculo que abrange a totalidade das coisas, a crise de Wall Street, ainda que tenha levado muitas pessoas à falência, ao suicídio, e muitas outras a aumentar ainda mais o bolsão de miséria e exclusão social, torna-se tema de filmes que em estúdios norte-americanos consomem milhões de orçamento. O intuito não é o de minimizar os efeitos desta forma mais emblemática da crise, do colapso do capitalismo de Estado, mediante a especulação financeira. O intuito é o entretenimento do espectador e o investimento do retorno do espetáculo para novos investimentos em novos eventos espetaculares que alimentam o espetáculo da e na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que adiam a utopia. É nesse meio, e por esses meios, que precisamos entender melhor qual é o sentido da utopia na distopia de um mundo espetacular. Como entender a utopia em uma sociedade espetacular, sem ser absorvida por ela.

OSWALD DE ANDRADE, 1974b: 149 declara: “De fato, a minha vida e a minha vocação não podem esconder a origem do senhor rural, mas a crise de Wall Street, trazendo a ruína da minha família, como a ruína de todo o trabalho paulista, me fez sentir que éramos vítimas da luta imperialista”.

51 Para vigiar, regular, controlar, punir. Para preservar a propriedade dos que tem, em detrimento dos que não tem (LOCKE). A propriedade é consagrada pelo direito, garantida pelo Estado, e excludente. Aos excluídos, aos que são privados e passam por privações, como a fome, responde ADAM SMITH (A Riqueza das Nações), que “A fome não resulta da escassez de bens, mas de uma organização sócio-econômica garantida pelo poder político e militar de um estado que existe para defesa dos ricos em prejuízo dos pobres”.

“A construção de um presente em que a própria moda, do vestuário aos cantores, se imobilizou, que quer esquecer o passado e dá a impressão de já não acreditar no futuro, foi conseguida pela circulação incessante da informação, que a cada instante retorna a uma lista bem sucinta das mesmas tolices, anunciadas com entusiasmo como novidades importantes, ao passo que só se anunciam pouquíssimo, e aos arrancos, as notícias de fato importantes, referentes ao que de fato muda. Tais tolices dizem respeito sobretudo à condenação que este mundo parece ter pronunciado contra a sua existência, às etapas de sua autodestruição programada” GUY DEBORD, p. 176

O Estado-mercado espetacular, embora seja o modelo dominante, hegemônico e aparentemente vitorioso, vem evidenciando sinais do prenúncio de seu colapso.⁵² A maior evidência desse descompasso está na forma de relação social distópica. Quanto mais se produz para um poder independente, mais se alimenta um mundo estranho para si. O homem, separado de seu produto, produz cada vez mais poderosamente todos os detalhes de seu mundo, e assim encontra-se cada vez mais separado de seu mundo, “quanto mais sua vida se transforma em seu produto, tanto mais ele está separado de sua vida”⁵³. A sociedade do espetáculo materializa o problema: **a ineficácia de uma educação pautada por saberes e aprendizagens distintas do conhecimento prescrito nas escolas e fundada no reconhecimento e aceitação da diversidade cultural e suas diferenças, para a prática da não violência em todas as esferas da vida.**

52 A globalização sofre uma crise global, a grande especulação do capital financeiro não regulado, flexibilização nas relações de trabalho que implicam em um retrocesso nos direitos dos trabalhadores no que se refere à estabilidade no emprego, em benefícios na área da saúde, aposentadoria e garantias de segurança social; a jornada de trabalho cada vez mais longa, a necessidade de aceitação de salários mais baixos sob risco de perda do emprego; e várias formas de assédio moral.

53 DEBORD, em citação de seu filme Sociedade do Espetáculo, 1973.

3.2 Nas distopias que deslocam o lugar da Educação em Direitos Humanos

Se tomada de forma separada a sociedade do espetáculo pode levar a determinado tipo de entendimento que mascara a materialização das relações sociais de uma sociedade do capital.⁵⁴Entretanto, *sociedade do espetáculo* tem a ver com a totalidade das coisas, desde a crise de Wall Street ao suicídio, o bolsão de miséria à exclusão social, que ao serem tematizados de forma superficial servem de suporte para o consumo e para o entretenimento do espectador/consumidor.

Distopia (Dystopos, distopos) significa lugar estranho, ruim, lugar anormal. É a antiutopia, porque não estabelece projeções, ilusões ou fantasias quanto ao futuro, ao lugar que está fora; e porque está em conexão direta com a sociedade atual. É a partir dessa realidade que ela opera. Diferente da utopia, que é tida como inalcançável, inatingível, perfeita, a distopia é a constatação inadiável e insuportável do que a realidade é, com um amargo sabor de ceticismo ou mesmo de pessimismo diante do futuro dos humanos e das sociedades. Se a utopia permite um olhar confiante, otimista diante de um futuro do presente, a distopia representa o futuro do pretérito, ou o presente sem futuro. Como antítese da utopia, como utopia negativa, a distopia é a morte da utopia.⁵⁵

54 Sociedade: s.f. Reunião de homens, de animais, que vivem em grupos organizados; corpo social. / Conjunto de membros de uma coletividade. Espetáculo: s.m. Tudo aquilo que atrai o olhar, a atenção: o espetáculo da natureza. Contemplação. Representação teatral, cinematográfica etc. Servir de espetáculo ou dar espetáculo, ficar exposto às críticas do público; ser objeto de escândalo, de zombaria.

55 BERRIEL: “A distopia é a metáfora do capital financeiro”

O utopismo é a idealização, a visão fantasiosa ou fantástica construída sobre um ideal de governo, de cidade, de Estado. As utopias, a partir da modernidade, servem como norte ou como caminho para as mudanças, para as transformações sociais. As utopias simbolizam o norte para ações diretas, rebelião, revolução, transformação radical. As distopias vem no sentido oposto, para mostrar os aspectos negativos constituintes de uma determinada sociedade, como parte do que já é, ou do que virá a ser. Como utopia negativa, seria o dogma; como característica do Estado, seria o controle, o cerceamento das liberdades; como constituinte da sociedade, a forma de mostrar as chagas, as mazelas, tudo o que o ser humano é capaz de criar, fazer, realizar com o intuito de destruir, e, ao destruir o outro ou a natureza, destruir a si mesmo.

Há vasta produção cinematográfica que, com a força contundente das imagens, mostra que na distopia a vida não é bela, a cidade não é justa, o humano se desumaniza. O cinema pode ser uma forma de arte para educar ou para deseducar para o espetáculo. As obras que tematizam a distopia referem-se à crise do sujeito, com personagens criados para serem os novos sujeitos da contemporaneidade pós-moderna, e provavelmente os substitutos dos humanos: são máquinas robôs, clones, avatares, passando pela criação de hologramas, andróides, replicantes, sujeitos virtuais. Entre algumas obras cinematográficas que mostram sociedades distópicas estão *Metrópolis* e *Alphaville*⁵⁶, *Blade Runner*⁵⁷ e *Equilibrium*⁵⁸.

56 *Metrópolis*, de Fritz LANG (Alemanha, 1927) mostra uma sociedade distópica onde os seres humanos são divididos em castas. Em *Alphaville*, de Jean-Luc GODARD (França/Itália, 1965) – os humanos são seres sem luz. O computador Alpha 60 tiraniza os habitantes da cidade, abolindo os sentimentos, seres sem luz. “O filme acontece num momento em que comunismo e capitalismo não são antagonistas políticos, mas apenas dois sistemas distintos de planejamento. Um deseja programar a mente antes do corpo, o outro trabalha ao contrário”, declarou GODARD ao jornal *Le Monde*, 1965.

São temas distópicos: um submundo com violência, escassez alimentar, chuva ácida, desastres ecológicos, opressão política, científica, tecnológica, megaprodução de lixo industrial, experiências genéticas, robóticas, e variações dos mesmos temas.

57 Em *Blade Runner – O caçador de andróides* (direção de Ridley SCOTT, EUA, 1986), a futurista Los Angeles de 2019 é o retrato do mundo que se transformou em um submundo, e o homem, de caçador passa a ser a caça. Citação na abertura do filme *Blade Runner*: “No início do século XXI a Tyrel Corporation criou os robôs da série Nexus virtualmente idênticos aos seres humanos. Eram chamados de replicantes. Os replicantes Nexus 6 eram mais ágeis e fortes e no mínimo tão inteligentes quanto os engenheiros genéticos que os criaram. Eles eram usados fora da Terra como escravos em tarefas perigosas da colonização planetária. Após motim sangrento de um grupo de Nexus 6, os replicantes foram declarados ilegais sob pena de morte. Policiais especiais, os blade runners, tinham ordens de atirar para matar qualquer replicante. Isto não era chamado execução, mas sim ‘aposentadoria’.

Para DEBORD, o mundo já foi filmado. Significa que o espetáculo já mostrou – e continua mostrando exaustivamente o mundo ao mundo, em todos os ângulos e enquadramentos possíveis, diante de espectadores sonolentos, que consomem o que é exibido, noticiado, manipulado pelos meios de comunicação sob formas soníferas, não críticas, que deseducam e, ao deseducar, mantêm o servilismo do espectador.⁵⁹ Para ele, a forma de neutralizar o efeito nocivo que os meios de comunicação exercem, é pelo uso desses meios como forma libertária, crítica, radical, para a manifestação da arte, da poesia, da utopia. Na literatura, a distopia é tematizada em clássicos como *A Revolução dos Bichos*, e *1984*, de George ORWELL⁶⁰, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous HUXLEY:⁶¹

58 *Equilibrium* (de Kurt WIMMER, EUA, 2002). No filme, entre os que sobreviveram à 3ª Guerra Mundial no século XXI, estão os integrantes do Clero Grammaton. Para eles, a fonte de crueldade entre os seres humanos é a sua capacidade de sentir. Decreta-se que os humanos não podem cultivar sentimentos, não podem se emocionar. Em Libria, um Estado totalitário comandada por um “Pai”, os humanos devem tomar diariamente a dose de uma medicação, Prozium, para controlar o estado emocional de todos os que lá vivem. A liberdade de expressão e de criação artística são contra a lei, e punidas com a pena de morte. Outros filmes que apresentam cidades distópicas, estão *Logan's Run*, de Michael Anderson (EUA, 1976), *Inteligência Artificial*, de Steven Spielberg (EUA, 2001), *O Quinto Elemento*, de Luc Besson (França, 1997), *Minority Report*, de Steven Spielberg (EUA, 2002), e *Matrix*, de Andy Wachowski (EUA, 1999).

59 Ele denomina de antifilme a obra *A Sociedade do Espetáculo*, por ele realizada em 1973. O antifilme mostra a distopia da sociedade espetacular operando de várias formas, sempre com o objetivo de manter o controle sobre as massas.

60 A sátira (recurso frequentemente usado na distopia) ao stalinismo é tema abordado na fábula *A Revolução dos Bichos*, de George ORWELL que, em seu romance alegórico, apresenta vários mundos possíveis. Histórias de poder, ganância, traição. Partindo de um sonho visionário (do Major Porco) de que é possível acabar com a tirania, os animais, reunidos e unidos, partem para fazer a revolução. Entretanto, a tomada de poder não é suficiente para que haja uma emancipação. As atitudes decorrentes de cada ação, de cada personagem, começam a levantar questionamentos sobre o que se é capaz de fazer pelo poder, como lidar com os privilégios de estar no comando, como assumir o lugar de um tirano e não transformar-se em outro, como tomar decisões e agir com ética e de modo a atender ao coletivo. Enfim, um texto de ficção extraído de um mundo em ebulição, com as consequências da Revolução Russa, das Guerras Mundiais. ORWELL faz uma crítica antiimperialista, antiautoritária, ao mesmo tempo que, ao utilizar-se de metafóricos animais como personagens, traz à tona uma reflexão sobre a desumanização do humano. Já em sua obra *1984*, o escritor mostra a construção de um regime totalitário em uma sociedade auto-punitiva. O mundo que ORWELL denuncia é o dominado pela tecnologia. Um mundo de repressão, de ostensiva vigilância, de controle, um mundo em que “o grande irmão” monitora os indivíduos como forma de “zelo”.

61 Em *Admirável Mundo Novo* (1932), Aldous HUXLEY apresenta um futuro em que as pessoas seriam condicionadas biologicamente e psicologicamente em sociedades organizadas por castas.

“Então, camaradas, qual é a natureza da nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascermos, recebemos o mínimo de alimentos necessários para continuar respirando, e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade... vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua”

GEORGE ORWELL, *A Revolução dos Bichos*, p.11

“O Selvagem de HUXLEY (2011) escolheria uma vida insana na Utopia? Uma vida primitiva indígena? Um permanente autoflagelo infeliz em busca da permanência da infelicidade? A sanidade é algo raro nas sociedades, escreve ele, ao tecer uma ácida crítica ao modo admirável como os professores des-educam e (não) transformam pela educação⁶².”

“Construamos um panteão para os professores. Deveria localizar-se entre as ruínas de uma das cidades destruídas da Europa ou do Japão, e acima da entrada eu inscreveria, em letras de seis ou sete pés de altura, estas simples palavras: Consagrado à memória dos educadores do mundo.

Si monumentum requiris circumspice” HUXLEY

Essa forma de amor à servidão a qual HUXLEY se refere, encontra-se em regimes autoritários, nos quais a submissão é imposta, ou em regimes democráticos nos quais a subserviência é consentida, quando os indivíduos de uma comunidade ficam passivos diante das mentes criativas dos ministérios de propaganda, diretores de jornais e agências de criação. Encontra-se nos condicionamentos sobre a forma de pensar de professores, artistas, intelectuais, sindicalistas, cientistas, jornalistas; na manutenção de uma hierarquia social e econômica, na qual cada um permanece em seu lugar, em uma determinada casta/classe; pelo uso de medicamentos como forma de anestesia social; uso de técnicas de padronização; na concentração de bens, propriedades, tecnologias, informações, conhecimentos. São sociedades sob a vigência da distopia.⁶³

62 O caráter distópico de sua obra não resulta de uma visão melancólica da realidade. É a lucidez de quem se expressa pela arte como forma de manter a sanidade na insanidade das relações que não visam a uma transformação social coletiva. Essas relações de opressão se manifestam de muitas formas, na arte, na cultura, na educação. O Estado totalitário, para HUXLEY, atingirá plenamente os seus objetivos quando, não de forma tirana, mas mediante representação política de um Poder Executivo e seu “exército de administradores” controlar as pessoas sem coação, fazendo-as amar a situação de submissão, subserviência, um amor à servidão.

63 Há formas distópicas em sociedades democráticas, e há formas distópicas em sociedades autoritárias.

Os relatos a seguir fazem parte de cenas reais que descrevem de várias formas as falas das pessoas nos municípios gaúchos visitados pelo Projeto Itinerante de Capacitação para Defensores e Defensoras em Direitos Humanos, e revelam aspectos distópicos da realidade espetacular.

Nós vimos o Cine Ópera, que era o marco de espetáculos de cinema ser transformado em um estacionamento. Houve uma luta da sociedade pela sua preservação, e não conseguiram. Aqui em frente onde é a Manlec, era o Cine Central, um teatro onde teve manifestações históricas como o Prestes, que veio aqui em Caxias e fez os seus pronunciamentos. Inclusive essas pedrinhas que estão aqui no chão foram arrancadas, e quebrados todos os vidros enquanto ele estava ali.

Ali era o Cine Central, e logo em frente, onde tem o delta sul, ali era o Cine Guarani.

Tinha grandes cinemas, grandes casas de espetáculos aqui em Caxias. Morreu.

ROQUE Caxias do Sul RS

Nós não temos cinema no nosso município, várias cidades da região não tem mais.

A gente não sabe o motivo, a princípio não se compensa financeiramente, é o que dizem.

A gente tá tentando pegar de uma forma democrática e levar lá no bairro o cinema de rua, pra que a gente consiga ir lá montando a parte de cinema, que o pessoal consiga levar sua cadeira, seu chimarrão, sua pipoca, apreciar um filme de qualidade, com a sua família.

CHICO Panambi RS

Eu vim pra cá há aproximadamente doze anos. Porque eu não tinha mais condições de pagar aluguel e daí nós chegamos aqui e essa área era uma capoeira. De fora a fora era capoeira. Daí então nós começemo cada um pegar um terreninho e se colocar né, fazer uma casinha.

Depois fomo modificando ela um pouquinho melhor, arrumando, fazendo um banheirinho. Não tinha esgoto, não tinha água né. Eles tem falado aí que diz que vão colocar nós em um loteamento aí que vão fazer as casinha né, ou tão fazendo já. Só que nós temo esperando, temo esperando. Cada dia mais eles tão falando que tá mais próximo que... Então, nós precisamos ter uma solução que... Tu vê aqui a situação nossa né! É precária mesmo!

Não tem uma saída pra nós aqui.

MIGUEL Erechim RS

Eu vim de Alvorada e vim pra Imbé porque no período de pesca eu sempre venho pra cá, assim, porque não tem lugar certo e não tem uma casa e minha família foi separada...*Daí eu vivo aqui embaixo, aqui da ponte, nesse período. Nós sobrevivemos dos peixes que nós pescamos, vendemos, tem dia que dá pra vender, tem dia que não dá, tem dia que nós tivemos só pra nós se alimentar.* Antes? Eu trabalhava em obra. Trabalhava com gesso, trabalhava com pintura... Mas acabou a obra, resolvi vir pra praia, e... não foi aquela situação que eu pensava, no fim me encontro nessa situação.

GILSON Imbé RS

Para alguns trouxe qualidade de vida. *Existe um livro que é símbolo de Caxias do Sul na área metalúrgica: "Pobres construtores da riqueza", o próprio título diz que através do trabalho intenso de muitos, poucos enriqueceram. há uma desigualdade muito grande no conjunto da cidade. É uma cidade progressista de muito trabalho, muita riqueza, mas também de contrastes gritantes, de muita miséria.*

ROQUE Caxias do Sul RS

Eu sou da tribo Kaingang, daqui do Rio Grande do Sul, e sou de Porto Alegre. Venho pra praia desde pequena, quando meu pai fazia as vendas, meu pai era da aldeia de Iraí, ele vinha para as praias na temporada de verão para negociar o artesanato e eu já vinha com ele. É bom para a sobrevivência, que a gente vem para vender artesanato, mas como a gente não tem mais a matéria-prima, a gente se obriga a vender bijuteria, essas coisas. Metal, miçanga, essas coisas que a gente já compra para revender, só que a gente não quer, mas se obriga a vender porque não tem mais matéria-prima.

MARIA CASTORINA Torres RS

Panambi é reconhecido por ter empresas fortes, empresas atuantes, e é o terceiro pólo metal-mecânico do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo que as empresas arrecadam e tem essa parte dos funcionários, ao mesmo tempo nós temos as áreas públicas abandonadas.

CHICO Panambi RS

Se costuma dizer que Caxias é um polo metal-mecânico, e é. Caxias é um lugar bom pra morar, tem trabalho, tem muita qualidade de vida, mas também tem seus problemas, principalmente habitacionais. Infelizmente o pessoal chega aqui e se depara com falta de moradia, o pessoal que vem muitas vezes não é qualificado para poder estar numa frente de trabalho numa empresa que exige qualificação, e vão se criando as chamadas invasões. *Eu vejo muito aquelas mansões, as áreas enormes, e eu penso, é aquela coisa de muito pra poucos e pouco para muitos.*

LUCIA Caxias do Sul RS

A gente tem ainda uma população do campo em função dessa particularidade do trabalho do fumo que está fixada, mas que também não cresce muito em termos de poder aquisitivo. E se percebe aí um processo lento, e por isso muito difícil de ser medido e ser visto, de empobrecimento também. Vide que a nossa região *aqui ainda é uma das regiões de maior densidade populacional, no meio rural, dentro do Brasil. Mas com uma face pobre razoável. A gente tem muitos trabalhadores sem terra.*

CESAR Santa Cruz do Sul RS

Nóis podia estar colocado muito antes né. Isso era atitude que eles tinham que tomar muito antes. Anos atrás já ter tirado nóis daqui né e ter colocado em alguma parte. Porque se nóis semo daqui, semo criado aqui em Erechim. Eles deveriam portanto ter uma área verde pra nóis. Pra não deixar nóis aqui né. Um povo sofrido e além de tudo nóis ser sofrido, somo até rebaixado pela própria lei. Porque *muitos dizem assim: "Naquele beira-trilho! Aqueles invadido! Os invasor! Ah! Deixa que se matem lá!" Se ligar pra Brigada dizem assim: "Ah! Depois que morrer um nós vamo!"*

MIGUEL Erechim RS

Eu faço parte do Movimento dos Atingidos por Barragens. Nós temos 284 famílias moradoras beiras-trilho cadastradas e além dessas nós trabalhamos com 25 famílias beira BR. Nós organizamos o movimento popular urbano na luta pela moradia, porque entendemos que estas pessoas tem o direito a uma moradia digna e não à situação que elas vivem aqui.

TERESINHA Erechim RS

Eu trabalho como faxineira. Olha, entre uma coisa e outra, é isso aí do emprego, né? *Emprego, saúde. A gente precisa de um médico, e não tem um especialista, tem que ir pra Porto Alegre,* tem que depender de micro, né? Sai de manhã e só volta à noite, porque tá tudo muito difícil aqui.

SIZINHA Imbé RS

De ruim falta segurança, saúde, habitação, como qualquer outra cidade do nível aproximado de Caxias.

CARLOS Caxias do Sul RS

O Rio Grande do Sul tem três mil mortos anuais, a gente só se dá conta disso, quando junta, porque o Rio Grande do Sul é uma das maiores taxas do Brasil, e no mundo a gente está passando de um milhão. A Organização Mundial de Saúde fez um estudo em 2000/2002 falando sobre isso, mata mais do que a guerra, e por que ninguém olha? Então tem uma invisibilidade, tem uma blindagem que a gente não consegue enxergar. *De três em três minutos, a gente tem gente fazendo a prática, praticando o suicídio, tem gente morrendo.*

ROSÂNGELA Garibaldi RS

O que existe em Bagé é que os poderosos tem 1800 casas, pode ir no Tribunal de Contas, onde for e vai ver, 1800 casas. Eles não pagam aluguel, aliás, eles não pagam iptu. Estão aí as casas, um dia, para exploração imobiliária, um dia, aquela casa hoje vai ficar 3, 4 anos ali até pegar um bom preço pra eles venderem, enquanto isso o povo não tem onde morar. Assim como tem nas casas, tem o latifundiário que também ele conserva os campos deles, que muitas vezes nem deles eram, foram se apropriando por conta e hoje eles fazem o seguinte: Quando alguém ocupa uma terra deles eles fazem um estardalhaço, cambada de baderneiros, bagunceiros, enquanto eles não produzem nada..

ROBERTO Bagé RS

A nossa cidade está em desenvolvimento. É uma cidade de porte, de pequeno para médio. Nós temos mais ou menos cento e vinte mil habitantes hoje. *É o maior complexo de produção fumageira da América Latina.* É um processo de atração de população, um crescimento razoável, e com isso um crescimento de pobreza também. Muito mascarado, por certa condição de estabilidade e garantia de trabalho que esse complexo traz, principalmente para a esfera urbana. *São trabalhadores que ganham a média assim, de quatro, cinco salários, trabalham em tempo parcial para garantir renda para o ano todo, e o resto do tempo vivem de seguro desemprego, da poupança, e de trabalhos temporários.*

CESAR, Santa Cruz do Sul RS

Viver em Caxias do sul é viver os contrastes da própria sociedade capitalista. Caxias surgiu desde 1875 a partir da imigração italiana, quando vieram pra cá, receberam a terra e trabalharam de uma maneira intensa e de um modo praticamente isolado do restante do país e da própria Porto Alegre. Em 1910 chega o trem e se inicia o processo de desenvolvimento, por isso *os imigrantes tinham na sua categoria três bases fundamentais para a sua existência: trabalho, família e fé.*

ROQUE Caxias do Sul RS

A gente é envolvido, todo mundo é envolvido pela comunidade capitalista de consumo, de progresso, de ter o necessário, do ter e não do ser, então isso é uma característica geral, mas eu acredito até pelas questões eleitorais, *que há uma massa de 30% dos caxienses que tem uma visão crítica, os outros vão conforme se estabelecem as condições favoráveis ou não dos seus interesses.*

ROQUE Caxias do Sul RS

Eu vejo nas Comissões de Direitos Humanos, é que tem em tudo que é prefeitura, tem no Ministério Público, mas são só balcões de denúncia na verdade. A situação lá na Assembleia, por exemplo: *nós somos fazedores de ofícios, a gente oficia pra tudo que é lado e temos respostas formais, mas que não resolvem o problema. É a resposta de que nós não temos poder nenhum de agir naquilo ali.*

POLICIAL Passo Fundo RS

Eu tava indo até a delegacia falar com um amigo meu, e eles na frente, na rua, distante, porque a delegacia essa era atrás de um posto e na frente do posto eles passaram -não sei se tavam me seguindo- daí chegaram e aí me levaram para esse local. *Eles montam uma estrutura básica, rápida, entre duas mesas, um pau de arara, um aparelho de choque, um para-brisas de carro. Uma coisa bem simplesinha. Então eles fazem a tortura, pegam aquele aparelho, guardam no bolso, tiram o pau de arara, e sumiu tudo.* Então não existem provas.

DANTE Passo Fundo RS

Tá cheio de oficiais, nós temos comandantes gerais que iam pra imprensa fazer declarações. E isso aí tá tendo um efeito na vida dos policiais novos, que se formaram agora, uns três mil. A maioria foi formado, e grande parte, eu mesmo sou instrutor de defesa pessoal, em educação física na Brigada. *E a ideia que o pessoal tem é de ir com uma gana pra rua. É uma formação praticamente militar de que ali do outro lado tem um inimigo e o tratamento é diferenciado.*

POLICIAL Passo Fundo RS

Tivemos um caso que chegou até nós e nos vimos no dever de tomar a frente: *um travesti viu uma pessoa sendo agredida, chegou no policial e perguntou o que estava acontecendo, e ele foi espancado.* Nós levamos ele pra fazer ocorrência, fizemos uma mediação junto ao comandante da Brigada, o porquê disso. Não é porque a pessoa está se prostituindo que ela tem que ser agredida, tem que entender o contexto que ela está ali, ver o porquê.

MICHELE Viamão RS

Se ela for uma segunda vez pra delegacia fazer uma nova ocorrência, o próprio sistema não está acostumado a lidar com isso, não tá preparado pra isso, *o atendimento é feito por policiais homens, e eles dizem: o que que tu fez agora? Tu aprontou de novo pra apanhar de novo? Então existe essa discriminação.* Porque o que a gente percebe é assim, *ela tem que passar por 5 ou 6 lugares quando ela sofre uma violência.* Ela vai na delegacia, dá todo o depoimento, vai no posto de saúde, dá todo o depoimento, então assim na verdade, a gente tá cometendo uma outra violência com ela, expondo ela dessa forma e agora a gente fez uma ficha onde todos os casos vão ser notificados.

CARMEN Garibaldi RS

A violência, as drogas, são problemas bem sérios. Nós temos preocupações constantes com a vulnerabilidade dos nossos adolescentes em relação às drogas aqui. É muito séria a questão do Crack. É uma preocupação muito grande da nossa cidade, estamos sempre buscando alternativas. Eu acho que esses são *os grandes problemas de Carazinho, o uso de Crack, o abuso sexual, a violência em geral.*

ELOISA Carazinho RS

Tem a questão do abuso sexual, que antes de entrar no Conselho eu achei que no nosso município não existia. Mas se tu puxar já tem vários casos de abuso sexual no município, que causam um trauma tremendo nas crianças, na família inteira. Muita questão de separação e questão de guarda, geralmente o pai agressor. Nós temos muitos casos nesse sentido, mas a questão mais preocupante é a do abuso sexual que é geralmente por pessoas conhecidas, padrastos.

DANIELA Chapada RS

Tem bastante criança e adolescente abandonando os estudos. E a gente tenta colocar: “Oh! Vai fazer falta pra ti no futuro”. Mas às vezes *nós temos casos de dezesseis anos que estão trabalhando como pedreiros e eles não têm aquele planejamento de no futuro ter um emprego melhor.* Eles acham que vão passar o resto da vida trabalhando no lugar onde eles estão. Eles não têm perspectiva de melhorar.

Até porque o próprio município não oferece.

ELISIANE Chapada RS

O crack infelizmente não começou ontem, tá aí há muitos anos, só que não tinha atingido as classes médias e altas, era a periferia que fazia uso do crack. A partir do momento que se instalou na classe mais privilegiada financeiramente parece que a sociedade quer fazer alguma coisa, mas infelizmente eu vejo isso muito mascarado.

LUCIA Caxias do Sul RS

Tem acontecido casos de *mães que vem aqui, agredidas pelos filhos. Em função do crack.* Tenho recebido também casais. Esses dias recebi um casal bem idoso, passando dos 70 anos, sendo agredido pelo filho.

IARA Santa Cruz do Sul RS

Eu durmo embaixo do SESC ali. Aquela tenda que tem ali embaixo. Daí eu durmo lá embaixo. Não. Não procurei ainda, quando eu comecei eu tentei procurar albergue pra tentar dormir nos albergues, mas disseram que não tinha.

FÀBIO Torres RS

A gente vê hoje na rua crianças de 8 e 10 anos usando crack, famílias inteiras.

Quando se diz que é o jovem, não é só o jovem, tem famílias inteiras, desde o avô.

Eles catam latas pra vender e comprar o crack, não pra comprar o alimento.

LUCIA Caxias do Sul RS

Que às vezes tamo deitado, a Brigada vem aqui, quer tirar todo mundo, e levanta a tapa, a soco, a chute. Isso daí que incomoda nós, porque isso daqui, acho que é da Prefeitura, eu acho que tinha que vir uma assistente social e tomar uma atitude, falar, conversar.

Não mandar a Brigada querer tirar. Porque... vamo pra onde?

GILSON Imbé RS

A gente se sente muito limitado quando vemos as famílias sendo destruídas pelo crack, e a gente muitas vezes sente com as mãos amarradas, porque são famílias, são pais, são mães, são crianças. *Muitas vezes aquelas crianças ficam órfãs, vão para os nossos abrigos, porque em função do crack os pais tem uma vida curta, então nossos abrigos estão superlotados de crianças, por causa do crack estão sendo vítimas.* Os casos de violência também, acho que tu concorda comigo que não é só em Viamão, mas em todo Estado, no Brasil, e tem vários focos que levam a violência.

MICHELE Viamão RS

Eu vi que as pessoas entravam nas empresas, trabalhavam, faziam horas extras e não tinham aquele tempo, e esse pessoal acabou ocorrendo um problema de depressão, problemas de saúde, porque não tinham essa parte de lazer, eles saíam das suas empresas e iam pra casa já preocupados em poder voltar na mesma madrugada para trabalhar.

CHICO Panambi RS

Essa é a questão: a tendência é as taxas aumentarem e as pessoas decidirem pelo fim da vida com talvez cada vez mais facilidade, mais vontade. E a gente tem que pensar que articulação faz, *que transformações a gente tem hoje na contemporaneidade e na sociedade que leva a isso, a tomar essa decisão de que viver, é pior.*

ROSANGELA Garibaldi RS

Tenho dois filhos dependentes químicos, um em situação de rua e o outro em situação de presidiário devido a dependência. Realmente não é só em Caxias, mas no país todo. *O sistema carcerário é com certeza falido, e toda a dinâmica do sistema, da rede, do judiciário. Se trabalha não na ressocialização,* mas em soltar o preso, colocar no semiaberto, mas não se o preso está apto a estar junto com a sociedade, porque a sociedade é que o jogou na cadeia, porque nós somos a sociedade, nós produzimos esse tipo de situação e depois descartamos, não queremos.

LUCIA Caxias do Sul RS

Como tinha um baile aqui, da musa do samba, eu pensei que o pessoal tava vindo de outra cidade, pra Musa do Samba. Não. Eram tudo dos bairros de Santa Cruz. Esmeralda, ali perto da Cruz. Gente que eu nunca tinha visto. O negro em Santa Cruz, já por causa disso, é muito retraído. Muito na dele. Vai no centro, tu não vê negro no centro. É muito difícil. Eu disse pra um prefeito, eu vou respeitar o cara, Paulo Quadros, perguntou pra ele: "Prefeito, aqui tem bastante negro, como é que funciona?" Sabe o que ele disse? "O negro aqui sabe o lugar dele".

ALCEMIR Santa Cruz do Sul RS

O que nós temos visto muito aqui em Cruz Alta, em particular, é a questão da droga. Nós temos muitas internações por semana. Internações que não tem tido muito êxito, pois eles têm voltado pra droga. Muitos pacientes jovens. A defensoria pública atua nesta questão junto ao judiciário e junto ao poder público pra que estas internações se efetivem. Infelizmente, os nossos pacientes ainda não são internados em Cruz Alta, são levados para fora. São conquistas que nós ainda queremos ter para fazer todo um trabalho. Infelizmente, o crack tem sido o grande vilão para a ocorrência de muitos outros crimes.. *Nos presídios nós temos um grande problema a nível de Estado que é a da superpopulação carcerária.*

A falta de atendimento ao egresso, que acaba voltando à delinquência.

NEUZA Cruz Alta RS

A gente não tem nem ideia, quando não temos contato com essa população mais carente, de como hoje em dia as pessoas convivem com a pobreza e como elas não tem acesso aos recursos que deveriam ter e são garantidos na Constituição Federal. O que diz a Constituição? Que a saúde é um direito de todos e um dever do Estado. Que a pessoa que não tem condição de comprar um remédio, de conseguir um exame, de ser atendido por um médico, se ela não tiver condições de custear isso, o Estado tem a obrigação de conferir isso às pessoas. Então se a pessoa vai lá, tem um diagnóstico, sofre de epilepsia, precisa tomar um remédio contra essa enfermidade, o Estado tem o dever de fornecer o medicamento, mas o que acontece? *O Estado não fornece o medicamento, muitas vezes não fornece... é uma obrigação mas ele não fornece.*

PAULA Santa Cruz do Sul RS

Um senhor ligava para o 190 e pedia socorro porque se sentia ameaçado por um homem em uma moto, que estava em frente a um estabelecimento comercial onde esta pessoa, esta vítima telefonava. O atendente da chamada de urgência insistia em pedir os dados pessoais desse suposto agressor e a placa da motocicleta. E a pessoa que pedia auxílio, porque se via na iminência de um ataque, de uma ameaça séria, essa pessoa insistentemente dizia: “Mas não tem como conseguir estes dados. Eu estou sendo ameaçado, eu não posso sair, se eu sair do estabelecimento eu provavelmente serei morto.

Esta vítima que pedia socorro, foi de fato morta e certamente deve ter sido logo após a morte prontamente atendida pelo DML da cidade.

DANIEL Torres RS

A partir do momento que tu percebe que naquela delegacia, naquele presídio está acontecendo alguma violação, maus tratos, tortura – aí seria em maior grau, cabe a ti narrar isso para o Ministério Público, para a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia, levar às autoridades ou tu mesmo fazer lá uma requisição para o delegado saber por que o fulano apareceu com hematomas, se na prisão ele se entregou, ele não resistiu. É uma situação bastante complicada, porque a gente nunca sabe direito o que acontece, a gente sabe como tem bons e maus juízes, bons e maus defensores, bons e maus promotores, tem bons e maus agentes de segurança. *Muitas vezes as pessoas que poderiam confirmar que houve uma tortura, maus tratos, ou até para confirmar que o acusado não é o verdadeiro culpado, também ficam com medo ou da polícia, ou muitas vezes do patrão do tráfico da vila que não quer que o fulano seja incriminado, que não quer que apareça o verdadeiro culpado.*

Aqui em São Leopoldo isso fica muito evidente porque tem muito conflito, é uma zona muito conflituosa de tráfico de drogas, infelizmente.

GUTO São Leopoldo RS

Muito grande a questão da violência aqui em Caxias, principalmente de assassinatos, e praticamente gente jovem. Através do Centro de Direitos Humanos nós temos uma pesquisa que acompanhamos o grau de violência de assassinatos e mortes. A violência é bastante acentuada e o reflexo se dá através dos presídios superlotados, presídio industrial, que era para ser modelo e realmente não está dando conta para a sua finalidade. Essa questão da área prisional hoje está muito difícil.

ROQUE Caxias do Sul RS

A primeira vez (na rua) eu tomei um susto né.

Eu tinha medo de pedir comida nas casa. *Eu juntava do lixo, comia muito do lixo.*

E dormia só em cima de papelão. Não tinha nada para me cobrir. Foi assim que eu fui vivendo.

FÁBIO Torres RS

Se ali tem uma família doente, certamente tem um vizinho doente, um bairro doente, uma comunidade doente, um município doente, o município vizinho também – e assim é toda a nossa sociedade. Nós ajuizamos, em média, quatro internações compulsórias por dia, na Defensoria Pública. É uma epidemia. E não só o problema do crack, mas também envolvendo o problema do alcoolismo que, por sua vez, traz a violência doméstica, que traz, por sua vez, os processos da Maria da Penha, também atendidos pela Defensoria.

FABIANA Erechim RS

O que choca mais é a violência. A violência física. O que mais me chocou foi um dia ter recebido aqui uma mulher, que vem semanalmente aqui. Foi um dia ter recebido ela aqui, com a boca assim, toda... os dentes todos quebrados. Foi ter visto isso. Isso choca a gente. Tu imagina na hora. A cena.

Os filhos vendo isso. Isso foi o caso que mais me chocou, porque é um caso, que eu estou acompanhando há um ano já. E aí, um determinado dia, que não era o dia dela vir, ela me ligou, perguntando se poderia vir. E chega aqui com a boca toda inchada assim. Toda quebrada.

IARA Santa Cruz do Sul RS

Esse tema do suicídio me chamou muita atenção desde o início, quando eu comecei a visitar as delegacias, olhar boletins de ocorrência, olhar fotos e perceber que as pessoas realmente decidem quando é, porque nas fotos elas trazem muito essa verdade. Esse fenômeno está no campo, um fenômeno que não é de hoje. *No Rio Grande do Sul, com muita tranquilidade eu posso dizer que eu sei que ele está no campo, e que a gente precisa olhar para o campo talvez com outro olhar, que não seja apenas o meu através da sociologia.*

ROSÂNGELA Garibaldi RS

Os fragmentos dos discursos revelam várias características de sociedades espetaculares e distópicas. Buscamos identificar, no quadro a seguir, as convergências de sentido, independente da localização geográfica.

QUADRO SINÓPTICO 4 – DISTOPIAS DA REALIDADE ESPETACULAR

Em Bagé	-grandes extensões de terras contrastam com moradias precárias
Em Carazinho	-preocupação com crescimento do consumo de crack
Em Caxias do Sul	- colapso do sistema carcerário - grandes investimentos imobiliários contrastam com problemas habitacionais -no polo metal-mecânico, os “pobres construtores da riqueza” vivem em ambiente de grande desigualdade social - cinemas deram lugar a estacionamentos e salas comerciais
Em Chapada	- abusos sexuais cometidos por familiares - falta de perspectivas para trabalho e prosseguimento nos estudos; evasão
Em Cruz Alta	- superpopulação carcerária - internações encaminhadas para outros municípios - violência contra a mulher
Em Erechim	- internações compulsórias (Crack, alcoolismo) - violência doméstica - Beira-trilhos e Beira-BR: discriminação e morosidade em políticas de habitação popular
Em Garibaldi	- alta incidência de suicídios na região serrana - violência contra a mulher e discriminação
	- falta de políticas de habitação popular, de

Em Imbé	atendimento à saúde; necessidade de deslocamento à capital
Em Panambi	<ul style="list-style-type: none"> - sem salas de cinema e outras opções culturais - polo metal-mecânico onde crescem as indústrias e os índices de assédio moral - pouca supervisão dos órgãos públicos com relação ao cumprimento da legislação trabalhista - rede pública para assistência em saúde é deficiente
Em Passo Fundo	<ul style="list-style-type: none"> - denúncia de tortura - rede pública é deficiente para dar o suporte às demandas na área de proteção aos direitos humanos
Em Santa Cruz do Sul	<ul style="list-style-type: none"> - no maior complexo de produção fumageira da América Latina, muitos empregos temporários, uso de seguro-desemprego - grande densidade populacional no meio rural, e muitos trabalhadores sem terra - violência contra a mulher - discriminação racial
Em São Leopoldo	<ul style="list-style-type: none"> - área de conflito por tráfico de drogas
Em Torres	<ul style="list-style-type: none"> - grande desenvolvimento imobiliário e fonte de turismo, sem abrigos ou albergues e sem política para moradias populares - discriminação contra indígenas
Em Viamão	<ul style="list-style-type: none"> - violência policial e discriminação contra travestis, homossexuais, prostitutas - falta de sustentabilidade e políticas para os coletivos indígenas

O quadro sinóptico destaca, mais do que relatos, os apelos por transformações e por uma cultura de respeito aos direitos humanos. No caos citadino, é possível almejar a cidade justa? Neste contexto, como é possível pensar na educação como formação crítica e emancipatória? E qual é o papel dos direitos humanos, e mais especificamente, da educação em direitos humanos nessa situação própria da contemporaneidade? São algumas questões que a próxima seção buscará articular e aprofundar.

4. Relacionar Educação e Direitos Humanos

Nunquam Tacebo

Tommaso CAMPANELLA

“Nunca te cales”, na utopia de CAMPANELLA, é a forma de buscar no utópico o componente indispensável para afastar o distópico. Para Boaventura de Souza SANTOS (2006: 83) “É a iniciativa humana, e não uma ideia abstrata de progresso, que pode fundar o princípio da esperança, pois o inconformismo é a utopia da vontade”. Este inconformismo é o antídoto para o sono do espectador, para a educação como um exercício reflexivo e crítico que possibilite desacorrentar os espectadores de hegemonizações e homogenizações culturais. Na realidade distópica e espetacular do Estado do Rio Grande do Sul, os violadores dos direitos humanos agem como vedetes, para usar uma palavra debordiana, e parecem estar atuando à vontade em um cenário que desumaniza o humano.⁶⁴

Pois é exatamente nesse panorama onde o Estado atua de forma violadora, no contexto das sociedades distópicas espetaculares, que a educação deveria ter um papel fundamental – a educação tem sempre um papel fundamental.- e a educação em direitos humanos, em particular. É a forma de não se anestésiar, de sair do sono da sociedade acorrentada em seus sonhos ruins.

64 As situações de maior gravidade relatadas na maioria dos municípios onde o Itinerantes esteve: as drogas, o Crack em especial; a falta de leitos nos hospitais no interior do Estado; a necessidade de remoção dos pacientes do interior para a capital do Estado; a superpopulação carcerária; a não ressocialização do preso, do egresso; a pobreza; a falta de medicamentos e/ou de seu fornecimento; maus tratos; tortura; tráfico; desemprego; abusos sexuais e morais; violência física e psicológica contra a mulher; mau funcionamento das instituições, da rede institucional; suicídios.

A educação em direitos humanos tem os desafios de desconstruir cânones, superar paradigmas, ao quebrar a concepção abstrata sistêmica que concebe o sujeito como um ente universal, e a concepção neoliberal do cidadão indivíduo concreto consumidor, e construir uma nova epistemologia. Não se trata da discursividade do eu-sujeito da modernidade ocidental, mas de incorporar o inconformismo para abrir o caminho à uma educação e uma cultura em direitos humanos não regulatória, mas emancipatória.

O tema dos direitos humanos na modernidade está profundamente comprometido com um tipo de lógica social e com um conceito de progresso onde se confundem as dinâmicas de mudança social pelo reavivamento de concepções dualistas (atual/antigo) e com interpretações de fundo positivista. São perspectivas que no escalonamento e na interpretação da história vislumbram a sociabilidade possível como aquela que decorre de um tipo de desenvolvimento econômico liberal⁶⁵ e da globalização, seja da Pax Romana, seja da atualidade do mercado.

Desconsidera-se que as escolhas humanas são fruto do pensamento em ação, que o individual existe em relação ao social, que por sua vez só existe como o coletivo das individualidades. Esses coletivos ou grupos sociais constituem-se em territórios, espaços geográficos, tempos históricos. Para viver e sobreviver com dignidade e em uma sociedade justa, precisam ter seus direitos fundamentais garantidos, como a alimentação, a saúde, a moradia, a educação. Mas quem constitui esses coletivos, esses grupos sociais? É possível almejar a sociedade justa? Como garantir a efetivação desses direitos? É utópico?

65 “Resta o fato de que o termo “liberal” nasce de uma auto-designação orgulhosa, que ao mesmo tempo tem uma conotação política, social e até étnica. Estamos na presença de um movimento e de um partido que visa reunir as pessoas dotadas de uma “educação liberal” e autenticamente livres, isto é, o povo que tem o privilégio de ser livre, a “raça eleita”... Fora da comunidade dos livres e dos bem nascidos, a servidão ou a escravidão não apenas não é excluída mas é até pressuposta. Aos olhos de Cícero, na frente dos *liberi populi* está Roma, que implementa a escravização em massa dos povos derrotados e considerados indignos da liberdade (LOSURDO, *Contra-história do liberalismo*, p.259)

Um dos legados da modernidade é a ideia de sujeito, uma noção fundante do humanismo ocidental. O sujeito como ser pensante, cognoscente, o cogito cartesiano. O “eu”, sozinho, não se sustenta apenas pelo uso da razão. O eu encontra-se em seu correlato, o outro. Trata-se de uma dimensão ética que confere às relações humanas as possibilidades de escolhas em sua forma de organização social, política. Todo o humano se apresenta como um ser de escolhas, um sujeito de direitos.⁶⁶ Assim sendo, trazer os direitos humanos para a educação é fundamental porque o tema ressignifica o sentido da educação e da formação na sociedade contemporânea. Longe de serem considerados inatingíveis ou formais, os direitos humanos vem se constituindo como o conjunto de valores, proposições e ações coletivas em combate às violações cometidas contra a dignidade da pessoa humana.⁶⁷ Já a educação não é, igualmente, algo abstrato, inatingível ou formal, é a formação que sempre forma, desenforma, reforma... Assume múltiplas formas, um caleidoscópio de ideias, valores, informações, conhecimentos e vivências. Não estamos nos referindo à utopia da educação, mas à educação como um movimento utópico. A educação está em um determinado contexto, espaço, e portanto, contém os elementos das tensões sociopolíticas de seu tempo.

A educação está muitas vezes fora do acesso de quem necessita. Para Robert KURZ (1993), o conflito de sistemas, da ideologia burguesa e do marxismo do movimento operário, ocasionou um colapso histórico. A relação entre mercado e Estado fica mais próxima. O Estado, não como abstração, mas como uma instituição concreta, atende aos interesses de uma classe dominante, e procura atender as demandas do conjunto, de modo que o caráter universal do Estado não se sustenta em suas práticas que sustenta e mantém o antagonismo de classes, mas com uma sensação ilusória de reparar danos, preencher lacunas, enfim, cumprir com o dever. A educação como fator de transformação social é indissociada dos direitos humanos. É a forma de efetivar a

66 “O sujeito revela-se, portanto, como um ser que existe no tempo e no espaço, dotado de pensamentos, percepções, sentimentos, desejos e motivações, cuja existência encontra na convivência com o outro as suas condições fundamentais de realização. Surge, nessa mesma perspectiva, a noção de pessoa humana, instância capaz de vontade livre e de responsabilidade. E ainda que comporte uma tessitura metafísica, a ideia de sujeito passa a também revelar uma realidade psicológica, existencial, moral e política. Eis o indivíduo-sujeito-pessoa traduzido na multiplicidade de suas vozes. O sujeito e o que ele passou a representar delineiam o avanço daquilo que chamamos civilização”. (Marconi PEQUENO, 2010: 156)

67 Para o filósofo alemão Christoph MENKE, a dignidade e o reconhecimento são complementares: “Eu reconheço que o outro é digno de reconhecimento. Eu assumo que ele tem dignidade. Meu reconhecimento, pois, não institui a dignidade do outro. É no meu reconhecimento que a dignidade dele se manifesta” (Humboldt, n.100, p. 73)

emancipação existencial e política diante de um quadro de colapso, de uma crise de paradigmas na era pós-moderna, pós-industrial, antiutópica.

NIETZSCHE (2000), na explicação da tragédia grega, afirmou ser absurdo haver um espetáculo sem um espectador. A tragédia demonstra para o espectador as possibilidades de transformação no mundo. É uma forma que a arte encontra para reinventar a vida, a não temer as adversidades, e sim prosseguir diante delas. Não se resignar, como se fossem consolos metafísicos, mas salvar-se pela arte. Para NIETZSCHE, a cultura ocidental contemporânea convive com sua própria decadência em função da religião, que nasce do medo; da moral, que impõe leis aos instintos; da razão, que se enclausura no positivismo e no cientificismo.

Para DEBORD os acontecimentos que se mostram através dos espetáculos não são para ou porque existe o homem moderno como demasiado espectador; muitos são acontecimentos não vividos, são como espectros que surgem em uma pseudo-história construída com o fim de preservar o equilíbrio do tempo congelado - um sistema que não foi criado e que por isso nunca vai terminar. Os dois filósofos percebem a importância que o espetáculo tem para o seu público espectador, e que sem o seu público espectador não haveria espetáculo. NIETZSCHE acredita na força humana, demasiadamente humana de transmutar os valores de modo a alternar, em um eterno retorno, o novo homem, entre o bem e o mal. Já DEBORD percebe na espetacularização uma crise de sua própria dominação sobre o espectador, sobre a massa de produtores-consumidores:

“A sociedade do espetáculo havia começado pela imposição, pela ilusão, pelo sangue, mas prometia um prosseguimento feliz. Acreditava ser amada. Agora, não promete mais nada. Já não diz “O que aparece é bom, é bom o que aparece”. Diz apenas: “É assim”.

DEBORD, 1997:161

É assim, o espetáculo na educação, a educação espetacular, entre o dionisíaco e o apolíneo. Os fragmentos de discurso que seguem atuam como estratégia heurística para reinventar a vida, não temer as adversidades que se enclausuram no positivismo e no cientificismo

**05. Itinerância em direitos humanos,
a utopia antecipada**



Em Bagé

foto: Pamela Ferrer

Quando se atribui à utopia a possibilidade de antecipação, o que isso significa? Antecipar a utopia seria tornar o imaginário real? Seria alcançar o inatingível? A utopia é, em seu sentido positivo, a possibilidade de transformação da realidade social, e especificamente no campo dos direitos humanos, almejar a cidade justa. Por todas as exposições já feitas, claro está que os direitos humanos não instalaram os sujeitos livres e iguais senão no centro da Constituição. A sujeição do sujeito limita, ou mesmo anula o sujeito de direitos, entendendo-se sujeito tanto existencial como político, e entendendo-se como sujeitado, obediente em uma sociedade governada.⁶⁸ Obediência a um governo e a um poder que não quer sujeitos autônomos, mas sujeitos institucionais (DOUZINAS, 2009). As economias capitalistas agem sobre sujeitos atomizados, e não sujeitos com livre escolha e autodeterminação. A ação subjetiva é contida pela ação da lei, da norma, do governo, da autoridade, da onipresença das instituições. A liberdade, nesse contexto, não respira:

“No termo composto “direitos humanos”, a humanidade representa a liberdade sem fundamento, o potencial do futuro no presente, a liberdade não apenas como vontade e escolha, mas como a capacidade de se desprender das determinações legais e históricas e de se abrir para o desconhecido”.

DOUZINAS, 2009: 234

A itinerância: protagonismo e ação direta

William MELLOR publicou em 1920 o livro *Ação Direta*, definido-a como “o uso de algumas formas de poder econômico para garantir os objetivos dos que possuem aquele poder”. Significa que, em uma luta de interesses entre os trabalhadores e o patronato, cada categoria teria suas estratégias de ação, como por exemplo greves e cartéis. Outras formas de ação direta são movimentos pacifistas, humanitários, de proteção ambiental, e manifestações coletivas visando a melhorias, reformas, denúncias de violações. Na “Carta da Prisão de Birmingham” Martin LUTHER KING Jr. (1963)

⁶⁸ “A revolução aproximou as concepções históricas e filosóficas da subjetividade: o subjectus dos sujeitos pré-modernos sujeitados a Deus, ao soberano ou à lei, e o subiectum da metafísica, o fundamento e a fundação de todo ser e conceito, redefinido por KANT como pessoa livre e autônoma dotada de consciente e consciência” (DOUZINAS: 2009: 233)

declarou que a ação direta não violenta cria e alimenta uma tensão para abrir uma negociação e encarar os fatos. Uma **ação direta** ocorre porque não é possível continuar a ignorar um determinado acontecimento, uma determinada violação.⁶⁹ *E porque não é possível continuar a ignorar as violações aos direitos humanos que surgiu o Itinerantes, uma ação direta cujas itinerâncias pelo Estado assinalam o protagonismo dessa iniciativa no âmbito da educação em direitos humanos.*⁷⁰

A importância da ação direta na educação revela-se através do **protagonismo** do Itinerantes – Projeto de Capacitação para Defensores e Defensoras de Direitos Humanos no Estado do Rio Grande do Sul. O Itinerantes é uma iniciativa que pela primeira vez reuniu no Estado do Rio Grande do Sul, de forma voluntária, professores, pesquisadores e profissionais como defensores públicos, promotores e procuradores de Justiça, assistentes sociais e outros que atuam nas áreas da educação e dos direitos humanos.⁷¹

Os itinerantes viajaram para vinte municípios gaúchos, nos anos de 2009 e 2010, onde desenvolveram atividades educativas em direitos humanos em espaços educativos e em locais onde estão comunidades em situação de vulnerabilidade social. Foram momentos de compartilhar informações e orientações sobre direitos humanos, o desenvolvimento de formação dos participantes. O projeto visa ao despertar das comunidades para uma reflexão crítica sobre os problemas vivenciados especialmente nas áreas de violência institucional e discriminação, e à realização de ações educativas em direitos humanos para além dos muros da academia, para além da educação formal, para estreitar laços de comunicação e ação entre a universidade e as comunidades em situação de exclusão e de não reconhecimento como sujeitos de direitos.

69 Na guerra civil espanhola. A população civil, armada, impediu o sucesso, na maior parte da Espanha, do golpe de estado por parte dos militares. Durante o mesmo período, com parte da burguesia e industrial tendo fugido da zona republicana, várias empresas passaram a ser autogeridas pelos próprios trabalhadores.

70 **Itinerância:** adj. e s.m. e s.f. Diz-se de, ou pessoa que se desloca para exercer certa função: pregador itinerante. Cultura itinerante, deslocamento das zonas de cultura, característico das regiões tropicais, onde o solo se exaure rapidamente. Exposição itinerante, exposição que se realiza sucessivamente em vários lugares diferentes. **Protagonismo:** s.m. e s.f. Ator ou atriz que faz o principal papel em uma peça teatral, filme etc. Fig. Pessoa que tem o primeiro lugar em um acontecimento.

71 Participaram do projeto como itinerantes professores universitários da FAGED/UFRGS e de outras unidades da UFRGS, professores de outras instituições de ensino, promotores de Justiça, procuradores do Estado, defensores públicos do Estado, assistentes sociais, responsáveis por Ongs, especialistas em Direitos Humanos, advogados, juízes, artistas, entre outros profissionais. Todos participaram voluntariamente. A nominata completa dos participantes está divulgada no apêndice desta pesquisa, conforme a programação desenvolvida em cada município.

São objetivos do projeto Itinerantes:

- ministrar aulas abertas e oficinas sobre temas de educação em direitos humanos
- exibir filmes (documentários, curtas e longa-metragens) e promover debates referentes a temas como cidadania, diversidade, acesso à Justiça, violência e discriminação
- registrar depoimentos de defensores de direitos humanos, representantes de lideranças comunitárias, sindicais, acadêmicas, de entidades ligadas à promoção de direitos humanos
- propor alternativas, gerar debates e reflexões críticas sobre as questões levantadas pelas comunidades visitadas, no sentido de incentivar a fundação de uma cultura de educação em direitos humanos no Estado do Rio Grande do Sul
- produzir um documentário a partir das vivências dos ministrantes com as comunidades visitadas, com um recorte sobre a atual situação vivenciada no Rio Grande do Sul, no que se refere ao combate à discriminação e à violência institucional.

O itinerar é não-linear

Porque o Itinerantes:

- Sinaliza para os limites da educação formal, que muitas vezes é reprodutora de um modelo cientificista, que não considera o coletivo nem o compartilhar visões de mundo plurais
- Revela que todos podem ser educados e educadores, todos podem ocupar espaços diversos como sendo também espaços educativos, não se limitando ao espaço fechado de sala de aula ou a instituições de ensino

- Afirma que a educação é um processo que não se apreende mediante regulamentações institucionais, conteúdos sistematizados, certificações ou titulações, mas mediante as trajetórias que cada um constrói e compartilha com os outros no grupo

- Utiliza como método a ausência de método, ou seja, emerge a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos dos temas são construídos a partir das vivências, dos relatos, das angústias e dos dilemas vividos em cada comunidade, em determinada região

- Contribui para a formação das pessoas dessas comunidades, especialmente os vulneráveis, como defensores de direitos humanos

- Apoia iniciativas locais e incentiva a realização de novos projetos de intervenção social nesses locais/municípios na área de educação em direitos humanos



Padre Roque na Praça Dante, Caxias do Sul e monumento ao Anarquismo

Foto: Pamela Ferrer

A educação não-formal e a pedagogia da itinerância

Itinerância é a ação empreendida por uma pessoa, por um grupo de pessoas, que se deslocam para um caminho, e nele realizar um exercício de formação em educação em direitos humanos. Esse deslocamento também é construído ao longo da itinerância, do percurso, em movimento, porque os referenciais para essa formação compreendem a realidade do lugar/lugares a serem itinerados, de modo que não é imposto, é proposto; é um caminho de escuta, de observação, de registro do que chama mais a atenção das e nas comunidades onde vão os Itinerantes. É uma visita que pode e deve ser feita repetidas vezes, em uma itinerância na permanência e impermanência das realidades vividas nos municípios. *O Itinerantes é uma ação direta de educação não-formal, pois considera o conhecimento como um campo em construção, que ocorre com a mediação da universidade, com a participação da sociedade civil e em interação com a sociedade civil.*⁷² Esta forma de educar se chama *Pedagogia da Itinerância*.



Painel em tecido do Itinerantes feito pela artista Adriana Xaplin

foto: Pamela Ferrer

72 Para Maria da Glória GOHN, “Conceituamos a educação não-formal no campo da Pedagogia Social- aquela que trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos. Reiteramos a perspectiva que aborda a educação como promotora de mecanismos de inclusão social. Entende-se por inclusão as formas que promovem o acesso aos direitos de cidadania, que resgatam alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como o de civilidade, tolerância e respeito ao outro.” (Educação Não Formal e Cultura Política. São Paulo: Cortez, 1999)

A pedagogia da Itinerância se constrói de modo contínuo; a influência do anarquismo teórico se faz sentir na ausência de método como método, na negação do uso dogmático de regras e conteúdos, na proposição de visões críticas e reflexivas, em uma perspectiva mais humanitária, em contraposição a uma forma racional-cientificista.⁷³ Deste modo, para obter as fontes e as informações partiu-se de um tema: O combate à violência institucional e a discriminação no Estado do Rio Grande do Sul. O tema foi proposto às representações de escola/universidade/ONG/instituição pública/sindicato/entidade dos municípios contactados/visitados pelos Itinerantes. A partir desses contatos foi proposta uma programação, como ponto de partida para a itinerância. Ou, ao contrário, os representantes das localidades/municípios gaúchos entravam em contato, com a proposição de determinados temas, a partir dos quais se elaborava a programação. O projeto foi realizado segundo o desenvolvimento de quatro momentos:

Primeiro momento: a realização de aulas abertas seguidas de debates, filmes e rodas de conversa com os Itinerantes.⁷⁴ Os ministrantes atuam em diferentes áreas, o que confere o caráter interdisciplinar e transdisciplinar da educação em direitos humanos. Também contamos com a participação de ministrantes dos municípios visitados, como promotores de Justiça e defensores públicos. Essa programação foi realizada na maioria das vezes em lugares públicos, oferecida gratuitamente, e aberta ao público em geral.

Segundo momento: a gravação de entrevistas e filmagens com o objetivo de dar visibilidade às situações enfrentadas por essas comunidades, bem como refletir sobre as causas da violência institucional e possíveis formas de superação desse quadro.

73 Para Paul FEYERABEND (Against method e Science in a free society, 1975) não devem haver regras metodológicas prescritivas, pois elas limitam as atividades dos cientistas e dessa maneira restringem o progresso científico. O anarquismo teórico é mais *humanitário* do que outros sistemas de organização, pois não impõe regras rígidas e dogmáticas.

74 Em média, dois dias de atividades no município, em locais diversos como escola, universidade, teatro, auditório de Câmara Municipal, Prefeitura Municipal, Defensoria Pública, fórum, Ong, sindicato, associação de moradores, praça, parque, praia, vilas, entre outros. Estas aulas sempre foram oferecidas gratuitamente, e abertas ao público em geral.



Relato da defensora pública na Unisc, Santa Cruz do Sul foto: P.Ferrer

Terceiro momento: a captação do material filmado em fita miniDV para DVD, e posterior trabalho de decupagem dos registros das aulas abertas e das entrevistas, a transcrição na íntegra das falas, para realização desta pesquisa e publicação, como uma forma de retorno social aos que participaram desta Itinerância, ao relatar/denunciar as situações vivenciadas por essas comunidades.

Assim como GUY DEBORD se refere ao seu filme *A Sociedade do Espetáculo* como um antifilme, eu reporto uma obra desta natureza como uma antiobra, na medida em que apresenta, por meio de relatos e da mediação das imagens, situações de distopia e de espetacularização do Estado em seu paradoxo como promotor/violador dos direitos humanos, ao mesmo tempo em que evidencia o papel fundamental da educação como utópica possibilidade de transformação, sem incorrer no risco de ser absorvida por essa espetacularização.



Exibição do vídeo *Itinerantes* em Caxias do Sul

foto: Mauro Souza

As seleções dos relatos que integram este estudo foram feitas conforme o grau de gravidade das violações existentes, a peculiaridade do tema em relação ao município de origem, a relevância social que esses registros tem não somente em sua região, pois os temas que constituem os direitos humanos são para todos, e as violações aos direitos humanos devem ser enfrentadas em todos os locais onde se manifestam. Este estudo mostra em parte, e não na íntegra, as falas dos entrevistados, porque a proposição deste estudo não se esgota, mas começa aqui.

Quarto momento: a produção de antifilmes, na perspectiva de mostrar como desespetacularizar a realidade, mediada por imagens, partindo de sua forma bruta. Em 2009 foi produzido o curta-metragem Itinerantes, filmado na Ilha das Pedras Brancas, em Porto Alegre, conhecida como a Ilha do Presídio. Este vídeo contém depoimentos de defensores de direitos humanos sobre os temas da violência institucional e da utopia, e pode ser visto em <http://www.ufrgs.br/faced/projetoitinerante/video.html> onde estão, também, as principais informações sobre o Itinerantes. O curta foi apresentado em todos os municípios onde estiveram os Itinerantes, para fomentar o debate sobre os temas já referidos. Do mesmo modo, a realização deste estudo levou à criação de outro curta-metragem, chamado Nenhum Lugar, como uma reflexão sobre utopia e distopia. O curta pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=dKuyQTA8e0c>



Farol da Solidão, Mostardas

foto: Mauro Souza

O Itinerário

O mapa, o trajeto, os municípios⁷⁵ onde esteve o Projeto Itinerantes



⁷⁵ Nos anos de 2009 e 2010, o Itinerantes percorreu os municípios gaúchos na seguinte sequência: Ilha das Pedras Brancas, Porto Alegre, Imbé, Torres, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha da Pintada, Novo Hamburgo, Pelotas, Bagé, Viamão, Santa Maria, Cruz Alta, Panambi, Ijuí, Erechim, Santa Cruz do Sul, Passo Fundo, São Leopoldo, Caxias do Sul, Carazinho, Chapada, Garibaldi, Porto Alegre. As cidades foram escolhidas de acordo com o critério de contemplar todas as mesorregiões do Estado. As cidades de Cruz Alta, Panambi e Chapada tomaram a iniciativa de propor o Itinerantes nesses municípios.

O deslocamento foi feito mediante carona solidária, recursos próprios, apoiadores como o Fundo Brasil de Direitos Humanos e Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do RS.

5.1 Os personagens

A palavra *persona*, de origem etimológica grega, refere-se ao orifício nas máscaras de teatro, bem como originou a palavra *pessoa*. Essa personagem pode ser uma pessoa fictícia ou real. Protagonista, coadjuvante ou figurante. Cada personagem escreve sua história. As personagens, cujos fragmentos de falas reunimos nesta pesquisa, são protagonistas de suas histórias, expressam suas preocupações, ainda que em um cenário de violações aos direitos humanos sejam vistas como figurantes, ou antagonistas.

O defensor de direitos humanos é uma pessoa marginalizada, porque questiona a realidade, busca o porque de acontecerem esses fatos, o porque de serem violados, porque as leis não são cumpridas, porque há tanta impunidade. Então, todo defensor de direitos humanos é um agente crítico social, e como agente crítico social não é bem visto. Normalmente o rótulo que ele recebe é que defende bandidos, porque ninguém quer questionar uma sociedade que apesar do progresso marginaliza tanta gente. Não quer ir à raiz do problema. Nesse sentido, a dificuldade dos agentes de direitos humanos está diretamente proporcional ao grau de incapacidade, de avaliação crítica da sociedade em que vivemos.

ROQUE Caxias do Sul RS

A gente sofreu, foi um caso muito interessante... quando fizemos a escolha do local para a construção da escolinha. Nós temos duas situações no meu bairro: Jardim América é um bairro só, mas se denomina Jardim América Antena, que já é uma discriminação porque já é a parte de qualidade de vida mais baixa, e o pessoal que tem qualidade de vida melhor, *onde tem as mansões, entraram na Justiça e pasmem, na Justiça municipal conseguiram uma liminar que não seria construída a escolinha naquele local, mas isso era discriminatório, porque não teriam crianças que precisariam daquela escolinha*, até não teria para aqueles moradores, mas para os moradores de classe baixa precisaria.

LUCIA Caxias do Sul

O Instituto Fonte de Apoio foi fundado em 2008. A missão do nosso Instituto é trabalhar com a redução da criminalidade, da violência em Caxias, onde a gente está atuando com ações integradas, para poder estar trabalhando com o nosso público, que são os apenados e também o pessoal do semiaberto, do condicional e egressos do sistema prisional. A gente faz um projeto com eles de tratamento e inclusão social deles na nossa sociedade. Quais são os resultados esperados pela nossa entidade? A redução da criminalidade, da violência e da reincidência criminal.

CHAIANE Caxias do Sul RS

A gente fica muito mal vista na sociedade. Tem pessoas que não conhecem o trabalho do Conselho Tutelar, que acham que o Conselho é só para atrapalhar. Então, a gente fica até preocupada, que a gente não está aqui para atrapalhar. A gente sempre quer tentar resolver, ajudar.

As pessoas nesse sentido não entendem, muitas vezes.

DANIELA Chapada RS

Os professores tem que ter uma força interior muito grande pra se motivarem e garantir o direito à educação dessas crianças e adultos do noturno. A gente vê também a falta de estrutura na escola, pessoal de apoio à informática, biblioteca, nós temos uma carência grande de material de apoio. *A escola pública se mantém no heroísmo dos professores, dos alunos, na força de vontade dos alunos, porque ela está sendo deixada, é um descaso total principalmente nos últimos anos.*

FABIO Panambi RS

Na verdade, a educação bancária é muito arraigada ainda em alguns professores; é difícil se libertar de uma educação que vem desde talvez um século ou mais. Nós temos muitos professores bancários aqui, principalmente a situação de professores esporádicos, que vem de contratos emergenciais, ficam um ano ou dois, saem, entra um novo. Essa tem sido a tônica de alguns professores que passam pela escola, daí a educação bancária é uma realidade, não podemos negar.

FABIO Panambi RS

Justamente preocupa a parte em relação às escolas, a indisciplina. Temos alguns atos infracionais com adolescentes que são também casos que a gente atende. *A questão da droga, que está começando no nosso município. Há um tempo a gente só tinha a questão da maconha, hoje o crack está entrando.* Já temos adolescentes internados para tratamento. Mas *a maioria dos casos são envolvendo escolas.* Crianças, o desrespeito aos professores, casos que muitas vezes chegam até a delegacia também. A gente trabalha bastante com encaminhamento psicológico também, a neurologista, para tentar descobrir o que está por trás. Porque todo ato tem alguma coisa por trás. Nada veio sozinho, muitas vezes problemas familiares, a gente pensa que o problema está no adolescente, na criança, mas se tu voltar à família dele, com certeza o problema está na família mesmo.

ELISIANE Chapada RS

A gente tem muito relato de pessoas que desistiram, da evasão escolar em função do bullying.

Às vezes nós falamos como educadores: "Você não tem persistência, não gosta de estudar, não vai à escola", mas não se analisa, não se vê o que tem por trás. O que fez com o que essa pessoa acabasse saindo, acabasse evadindo da escola. *Às vezes a escola deveria apresentar um ambiente saudável, agradável, de paz... e, muitas vezes, é um ambiente inseguro,* que deixa as vítimas de bullying desconectadas, se sentindo soltas, indefesas e longe de qualquer procedimento educacional que pode nortear, que pode propiciar uma cultura de paz, de tolerância, de amizade entre os estudantes.

PROFESSORA Bagé RS

A mulher tem que ajudar o marido porque ele ganha pouco... ele dá a vida trabalhando, e a esposa não muda muito disso, saem amarelos das indústrias, amarelos, sugados, não conseguem ficar de pé, tem que dormir, mas o problema aí é a criança, onde ficam essas crianças? Então tem que arrumar uma solução nesse país, aqui em Panambi, nem vou falar no país, aqui é o problema, isso existe em todo lugar, deveria ter um centro onde ficasse a criança o dia inteiro, e de preferência fosse levada pelo governo até lá e fosse retirada de lá pelo governo, por uma viatura do governo e fosse largada na porta de casa. Aí sim, funciona, o homem e a mulher trabalham, não precisa fazer tanta hora extra, é uma questão de salário, mas uma questão de sobrevivência também. Tem as leis pra isso, tem as leis de proteção, mas na verdade a firma não tem, o que vai ter? Tem creches, mas a criança precisa ser levada, retirada, dá as correrias, mas claro *que tem creches, mas não tem vagas pra todos. Aqui na cidade temos pro menor, que só recebe crianças acima de 12 anos, mas eu to falando das outras, daquelas de 4 anos, onde vão ficar?*

ELOI Panambi RS

A gente fica muito triste com isso de os professores não nos apoiarem, a gente não tá fazendo isso só por nós, a gente tá fazendo isso por eles, e também pelos alunos que vão vir, porque ainda muita gente tem que aprender, então a gente fica magoado por não ter apoio dos professores. A maioria dos professores..

GIOVANA Panambi RS.

A convivência aqui na Escola Família Agrícola é uma convivência familiar. Toda a rotina desde pela manhã, quando acorda e até quando vai dormir, é uma relação de convivência. E é familiar mesmo. Com todos os conflitos, com todas as suas coisas boas de relações de troca entre as diferentes realidades que vem pra cá. E a relação da escola-família, a gente pode relacionar com o vínculo que a escola tem com esses jovens. A gente realiza visitas. No mínimo duas visitas por ano a cada uma das famílias. E toda vez que o jovem vai pra casa a escola vai junto. Porque a gente tem um caderno de acompanhamento, que é um dos instrumentos da pedagogia da alternância. E nesse caderno vai registrado tudo que o jovem fez durante a semana. E tudo que é feito em casa é registrado nesse caderno, a família tem a possibilidade de avaliar. Quando retorna a gente também tem a família dentro da escola. Então acontece esse movimento.

Essa alternância que não é só de tempo e espaço, que o jovem troca a escola pela casa, mas também dos saberes e da vivência que tem cada uma das realidades.

ANTONIO CARLOS Santa Cruz do Sul RS

O que mais me chama atenção nas escolas e na administração da educação aqui em Panambi, é que são sempre as mesmas pessoas, sempre, aqui em Panambi parece que nada muda.

JORGE Panambi RS

Sobre possíveis conflitos entre gerações, pai e filho. Esse é um grande enfrentamento que nós temos. A gente sabe disso, e tem preparado os jovens inclusive pra não criarem um conflito que não seja positivo. Cria um conflito, mas com uma resolução boa. A gente está preparando bem eles pra isso. Porque de fato, inclusive essa semana, eu fiz um visita, em que ficou muito claro esse conflito entre pai e filho. *O filho querendo inovar; implementar uma certa tecnologia que ele aprendeu aqui na escola, e o pai relutando. Entendendo que talvez isso pudesse colocar em risco a produção. O pai sabe que daquela forma que ele produz dá resultado. Uma possível inovação poderia não dar certo. E isso colocaria em risco a economia da família. Então o pai não arrisca.* A gente entende também, que o fato do pai relutar não é simplesmente por ser cabeça dura. É porque coloca em risco uma produção que por enquanto ele entende como certa. Se ele plantar daquele jeitinho ele vai colher. Ele não quer arriscar.

ANTONIO CARLOS Santa Cruz do Sul RS

Aqui na praça Dante, em 1968, em plena ditadura militar; a partir daqueles anos não podia haver manifestação de trabalhadores, nos primeiros de maio, e a história de Caxias do Sul se entrelaça na organização dos movimentos anarquistas e depois do comunismo, através do partidão, e eles tinham por tradição comemorar o Primeiro de Maio. Como ficou proibido a partir de 1964, em 68 eles se utilizaram de um estratagema das encíclicas sociais do papa João XXIII e do Paulo VI, e criaram um monumento que está fixado nessa praça, que a grande maioria dos caxienses desconhece e a população em geral não sabe o seu significado. Através desse movimento, resgataram a história do Primeiro de Maio, junto com as encíclicas sociais da igreja, e colocaram num símbolo da mão fechada, o punho cerrado que simbolizava realmente todo o movimento socialista no mundo inteiro.

ROQUE Caxias do Sul RS

Eu escolhi ser professora. Algo que realmente eu acho que está no sangue, é uma coisa que eu gosto muito. Às vezes as pessoas perguntam: *“Se tu não fosses professora, o que você seria?”*, e eu digo: *professora.* Porque realmente é algo que eu amo fazer.

ELOISA Carazinho RS

Os fragmentos de discurso apresentados dizem muito: que os personagens reais vivem situações que beiram o ficcional, gênero não por acaso utilizado nas obras literárias e cinematográficas sobre utopia e distopia. Acima de tudo indicam que pessoas reais e discursos que parecem ficcionais expressam preocupações ou modos de compreender realidades que se apresentam como problemas.

QUADRO SINÓPTICO 05 – A PREOCUPAÇÃO DOS PERSONAGENS, OU:
OS PERSONAGENS TEM UMA FALA

Em Bagé	- preocupação docente com relação à evasão relacionada ao bullying
Em Carazinho	-valorização da profissão de professor, considerado ato de heroísmo diante da falta de estrutura de um modo geral
Em Caxias do Sul	- a cidade foi berço de movimentos anarquistas e socialistas - os defensores de direitos humanos são marginalizados porque são agentes críticos da sociedade - Ong Fonte de Apoio atua na busca da redução de índices de criminalidade
Em Chapada	- o trabalho de Conselheiro Tutelar não é bem visto ou compreendido por muitos na população
Em Panambi	- a educação bancária é característica em muitas escolas no município -alunos e professores buscam compreender a dificuldade de mobilização por transformações na área da educação no município
Em Santa Cruz do Sul	- a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/EFASC desenvolve a pedagogia da alternância, incentivam permanência no meio rural e propõem uma educação crítica e de integração entre alunos, professores e familiares

A heterogeneidade da origem/situação/localização das personagens não altera o sentido de que estes são sujeitos históricos e constituem um grupo social com vontade e autonomia de pensar e de agir, com cosmovisões e reivindicações. Personagens de múltiplos nomes, são igualmente sujeitos de direitos. Na próxima seção iremos identificar como esses sujeitos de direitos são construídos/se constroem.

5.2 Os sujeitos de direitos: réus ilhéus perseus sísifos

A educação em direitos humanos visa a uma incansável busca pela dignidade e justiça social, por meio de ações educativas, como é a proposição do Itinerantes. Ao longo das itinerâncias, conhecemos os sujeitos de direitos desde quando eles se apresentam em sua origem, onde vivem, nas situações que vivenciam, nos dilemas que enfrentam, no paradoxo do direito a ter direitos e da violação a esses direitos; na sociedade do espetáculo e distópica onde parece ser impossível almejar a utopia da cidade justa. Ao longo das itinerâncias, vão se revelando histórias contundentes. Muitos desses discursos, reunidos nesta pesquisa, mostram o paradoxo, o utópico, o distópico, o espetacular. Esses discursos, captados pelas falas/texto e pelas imagens/texto, são formas de construção social que refletem visões, formas de vida. As linguagens que manifestam essas visões precisam ser compreendidas levando-se sempre em conta o contexto de onde emergem essas falas e essas imagens, não são apreensões de causa e efeito.

São enredos que enredam-se em uma teia social onde personagens, sujeitos de direitos, são narradores em primeira pessoa, como se cada um desses sujeitos fosse um personagem mitológico, trágico.⁷⁶ São tragédias anunciadas e denunciadas pelos próprios personagens, e com eles aprendemos que nem sempre o réu é culpado, nem sempre o culpado é réu. Que o ilhéu, isolado na geografia, vislumbra no horizonte a utopia; que coexistem Perseus, habitantes na profecia ou desabitantes na rebeldia; e os Sísifos, alternando subidas e descidas no paradoxo da busca sem sentido, ou na incansável busca do sentido.

76 PERSEU na mitologia grega é o herói filho de Zeus que decapitou a Medusa, monstro que transformava em pedra quem olhasse seus olhos. SÍSIFO, o mais esperto e rebelde que por ter enganado os deuses, foi condenado a rolar uma enorme pedra de mármore por toda a eternidade.

RÉUS

Esta foi a minha primeira entrevista do Itinerantes. Foi em Porto Alegre, onde estava localizada a Vila Chocolatão. Foi a última vez que, vivo, o vi. Seu Leo era o líder da Vila Chocolatão. As famílias que conviviam nesse espaço estavam isolados na região central da cidade, pela exclusão social e tudo o que com ela advém. O isolamento na exclusão que afasta os que não tem dos que tem, como réus em uma sociedade que cria as ilhas urbanas para segregar e julgar quem vai e quem fica, onde vai e onde fica. Em sua fala, como um desabafo premonitório, Seu Leo abordou temas como os incêndios que ocorreram na Vila Chocolatão, os principais problemas enfrentados pela comunidade, o tráfico, a violência policial, a vontade e a importância de permanecer naquele local pela identificação dos moradores com o seu espaço, e os insistentes apelos às autoridades institucionais para que fossem cumpridas as prometidas melhorias na infraestrutura para as famílias. Dito por ele: “educação em primeiro lugar”.

Seu Leo foi assassinado.

As famílias foram removidas para um loteamento no bairro Morro Santana, para o residencial Nova Chocolatão. Isolados no centro da capital, agora isolados do centro da capital.

Seu Leo: *A vila Chocolatão ela está aqui estabelecida há 29 anos. Aqui já tem guria que nasceu aqui, que hoje é mãe, tem os filhos já na escola, e aqui já é a segunda geração que tá se formando. Eu já to aqui vai fazer 13 anos esse ano de 2009. Vai fazer um ano e seis meses, sete meses que eu to aqui como presidente da Associação. Hoje a gente tá numa área muito boa, e eles querem nos tirar. Amanhã ou depois vocês vão vir aqui, e isso aqui vai ter virado num estacionamento de carro. E por que que nós não podemos ter a nossa dignidade de morar num lugar desse? Só esses dois dias que eles deixaram nós aqui sem luz, cinco criança foi comida pelos rato. Três foram parar no Santa Marta. Uma com a mão, agora eu não sei como é que tá a mão que eu não vi mais, mas a mão ficou inchada pra todo mundo se preocupar. Isso aí eles não pensam, eles não querem saber, só querem achar que nós temos que viver do modo que eles querem.*

Quanto mais nos deixar mal aqui, pra levar nós pra onde nós não queremos ir.

Vocês conheceram o casarão ali, né? no Beira-rio. - *Eles foram ali, conversaram com o pessoal que era do casarão, que iam botar na Casa de Passagem lá do Beira-rio, que em seis mês a casa deles ia tá pronta, e faz dez anos que eles tão no Beira-rio passando necessidade, passando tudo que é coisa lá, E vê se eles arrumaram a casa pra eles lá no Beira-rio... Agora, como o Internacional vai se ampliar, vai ficar bonito, aquilo ali vai ter Copa do Mundo, agora eles tão querendo arrumar um local praquelas pessoa. E mesmo assim vão retirar dali. Que elas deveriam permanecer ali também. Então, quer dizer: deram toda a orla do rio Guaíba pra Pepsi-Cola e pra fazerem tudo que o Beira-rio mesmo então, ganhou um monte de terra ali, ganhou dada! Não adianta eles vir dizer que foi comprada, que é mentira. Eles deram dado. Agora, por que que nós não pudemo ficar aqui, aonde aqui tá as raiz dos nosso filho. E aqui tá o nosso trabalho, e aqui tá o lugar onde a gente tá próximo de tudo, que a gente já tá acostumado. Por que nos tirar daqui? Só isso que eu queria que eles me respondessem. Eles tão piorando mais pra nos forçar a sair daqui. Esse é o pensamento deles. Quanto mais pior nos deixar, mais a gente pensa em sair daqui, só que agora tá diferente. Nós vamo tentar procurar os nossos direitos. Não é eu que to dizendo. A comunidade tá de acordo disso. A comunidade se uniu, e daqui pra frente nós vamo tentá brigá pelo nosso direito e procurá lei, se é que existe alguma lei a nosso favor, porque eu não acredito nisso. Se existir uma lei a favor, na hora ela não vai valer nada, vai valer o que eles disser: Tu vai lá praquela fundão e é lá que nós vamos ir. Que vão terminar nos empurrando prá lá goela abaixo. É isso que vai acontecer.*

Tinha 184 famílias, mas como tem gente que já faleceu, outras pessoas que já veio, tem em torno de 200. Eu tava com 381 crianças aqui, fora as que tão agora aí... que a gente nota que tem bastante garota grávida, que eu não sei o que aconteceu...mas vai aumentar muito mais...acho que vai chegar até as 500 crianças.

Se eu vou te disser uma coisa pra ti, eu não quero comentar mas vou falar pra ti que hoje veio o cara aqui e disse pra mim me cuidar que eu to falando demais. Então, quer dizer, eu já levo como ameaça, né Mas eu fico na minha sabe. Eu acho que... eu tenho Deus pra me cuidar, e penso muito em Deus e acredito em Deus. Eu acho que quando a gente tá pro lado das pessoas que sofrem que nem nós temo aqui, tu pode olhar, pode olhar pra ali, tudo aquilo ali tudo é pessoa boa, pode notar pra ti ver no início eles ficam nervoso, ficam meio atacado, mas agora tá tudo contente com o que tão ganhando. Não ficam incomodando, não tão brigando, né.

Oitenta por cento, oitenta e cinco por cento do pessoal é papeleiro. Todo o pessoal aqui, a maioria, vive da reciclagem do lixo. E aqui mesmo tem os depósitos, aqui mesmo se recicla, aqui mesmo se vende. Depois daqui vai pra outro atravessador. Então essas pessoa que trabalham com o lixo, as que busca o lixo na rua, as que passa trabalho e sofre, é explorado. Tu pensa bem pra ti ver, o que que tá custando hoje um quilo de feijão, mais ou menos... uns quatro, quatro e cinquenta. Agora tu imagina quantos quilo de jornal a três centavo pra comprar um quilo de feijão.

A polícia quando ela entra aqui dentro, não a civil, mas a Brigada Militar, quando ela entra aqui dentro, o que tiver na rua vai pra parede, e conforme já apanha. Teve uma época aí, que o pessoal aqui recebia o dinheirinho e botava na parede, e quando botava a mão no bolso o dinheirinho não tava mais. A tal de batida que dão, e botam a mão, isso aí eu vou me prejudicar por isso aí, mas é uma pura verdade, que o pessoal se queixa e fala. Então agora ultimamente tem um, não sei se é sargento ou coronel, ou capitão, lá sei eu, ele entra aqui dentro, a gente se nota, que eles entram duro mas tão respeitando mais nós. Ele entra, firme, entra meio duro, entra meio grosseirão, mas ao menos tá respeitando mais esse tipo de coisa, não tá acontecendo tanto essas barbaridade que aconteciam. O cara que tá fazendo tráfico e tá fazendo coisa errada, ele não é errado, errado é o governo. Se aquele cara tá traficando é porque eles não dão oportunidade pra pessoa ser outra coisa. Eles atiram a pessoa pra ser esse tipo de coisa. Então não adianta eles pega o cara, e condenar, querer matar, botar no jornal, o cara é isso, é aquilo... claro que eu não gosto de crime que acontece que nem acontece com criança, as barbaridades que acontece, de os cara puxar uma arma e matar outra pessoa desarmada, acho que isso é uma covardia!

Mas eu vou dizer pra ti, todo o problema que há de erro no mundo inteiro, de ter tráfico de droga, de ter assalto a mão armada, as vezes esses crimes bárbaros que tem de assaltar as pessoas que são aposentada e matar as pessoa, isso é culpa do governo, não tem outra pessoa pra culpar. Não tem outra pessoa pra nós culpar, não existe outra pessoa. Eu acharia que eles deveriam dar o que a gente pede. É educação, em primeiro lugar. Por que que eles não nos tiraram daqui quando tinha cinco ou seis casinha? Por que que agora que nós temo em 210 família querem nos empurrar daqui? Pra amanhã ou depois isso aqui ser um estacionamento de carro, pra eles desfrutar. Por que que o meu filho não pode morar perto do centro? Por que que o filho do meu vizinho não pode morar perto do centro?

ILHÉUS

Nós já tínhamos itinerado por Porto Alegre, Imbé e Torres. Nós e Jurema, a filmadora que recebeu esse nome da Pamela. E a Juliette, codinome da câmera do Mauro. Às vezes íamos com Jurema, às vezes com Juliette. Naquele sábado ensolarado, nós íamos conhecer o seu Vilmar. Não sabíamos quase nada sobre a realidade das ilhas de Porto Alegre. Na verdade, o pouco que sabíamos eram notícias raramente publicadas na imprensa local, com relação aos carroceiros, ou sobre a possível construção da nova ponte, ou sobre os passeios de barco no Delta do Jacuí, alguma enchente, ou sobre o filme Ilha das Flores. Nesse dia eu descobri, então, que eu não sabia absolutamente nada sobre as ilhas e seus ilhéus. Quem vivia numa ilha era eu.

Meu nome é **Vilmar Iegli Coelho**, sou presidente da Colônia de Pescadores. Nasci na ilha da Pintada, tenho 62 anos, moro aqui na ilha, sou ilhéu como se diz aqui na ilha. A vida de ilhéu não dá pra ser comparada com nenhuma das outras porque a gente vive uma vida toda, e o que a gente viveu aqui não viu similar em lugar nenhum. Não sei se porque sou morador e sempre vivi aqui, mas o sistema de vida que nós temos aqui é diferenciado de qualquer outro local. Nós temos uma vida à parte morando em Porto Alegre, vista de Porto Alegre, mas não dependemos muito da cidade, a não ser negócio de banco, pagamentos, do contrário *a gente é um morador à parte de Porto Alegre, mas morando em Porto Alegre*. A vida que vivemos aqui eu considero ideal, e já me perguntaram “*Tu tem vontade de sair da ilha?*” e eu disse que não, porque a ilha é uma coisa que o pescador já tem no sangue.

Morar na ilha é quase a mesma coisa, a pessoa já tem um contato, conhece todo mundo, a gente vive sossegado, *tem alguns “senões” mas à vista de outros lugares podemos dizer que moramos no céu*. O pescador é simples, isso vai de avô pra pai, filhos. Eu, por exemplo. Meu avô era pescador, meu pai era pescador, eu tenho filho pescador, toda

vida vivi na pesca e no dia que eu largar a entidade que eu resolvi ajudar o pescador fora da água, eu vou voltar, se eu tiver saúde, embarcar nesse barco e voltar a pescar.

Na realidade, eu sou daqueles pescadores teimosos que achei que poderia fazer alguma

coisa pelo pescador, e eu to vendo que deu resultado, e assim, eu to batalhando por isso e não vou abrir mão. Eu simplesmente saí do rio e achei por bem concorrer à presidência da Colônia. Ganhei, *eu concorri a presidente da Federação e com 30 votos ganhei, Federação do Estado do Rio Grande do Sul. Eu já to envolvido até mais longe do que Porto Alegre. Tudo pela classe, então eu quero ir até o fim.*

Seu Vilmar é um homem de sorriso largo e voz forte. Simples e direto.

Um dos grandes problemas na Colônia é a desunião da classe, até pra gente conseguir fazer um trabalho, não é fácil mesmo, então a gente tá batalhando até por causa de fazer um trabalho pra dentro da classe e mostrar que a gente tá trabalhando e se unir, nós não se unindo não chegamos a lugar nenhum, e na Federação é a mesma coisa, é um pouco pior porque existe aquele problema da política, o que é bom pra mim tem que ser ruim pra ti, na política é assim. O nosso problema é a justiça, as leis. Só pra te comparar assim: Não morreu no Rio dos Sinos 90 toneladas de pescado? E alguém conseguiu comprar alguma coisa pro pescador que ficou passando fome? Ninguém ajudou, o governo federal deu três meses rancho, cesta básica, o juiz ordenou a pagar e aí tá lá, não demora e se continuar daqui uns dias eles vão dizer que foi o pescador que botou veneno lá, porque eles dizem perante o juiz que as nossas carteiras não valem, mas não é nós que fazemos avaliação, é o governo federal. Então, isso é um menosprezo e o governo federal não toma atitudes, e quem é que perde? A classe.

Nós estamos no barco de seu Vilmar, ele gentilmente nos leva para conhecer as ilhas, estamos deslumbrados com as paisagens que de outro modo, do outro lado do muro da cidade, nunca conheceríamos. Ele fala muito, fala alto, e espera que sua fala ajude a divulgar os problemas que os pescadores e os demais moradores das ilhas enfrentam no seu dia a dia. São questões ligadas à preservação do meio ambiente, sobre a infraestrutura, e sobre a desigualdade social que contrasta fortemente entre um lado e outro, norte e sul, entre as casinhas de pescadores e as mansões. O Guaíba, por sua vez, é o mesmo para

todos.

Aqui na ilha, na realidade, nós temos dois tipos: temos a parte ambiental que é aquela que não pode ser construída, e aquela que a pessoa pode permanecer, mas até hoje, embora os esforços, continuam construindo, principalmente aquele com poder aquisitivo, aqui eles podem dizer que não pode, mas já tá cercado, já vai ser construída uma mansão ali, se multar ele tem dinheiro pra pagar ou recorrer... Nós vivemos uma democracia onde todos tem direitos iguais... uns podem mais, outros podem menos, a realidade é um direito a todos, entre quem tem e quem não tem dinheiro, só que tem que ter regras, aquilo que vale pra um tem que valer pra todos, mas *o que se vê é que aquele que tem mais, o que é pra ele não é o mesmo que para o pobre, por exemplo, vem a patrôla e coloca por cima da casa do pobre, leva tudo e não dá nada, mas no rico não, quem é que vai colocar a mão naquela mansão?* Isso é o que acontece.

O problema é o seguinte, eu não vi até hoje desmanchar uma mansão... não desmancham...

Tem que separar, cada ilha é uma ilha... Geralmente há criminalidade lá e eles dizem que é na Pintada... Os carteiros entregam errado de uma ilha na outra... Na verdade, a criminalidade existe em outras ilhas, considerável, por causa da pobreza, que na Ilha dos Marinheiros é grande. Uma das coisas que eu não entendo: ali na Ilha, onde é o prédio pro lado de lá da Colônia, ali era a delegacia, o cartório. Agora não temos mais nada disso, nós evoluímos, mas *nesse aspecto regredimos, não temos nada de serviços básicos, não temos um posto de arrecadação de banco, o pessoal tem que ir a Porto Alegre ou Eldorado, não tem nada aqui.* Essa é a Ilha do Pavão que eu queria mostrar pra vocês... tem uns pobres aí, mas já tão tirando, tão elitizando. Isso aí é a Ilha do Pavão, isso aí é problema.

Enquanto seu Vilmar vai falando, com voz forte e sorriso largo, eu me distraio por um momento, fico pensando... tem que separar, cada ilha é uma ilha...

Vou te dizer que aqui na ilha eu não tenho notícia de quem perdeu tudo em enchente. A água vai entrando e o ilhéu vai levantando as coisas, pode ter meia parede de água, mas ele sabe que vai baixar, então não tem isso aqui na ilha. A realidade é que se ele

não preservar o que é dele, ninguém vai preservar. Olha, choveu bastante na cabeceira, o vento é sul, para porque vem chuva... Agora tu fica assim: “Deus vai me ajudar”...

Eu não conseguiria me imaginar nessa situação, ver a água subindo, subindo... Mas eu percebi que a água está para o ilhéu como o botão está para a rosa. Eu me deixei naquelas horas ser levada por um sentimento de pertencimento. As pessoas estão onde estão por se sentirem bem, em sua casa, sua morada. Uma espécie de isolamento geográfico estratégico, para se permitirem viver no meio da natureza, de sua pesca, de seu contato com a água e o seu pedaço de terra, sua porção utópica de ilha no insulamento da cidade grande.

Nós tivemos há um tempo um problema que *queriam tirar todos os moradores debaixo ali da ponte, onde retorna pra vir pra Pintada... Tudo bem, mas onde vão colocar? Eu tenho 17 ou 18 pescadores ali... Onde vou colocar eles? Vou colocar 50 quilômetros terra adentro? Não é o habitat natural deles*, então eu fui lá e falei que eu quero que os meus pescadores sejam colocados num lugar que eles vão sobreviver, não é tu dizer “agora tu não vai pescar mais, tu te vira com o que tu acha que vai te virar”, não é assim, pescar é uma coisa, ter curso de qualquer outra coisa pra poder sobreviver é diferente, *não pode chegar e tocar o pescador... é mais um que vai ficar encostado por aí pedindo comida e sem direito a sobrevivência*.

Após ouvir seu Vilmar, vamos conversar com uma pescadora, ela é do norte do Brasil, e casou com um pescador da ilha. Não quer sair da ilha, de sua casa, que por sinal tem marcas nas paredes do nível que a água atingiu nas enchentes.

Eu me chamo **Imaculada**, eu sou cozinheira numa obra social aqui na Ilha, e o meu marido trabalha faz pouco tempo na Ilha da Pintada. Eu to bem satisfeita com a minha moradia, pago a minha água e luz. A parte da pavimentação, do esgoto, que é um direito do ser humano, por mais pobre que seja, acho que o ser humano merece esse tipo de tratamento. Olha, pobreza, pobreza a gente não pode dizer que existe. A gente trabalha daqui, trabalha dali, existe bastante galpão de reciclagem, o pessoal se defende, tem a carroça. Agora *essa violência, a drogadição, eu acho que não é nenhum problema social pobre, é um problema social geral, existe tanto na classe social baixa, média e alta*. O problema da violência existe porque a droga tá tomando conta... Existe em tudo

que é lugar, e aqui na ilha eu acho que é mais um lugar que convive com esse tipo de coisa.

Todos os anos que a gente tem enchente a gente fica embaixo da água... Entra nas casas, em algumas casas, na minha entra na cozinha, tenho que fazer mudança, mas eu já acostumei... Mesmo com a enchente tem que comprar briga pra me tirar daqui. É assustador tu ver ela vindo, mas eu já acostumei. *Meu marido disse assim “a gente tem que se mudar daqui porque essa ilha é assim, é assado...” e eu disse “Gente, vocês nasceram aqui, sabem que todo ano dá enchente, ainda não acostumaram? Faz a casa mais alta, para de sofrer...”* Pra mim é normal, sabe...Até porque dificilmente se perde, depende da família. Eu graças a Deus não perco, a gente levanta tudo, baixa a água e a gente baixa tudo. Nós temos a Escola Alvarenga Peixoto aqui mesmo na ilha, meu filho tá fazendo o último ano, o meu menor, agora já vai precisar ir pra cidade, a preocupação é maior. Tem posto de saúde, dentista, psicólogo, pediatra, tudo que precisar tem. *O atendimento é aquele precário do SUS que todo mundo sabe, mas é como a gente sabe viver.*

Imaculada mostra como ela se prepara para pescar. É visível a alegria dela em fazer o que faz, morar onde mora. Imaculada é, para mim, uma mulher guerreira. Não tem medo de enchente, diz o que sente. Sorridente. A gente pede para conversar um pouco com um casal que está no pátio de sua casa, seu João e dona Loeci. Eles aceitam falar. No começo, um pouco envergonhados. Mas depois eles nos mostram onde junta lama após as chuvas, impedindo o ônibus de entrar. Falam que gostariam que seus filhos estudassem para não ter uma vida difícil. Eu os escuto atentamente. Não tenho como não prestar atenção nas marcas de expressão de seus rostos, de suas mãos. Das frestas das janelas.

Eu sou **João**. *Esse negócio de reciclagem não é muito mas ajuda, não é muito, um pouquinho de cá, um pouquinho de lá, ajuda né, e a bolsa ajuda pro material das crianças pro colégio, porque a aposentadoria da gente não dá pra nada, então se parar com esse negócio das carroça fica ruim, né. Um dia dá, outro não dá...* tem muita concorrência, muita carroça nas ruas, e os melhores lugares eles não deixam mais entrar. *A gente precisa de mais condições, inclusive um ônibus que entrasse aqui na vila como entra na Pintada, botar um aterro na rua, porque dia de poeira não dá pra abrir a casa,*

dia de chuva tem que andar só de bota porque é muita lama, então quer dizer que fica ruim pra pobreza...

Nós aqui ainda moramos perto da faixa, mas e os que moram lá pra dentro, cinco ou seis quilômetros, que não tem condições, tem que ir trabalhar. Quando dá enchente, só de barco, baixa a enchente fica aquela lama que não tem como andar, então queria que o prefeito olhasse um pouco pra cá também.

Eu me chamo **Loeci**. A gente recicla porque vem tudo misturado, aí é vidro, lata, papel, papelão, tudo que dá pra ser comercializado aí a gente separa, coloca nos devidos lugares, e depois a gente comercializa. *É muita concorrência, tem muita gente pegando, tem muita gente que tem caminhão grande, que puxa, que pega, daí tá sendo meio problemático, mas o pouco que vem é o que a gente tenta reciclar e vender depois pra complementar mais.*

Quase hora de voltar. Vamos falar com Teófilo, o líder dos carroceiros na Ilha. Parece que andar de carroça só é permitido em cenas de filmes antigos... para ele, não.

Teófilo. A carroça é um meio de sobrevivência. Eu acho que dificuldade eu não tenho, porque as vezes já vem da origem, já é um caminho porque gostamos do animal, da carroça. Eu acho que não é que traga problema porque a gente faz o que a gente gosta. *Tem muita gente que acha que carroça é um problema, eu acho que o único problema que traz pra mim é quando a gente vai passear na cidade, a gente fala aqui né, que a gente vai pra cidade, mas a gente já está na cidade, então eu acho que as vezes na rua as pessoas acham que a carroça é um problema. Eu acho que não é. Acho que a pessoa que acha que é um problema tem que buscar a solução, então, pro carroceiro.* Desde que eu vim com esse trabalho, a gente tem um grande projeto com a UFRGS, vem veterinário, tem atendimento, eles cuidam os cavalos, tem o projeto piloto carroceiro, onde a gente leva o animal lá na UFRGS e eles atendem sem custo nenhum, então esse é o grande trabalho.

Enquanto volto, fico pensando que não é fácil levarmos a nossa vida, seja no carro, no barco, na carroça, no ônibus, caminhando, na ilha de cada um.

PERSEUS

Chegamos em Panambi após termos itinerado por Novo Hamburgo, Pelotas, Bagé, Viamão, Santa Maria e Cruz Alta. A entrada da cidade chama a atenção pelo imenso corredor ladeado por frondosas árvores. Nessa mesma paisagem, paradoxalmente, uma placa sinalizando: Panambi, cidade das máquinas. Após conhecer Eloi, Nivaldo, Valdir, Giovana, Jorge, Antonio Francisco, e outras pessoas que tão gentilmente nos receberam, eu pude compreender que há certas coisas que dificilmente iremos compreender. Por exemplo, sentir-se em um lugar como um não-lugar. Onde tudo está aparentemente em seu devido lugar... e ao mesmo tempo parecendo que não há lugar para ficar, sentar, sentir.

Eu me sentia transportada no tempo, em meio a cenários e personagens da mitologia, e na mais pura distopia. Diferentemente do isolamento geográfico, de quem busca a utopia na ilha paradisíaca, eu estava agora muitos quilômetros distante do horizonte.

Eu via um quarteirão tomado por uma metalúrgica, milhares de famílias de trabalhadores concentradas em seus ofícios, consumidas por eles. Máquinas?

Eu via em uma casa, um idoso e uma criança. Na casa, e sem terem para onde ir. Eu via uma praça impecavelmente bela, e nela havia dois belos jovens, sem saber o que fazer, pela sensação de nada haver a fazer, senão tentar sair.

Eu via Perseu, o filho de Zeus, que decapitou Medusa para que não se precisasse mais ficar de olhos fechados.

Eloi. Terminou o barro, veio o calçamento, surgiu o mural na praça porque antes tinha só estrada de chão por todas as ruas, e a principal que vinha de Cruz Alta para Palmeira das Missões cruzava no meio da cidade e seguia pela rua da Palmeira, que era o único acesso de um município para o outro, em direção a Palmeira e meus pais moravam ali, até hoje minha mãe mora ali na rua da Palmeira. *Aqui é a cidade das máquinas, tem muita indústria, centenas de indústrias pequenas, médias, e diversas grandes indústrias*, Brunning Tecnometal tinha 3.650 funcionários.

Em Panambi há épocas em que dá uma frustração de safras, daí a indústria não vende e diminui emprego, ou certas firmas que as vezes vão mal de negócio e fecham ou diminuem os empregados, mas o normal em Panambi desde sempre é só crescer. O povo vem de longe ou perto pra morar em Panambi. *Aqui é um paraíso de trabalho, não de se viver, porque aqui no trabalho as empresas exigem muito, exigem o sangue do trabalhador.*

Eu vejo como as indústrias precisam da mão de obra, e essa mão de obra precisa ser especializada, a indústria precisa de produção, os industrialistas e o setor de recrutamento são muito exigentes. Tem pessoas que não tem emprego, mas geralmente porque não querem trabalhar ou não querem se sujeitar as exigências, muitas vezes severas das empresas, que precisam de pessoas qualificadas. *A média salarial não é alta, mesmo esse fixado pelo governo e as firmas então pagam mais ou menos isso e o que excede são as horas extras, e aí que vem a exploração do ser humano. Então precisa ir trabalhar o marido e o dinheiro não chega, só chega se ele doa até o sangue.*

Antonio Francisco. Nós estamos trabalhando no modelo que tem no mercado público de Porto Alegre, ampliar o serviço de ouvidoria, enfim, *alguma coisa a gente vai ter que fazer porque é constatado que existe uma baixíssima participação da população naquilo que é importante, no que é decidido aqui, um desconhecimento total, então a gente se pergunta, em determinados momentos é até uma crise: o que é a Câmara, qual a finalidade, qual a utilidade que ela tem pra comunidade que é onde ela deve ser a principal parceira na solução dos problemas da cidade, que passam por aqui.*

Quem faz o lugar bom ou ruim é tua história e o que tu pretende nela, eu posso ser feliz aqui, morando em Porto Alegre ou qualquer outra que eu ficar idealizando. Precisamos exigir do poder público um investimento não só nas estruturas de trabalho porque a cidade é muito caracterizada por isso, todo mundo fala que a grande virtude da cidade é que se trabalha demais, eu já não acho, acho que nós estamos indo para um futuro que vai ter muitos problemas por isso, porque nós deveríamos estar buscando hoje outra qualidade de vida de uma outra forma, não só trabalhando, e tu *não tem espaço cultural, são raríssimos os espaços aqui, e isso é um problema.* Então tu imagina pro cara que é metalúrgico, que passa o dia inteiro, as vezes dez horas dentro de uma fábrica, ou a pessoa que trabalha no comércio, enfim, todo trabalhador. *Aqui é caracterizado que quem faz muita hora extra é o cara que é feliz, e é um problema, pois a gente sabe que isso tem seus reflexos logo ali adiante.*

Valdir. Exerço o cargo de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Panambi e Condor há 13 anos. Aqui o sindicato não existia, era uma extensão de base e por isso uma dificuldade na representação dos trabalhadores, e dentro da fábrica o que a gente pode perceber é que a pressão já era muito grande e eu diria que hoje ela continua, e as condições de trabalho são precárias. Quando se busca uma condição de trabalho melhor, se enfrenta muita resistência dentro das empresas. *Nós temos uma condição atípica, diferenciada dos grandes centros, aqui o assédio moral pra cima dos trabalhadores é muito grande.*

É uma cidade pequena com poucas indústrias, embora algumas de grande porte. *As pessoas se sentem impotentes em buscar seus direitos por causa da pressão que é exercida pelas empresas, e com medo de perder o emprego e não conseguir trabalho na outra empresa. A estrutura do Estado está aparelhada para atender os interesses do capital; é muito fácil uma empresa conseguir o interdito proibitório na justiça comum, e por si só determina que a segurança pública nos tire à força e que nos impeça de fazer o nosso trabalho. Eu já fui preso em frente à empresa por estar lá defendendo os direitos dos trabalhadores. É comum termos algum atrito com o próprio Judiciário em função disso, porque a gente não concorda, nós achamos que a relação entre o capital e o trabalho deve ser tratada com a Justiça do Trabalho. Sempre que há essa pressão/repressão contra os trabalhadores e contra o movimento sindical, os trabalhadores se sentem intimidados pra reivindicarem aquilo que eles querem, então quem acaba perdendo, virando máquina, dando um sentido para o nome Cidade das máquinas, são as pessoas, que estão dentro das empresas e tem que trabalhar.*

Como eu disse, eu comecei em 84 na indústria e trabalhei 12 horas por dia. Eu achava que isso poderia mudar pra melhor; hoje nós temos trabalhadores que trabalham 15 horas por dia dentro de algumas empresas, embora se tenha reduzido a jornada de trabalho. E por que essas pessoas ficam lá todo esse tempo? Será que elas querem? Elas viram máquinas. *Estamos enfrentando um grande problema aqui na nossa cidade, acredito que também é meio geral, que é o assédio sexual. A mulher por si só já sofre uma discriminação muito grande, e hoje na indústria as pessoas acabam se aproveitando dessa situação, e o assédio sexual corre frouxo dentro das empresas, e eu to falando das nossas, que a gente conhece.*

Aqui em Panambi, o Ministério Público está investigando denúncias, desde política anti-sindical, e o próprio procurador tem nos comentado a dificuldade que ele tem de conversar com os trabalhadores pelo medo que estes tem de falar. *Tu podes achar um absurdo, eu recebo cidadão aqui que diz ter procurado o Ministério do Trabalho, e o Ministério encaminha pro sindicato e diz: Olha, se tem alguém que pode resolver o teu problema é o sindicato.* Aí a gente vai pra frente da empresa e de lá saímos presos, ou então a gente leva "laço" da segurança pública, por estar defendendo, até pra fazer o trabalho, que na verdade, não seria o do sindicato, ou pelo menos não seria necessário se os poderes constituídos fizessem o seu trabalho.

Nibaldo, 56 anos, sou de Horizontina. Vim em 89. Tinha casa, eu vendi lá e comprei aqui. Eu me separei e deixei pros meus filhos e pra ex, isso em 96 quando eu me separei. Depois em 98 fui a Cruz Alta, daí eu trabalhei lá, eles me ofereceram mais, até deixei o emprego aqui que eu trabalhava, e daí eu trabalhei lá de 98 até 2003, trabalhei daí me machuquei e fiquei encostado, daí em 2004 a firma fechou, a minha carteira está assinada até hoje...Deixei essa casa pros filhos, daí eu fui pra lá, comecei de novo, tinha comprado uma casa lá, daí depois que a mulher ficou doente tomou de volta de nós porque tinha outra gente mais rica que pagava à vista, e à vista eu não podia pagar. Eu já tinha botado 15 mil reais, ganhei 5 mil de volta, isso eu botei em remédios pra mulher, e os 10 eu perdi. Niviane é o nome da minha filhinha. A mãe era Elvira, daí eu tirei o L fora, e o meu é Nibaldo daí deu Niviane, as três primeiras letras... deu um nome bonito né?

Eu fiquei viúvo e pediram pra eu voltar porque os filhos podiam me ajudar, daí quando eu cheguei aqui era bem o contrário... eu aluguei a casa deles mesmo que era a casa que eu deixei pra eles, a minha filha disse “Pai, lá tem umas casas à venda que a firma comprou e tinha um intermediário que pegava as casas pra vender”. Eu fiz um empréstimo na Sicredi e comprei uma casa dessas pra desmanchar pra eu poder fazer a minha. Eu fiz a minha casa aqui, essa aqui. O terreno pertence ao filho. agora ele tá expulsando nós da nossa própria casa.

Olha, pra te dizer, não é fácil, porque eu de manhã tenho que levantar, levar ela pro colégio, daí de manhã eu tenho uma folga pra trabalhar, as 11 horas, depende onde eu to, tenho que buscar ela no colégio, daí tenho que trazer ela pra casa, fazer almoço... a maioria das vezes se eu posso eu faço a noite, e daí eu pego a tarde e tenho que levar ela junto. Eu podia ter pego serviço com pedreiros, ajudar a fazer casas, mas não vou poder pegar um serviço desses porque a criança tem que estar junto e numa obra não pode ter criança, eu tenho que trabalhar em biscate como fazer limpeza de terreno, fazer pintura, se tem uma parte elétrica, hidráulica, todos esses serviços eu tenho feito. Esses tempos ele chegou em casa e perguntou pra mim “ Tu tá pronto pra sair da casa?” e eu falei “Mas meu filho, por esse preço que tu quer me dar eu não tenho como sair, eu não posso dar a minha casa por isso” .Ele pegou o facão, trepou na escada e cortou um cabo que vem pra cá, de 6 milímetros, a energia ligada, e o que eu fiz, eu chamei a policia, eles vieram aqui e fizeram ele religar a luz de novo, e era pra nós se acertar, mas não tem como se acertar bem com ele, ele não tem jeito, não sei o que ele quer, pra que ele quer me tomar a casa.

Aqui em Panambi tá difícil. O que a gente vai fazer se tá sendo despejado da própria casa né? Emprego, pra mim arrumar serviço eu tenho primeiro que ir atrás daquele pessoal que fechou a firma, pra desassinar a carteira, e na minha idade eu acho que é difícil arrumar emprego, e ainda com problema de coluna, então é difícil pra mim achar um emprego, e outra coisa é a criança que eu tenho, o mais importante, a única coisa que me sobrou do meu casamento. Ela tá com esse problema no colégio, ela tá transtornada, que ela briga com as crianças, não se acerta, daí a professora fala comigo, e eu procurei ajuda no juizado de menores, pra eles poderem me ajudar porque eu não to aguentando mais sozinho, só que quando a gente procura o juizado de menor já tá uma queixa lá da gente, que a gente tá fazendo uma coisa que não existe, como maltratar a filha, não dá de comer pra ela, que ela tem que comer nos vizinhos.

Agora pode procurar ali nos vizinhos se alguém já deu comida pra ela, que ela foi pedir e chorar, ou deixar abandonada, eu não posso deixar, eu tenho que cuidar dessa criança... Ontem eu trabalhei com o seu Olinca, ele queria até que eu assumisse o cemitério, mas pra mim é ruim porque chega uma hora que falece uma pessoa e eu não posso estar junto porque chega a hora que eu tenho que pegar a neném no colégio. Amanhã ele tem mais um serviço pra nós ir no cemitério, tirar uma criança de dentro do cemitério, os ossos dela, ver se eles acham, então amanhã nos vamos trabalhar lá.

Giovana: Aqui em Panambi as pessoas acham que não tem pobreza, não tem drogas, não tem desemprego, mas elas não saem da casa delas, elas não olham pro lado, se elas passam por um mendigo elas não olham pro mendigo, elas não vêem que o mendigo não tem casa, não tem comida, não tem emprego...

Jorge: Convém não ver...

Giovana: Convém pra elas não ver isso. Então, aqui em Panambi existe muito isso, e as pessoas não querem ver...

Jorge: É a cidade das máquinas, realmente é das máquinas...

Giovana: É, aqui é só indústria, a maioria é só indústria, tipo tem o distrito industrial, tem empresas que tem dois mil funcionários aqui que é a maior empresa, mas é só isso, é só indústria, não tem cultura, não tem nada, essa cidade é pra pessoa morar e trabalhar, só viver e trabalhar, não tem lazer, não tem nada...

Giovana: *Panambi tem um dos maiores índices de suicídio do Brasil, também tem um dos maiores índices de igreja aqui em Panambi, tem muita igreja, então as pessoas que estão doentes correm pra igreja, porque não tem outra coisa...*

Jorge: *Aqui em Panambi acham que a pessoa é isso, aqui tu vive pra trabalhar e trabalha pra viver, entende, porque aqui só tem bailão, o pessoal se junta pra beber e muitas vezes acaba em morte, mais morte.*

Giovana: É espantoso o número de jovens que morrem aqui em Panambi, em acidente de carro, assassinato, que nem aconteceu esses dias que o ex namorado matou a namorada...

Jorge: Sábado.

Giovana: Todo mundo fica chocado...

Jorge: Todo mundo fica chocado, mas...

Giovana: mas não faz nada pra mudar isso...

Jorge: Na próxima festa acontece a mesma coisa...

Giovana: É, na próxima festa todo mundo bebe de novo e sai de carro...

Jorge: Páscoa passada morreu até, credo, eu realmente, como tu diz, com poucos anos de vida já perdi duas colegas em acidente de carro, uma em 2005, a outra ano passado que morreu junto com o irmão, olha que coisa triste isso, os dois irmãos, os únicos filhos...

Giovana: morreram...

Jorge: Os únicos filhos... ficou os pais agora, agora são realmente duas máquinas porque, o que eles vão fazer da vida, esses dois filhos, é brabo isso.

SÍSIFOS

Talvez inexista maior utópico que Sísifo. Considerado o mais astuto dos mortais, e ofensor dos deuses. Era estrategista, a ponto de enganar o deus da morte e o deus dos mortos. Era rebelde, e por isso foi condenado a rolar uma grande pedra de mármore até o cume de uma montanha, por toda a eternidade. A pedra rolava montanha abaixo, e Sísifo voltava a empurrar montanha acima. Trabalho desolador, inútil, repetitivo, punitivo?

Os defensores de direitos humanos exercem trabalhos de Sísifos, quando agem e reagem diante das violações institucionais, quando os direitos humanos são violados. Nesta itinerância pelas cidades do Rio Grande do Sul, conheci vários defensores públicos, que uniram-se aos Itinerantes para participar das Aulas Abertas que realizamos. Estiveram em Bagé, Viamão, Cruz Alta, Panambi, Ijuí, Erechim, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul, São Leopoldo. São os próprios defensores públicos os que ingressam em juízo contra o Estado, e os que mostram ser possível ao Estado atuar como promotor de cidadania e dos direitos humanos, quando cumpre com sua finalidade social. Nesta ilha de Sísifos a antecipação da utopia urge se efetivar todo dia.

Defensora pública Neuza: Com todo este meu histórico ligado às questões sociais, na defensoria pública eu tive uma experiência que eu digo para os senhores assim: “não é para qualquer um”. É vocacional mesmo. É uma avalanche de problemas que se você não tem um preparo, uma vocação, é muito difícil você trabalhar nesta área de direitos humanos. Porque o sentimento de frustração também é muito grande. Pois uma coisa é você trabalhar um final de semana. Vai ali e visita uma periferia. Ou assiste na televisão alguma coisa que choca. Só que *trabalhar diariamente com esses problemas, a pessoa tem que ter uma estrutura emocional muito forte e um amor muito forte pelo ser humano para não desistir*. Os direitos humanos são essencialmente as nossas bandeiras.

Na área da saúde, o problema não é só a doença, mas a falta de condições para conseguir um medicamento. Muitas vezes as pessoas têm problemas que são complexos e precisam de medicamentos caros. *Muitas vezes o Estado não está dando os medicamentos e as pessoas então procuram a Defensoria Pública para mudar essas ações. Primeiro tem todo aquele caminho administrativo. Então não consegue. Aí se entra com a ação judicial. O juiz dá tantas horas para o poder público, seja municipal, estadual, ou federal cumprir. Não é cumprido. Aí as pessoas tem que buscar orçamentos nas farmácias. Três orçamentos. Então o juiz dá o bloqueio daquele orçamento. Se fosse uma vez só, mas tem acontecido todos os meses. Então é um sofrimento assim...*

A pessoa até tem direito à saúde. Ela tem direito a tratar a sua doença, tem direito a medicamento. Só que tem todo esse sofrimento que as pessoas passam todo o mês. Às vezes são pessoas que estão muito doentes e não tem um parente que vá correr por elas. Então *nesta área da saúde nós vemos que os direitos humanos são muito violados*. Além da pessoa se submeter a esta situação, todo mês ela tem que renovar. Infelizmente nós ainda não conseguimos ação judicial para que a pessoa consiga pelo menos por seis meses os medicamentos.

Comparando com o Ministério Público, há número insuficiente de agentes. Nós só poderemos dizer que todos tem o mesmo acesso à Justiça quando tivermos as mesmas armas. Por exemplo, quando você dá para o órgão da acusação uma estrutura maior, você não pode dizer que estará tendo uma ampla defesa. A estrutura, em todos os sentidos. Ainda existe aquela cultura: “ser advogado dos pobres é porque vão fazer porcaria, vão fazer um serviço de má qualidade”.

As pessoas acham que o defensor público não pode ajuizar ações contra o Estado. Muito pelo contrário: a maioria das nossas ações hoje são contra o Estado, principalmente, nestas questões de medicamentos. Nós defendemos aquelas pessoas menos favorecidas, mesmo que para isso tenhamos que ajuizar ações contra o Estado. O defensor público tem as mesmas garantias constitucionais de juízes e promotores. Isso nos dá garantia para ajuizarmos ações sem sermos vítimas pressões políticas que poderiam ocorrer.

Defensora pública Fabiana: O Estado do Rio Grande do Sul foi um dos Estados pioneiros na criação da Defensoria Pública, sendo que o termo “Defensoria Pública” surgiu na Constituição Federal em 88. *Nosso Estado, então, criou a instituição Defensoria em 1994 – foi um dos pioneiros – e, pasmem, ainda existem Estados da federação que não contam com Defensoria Pública.* Nosso Estado vizinho, Santa Catarina, não conta com os serviços da Defensoria Pública. *Eu não consigo pensar em Defensoria Pública sem pensar em direitos humanos e até um pouco além daqueles direitos que já foram falados até agora, sem pensar em cidadania e dignidade. E é isso que a nossa instituição busca, todos os dias, através do nosso trabalho.*

Dentro desse trabalho na área criminal, a Defensoria Pública atua hoje em mais de 80% dos processos de execução criminal de pessoas que estão com sua liberdade restringida, ou seja: nós atendemos 80% da massa carcerária de todo o Rio Grande do Sul. E aqui, em Erechim, não é diferente. Casualmente, dentre minhas atribuições aqui na comarca, eu exerço a segunda vara criminal e faço a vara de execução criminal. Os presos vêm para um atendimento pessoal comigo, que também é uma prerrogativa da nossa função, e eles sentam junto comigo para dizer quais são as suas reclamações, o que eles entendem como ter direitos.

Defensor público Marcos Vinicius: O defensor tem a chamada independência funcional. Ele trabalha de acordo com a sua consciência. A área de atuação da Defensoria é uma área muito ampla. Trabalhe-se logicamente na defesa criminal, trabalhe-se na defesa cível, na área de família. E também na área administrativa. E os casos que se tem. E aí a gente vê, *o defensor é um sujeito que pode ver diariamente a violação dos Direitos Humanos. Hoje eu vejo que nós não raramente presenciamos pessoas que chegam até as portas da Defensoria Pública. São pessoas que vão aos órgãos públicos, que batem nas portas dos órgãos públicos e que as pessoas que estão lá para atendê-los sequer olham na cara deles. Não sabem que jeito eles têm. E só dizem: “Não”.* E eles acabam chegando à Defensoria. Por isso, que eu digo que o Defensor é a voz dos miseráveis. É a voz daqueles que efetivamente não têm voz. Dos sem casa, dos sem teto, dos sem comida, dos sem saúde.

Defensor público Marcelo: Panambi é uma cidade de 36 mil habitantes, pelo último censo. É uma cidade evoluída, considerada uma cidade rica, só que a pobreza tá indo pra periferia; a cidade hoje, se tu conseguir olhar o centro, é bonito, tudo é limpo, só que se tu olhar em volta dos morros tu já começa a ver que a pobreza está para esses lados, tá nos limites. Logo que eu cheguei em Panambi teve o problema do desemprego, bem na época daquela crise mundial, então quando eu cheguei aqui era uma loucura, pais que não tem condições de pagar a pensão alimentícia, muitas vezes não porque não querem, mas porque perderam o emprego, então vem aqui nos procurar, mães que por causa disso estão sem aquele valor pra comprar alimento pro filho, comprar medicamento, também nos procuram pra cobrar desses pais, agora as empresas voltaram a contratar, mas ainda tem muita gente desempregada e muito trabalho informal.

Na verdade *eu saí de um concurso que na época me pagava até mais, e eu entrei na defensoria pública ganhando menos do que eu ganhava. Eu não sei, foi paixão, hoje eu não me imagino fazendo outra coisa.* A defensoria pública me traz muito trabalho, mas me traz a satisfação de achar que eu tô fazendo a minha parte. Claro que eu gostaria de fazer muito mais e acho que dá pra fazer muito mais, mas acho que ela também me realiza pelo lado de eu achar que tô fazendo algo pela pessoa, pelo semelhante, e as pessoas que batem a nossa porta são pessoas que eu acredito que não tem mais nenhuma porta pra bater, acredito sinceramente nisso, *e o que frustra um pouco é que a gente não tem estrutura pra poder dar também aquele lado psicológico que ela está precisando, porque não é só assistência jurídica, as vezes ela vem aqui e é muito mais o lado do psicológico, do tratamento da pessoa, do físico, e a gente não pode e frustra um pouco.*

Defensora pública Elis: *Às vezes é frustrante, sinceramente, porque de nada adianta tu fazeres o trabalho jurídico, buscar o encaminhamento social, se não há uma contrapartida, se não há uma rede que funcione adequadamente.* Então, de nada adianta tu encaminhar uma internação compulsória se não há um leito para abrigar essa pessoa, esse jovem, esse adulto com problema de drogadição, por exemplo. De nada adianta tu ter uma boa vontade em encaminhar um processo de regularização fundiária, em atender a pessoa, em ver que realmente é um caso de usucapião, se o município não te dá um suporte técnico. Porque a Defensoria ainda não possui um quadro de servidores administrativos, por exemplo, um engenheiro que pudesse elaborar um mapa e um

memorial descritivo para embasar um processo de Usucapião. Então, nós dependemos geralmente de um município que faça isso. E se o município não atender essa demanda nós ficamos de mãos atadas. Na verdade, eu acredito que mais de noventa por cento da nossa atuação é relacionada aos direitos humanos. Veja, eu atendo a Vara da Fazenda Pública. Qual a maior demanda na Vara da Fazenda Pública? A questão dos medicamentos, as internações compulsórias.

Defensora pública Paula: As pessoas atualmente pensam assim: “defensor público é aquele que vai defender o bandido”. Não é isso, eu acho que antes de tudo é importante que as pessoas tirem essa imagem, afastem essa ideia, porque o que vocês devem pensar é o seguinte: o defensor público vai garantir o exercício pleno das garantias fundamentais que a pessoa tem, ao devido processo legal, ampla defesa dentro do processo. Vocês tem que imaginar o processo criminal, não com aquela imagem de bandido, criminoso, mas sim como qualquer um de nós que pudesse estar respondendo

A pessoa que não tem condição de comprar um remédio, de conseguir um exame, de ser atendido por um médico, de se submeter a uma consulta médica, se ela não tiver condições de custear isso, o Estado tem a obrigação de conferir isso às pessoas. Então se a pessoa vai lá, tem um diagnóstico, sofre de epilepsia, precisa tomar um remédio contra essa enfermidade, o Estado tem o dever de fornecer o medicamento, mas o que acontece? O Estado não fornece o medicamento, muitas vezes não fornece... é uma obrigação mas ele não fornece. A pessoa precisa ser internada, não tem vaga no hospital, se ingressa com uma ação, claro que com atestado médico, com base numa prova documental mínima, para que o juiz determine imediatamente que seja procedida a internação dela, seja fornecido um leito para a pessoa se internar. Já houve casos, inclusive fora das cidades, que a pessoa teve que ser encaminhada a Porto Alegre. Então pede que se providencie um leito no hospital que vai atender bem o caso, inclusive o transporte. O Estado alega que há uma escassez orçamentária, no sentido de não ter dinheiro pra comprar remédio para todo mundo. Por isso, as vezes, durante o mês a pessoa não recebe o medicamento que ela precisa. A pessoa vai lá na defensoria pública, vai dar o número do seu processo, e a gente faz com que essa decisão de fornecer remédio seja cumprida de uma forma coercitiva, ou seja, a gente pede que seja bloqueado um valor da conta do Estado, e com esse dinheiro a pessoa vai lá e compra o

remédio. A defensoria pública, principalmente por meio de ações civis públicas, ações coletivas, atenderia também as necessidades dessas pessoas. *A defensoria pública é uma instituição aberta à comunidade, as portas estarão sempre abertas, não só para resolver, como eu falei, as questões judiciais, mas também pra tentar minimizar o problema das pessoas.*

Defensor público Antonio Augusto. *Se por acaso tu desconfiar que tá acontecendo uma violação no presídio, numa delegacia, tu não pode ter medo de acionar o órgão superior da defensoria pública, ou a corregedoria, ou a defensoria pública geral, para que essas medidas sejam tomadas num patamar institucional, a instituição da defensoria pública com a instituição da polícia civil, da brigada militar, da susepe, e não o defensor que tá lá fazendo o seu trabalho diário, enfrentar diretamente uma instituição, porque esse tipo de argumentação, de alegação, quando tu te depara com ela tu não pode agir sozinho.*

Defensora pública Patricia: Na verdade um dos princípios do direito penal é a presunção de inocência. Só que, lamentavelmente, o que se vê em muitos julgamentos é o contrário: é a presunção da culpa. Para ter um juízo de condenação é preciso ter uma prova inequívoca de que o réu praticou o fato. Mas, lamentavelmente, não é isso que é visto. Tem-se visto muitas condenações com meros indícios e presunções. As presunções nunca podem ser contra o réu, mas a favor dele.

E presunção de culpa não existe. Não há espaço para isso no direito penal. Eu acho que um trabalho bem forte que a defensoria tem feito, ao longo desses anos, é bater nessa questão. Algumas câmaras do tribunal de justiça, com relação a isso, são bem receptivas. Mas... não é a regra.

Os relatos⁷⁷ afirmam a existência de múltiplas situações de violência institucional, distópicas e espetaculares, no paradoxo violador/promotor de direitos no/do Estado do Rio Grande do Sul. Os discursos dos entrevistados⁷⁸ são referenciais

77 Neste estudo apresentamos excertos de algumas das falas, posto que não estão aqui os relatos de todos os entrevistados e de todas as cidades visitadas pelo Itinerantes. Não realizamos nenhum tipo de edição ou corte com relação ao teor/conteúdo das mesmas; a versão integral das entrevistas e relatos encontra-se gravada em fita mini-dv e cópia em DVD (perguntas e respostas). Há material inédito em imagens e em depoimentos.

78 Sobre os entrevistados, fica evidenciada a representatividade de pessoas com diferentes níveis de

analíticos que permitem compreendermos a existência de temas, problemas, dilemas para quem atua na perspectiva da defesa e de uma formação educativa em direitos humanos. Na próxima seção, analisaremos a existência de diversas situações de violência que podem caracterizar como o fato disparador para o desenvolvimento de um processo de educação não formal com intencionalidade política e proposta radical de antecipar a utopia, apesar do(s) paradoxo(s), do(s) espetáculo(s), e da(s) distopia(s).

5.3 Itinerantes, educando em direitos humanos: uma análise do paradoxo, do espetáculo, da distopia e dos sujeitos de direitos

A proposta analítica da pesquisa, com a classificação preliminar das informações obtidas a partir do paradoxo, do espetáculo, da distopia e dos sujeitos de direitos, tem o intuito de compreender os sentidos e as ideias centrais, a partir da argumentação ou da intenção argumentativa dos sujeitos sociais, e mostra o distanciamento fático existente entre *o querer ser e o ser reconhecido como sujeito de direitos*. Diante de todos os relatos já apresentados, elaboramos três quadros-resumo com os principais temas anunciados e denunciados: paradoxo, espetáculo e distopia (nossos conceitos-chave).

O Itinerantes não propõe se restringir como um momento de observação, escuta e percepção desses fatos relatados. Aspira a utopia da cidade justa, o que significa empreender esforços de mudança desse quadro paradoxal, espetacular, distópico e violador de direitos. Esse itinerar educativo, essa pedagogia da itinerância, é uma forma de desintoxicação do espetáculo, do entretenimento social que aliena as mentes e ações. Uma ação educativa em direitos humanos pode semear uma cultura de direitos humanos, e em nossa concepção este é o caminho no qual efetivamente emergem os sujeitos de direitos emancipados, o caminho da antecipação.

escolaridade, formação profissional, naturalidade, faixa etária. As gravações foram feitas de forma espontânea, a partir da vontade e disponibilidade das pessoas em falar, e sobre o que falar. Como resultado dessa forma espontânea, chegamos a um quadro plural constituído por: pescadores, carroceiros, papeleiros, donas de casa, estudantes, líderes sindicais, professores, defensores públicos, promotores de justiça, metalúrgicos, diretores de escola, policiais civis e militares, assistentes sociais, psicólogas, sociólogos, sem-teto, indígenas, beira-trilho, beira-BR, vereadores, deputados estaduais, prefeitos, ciganos, líderes religiosos, vítimas de tortura, representantes de ONGs e de associações comunitárias, comerciantes, historiadores, assessores de órgãos institucionais municipais ou estaduais

PARADOXO

VILMAR: *Um atrito muito grande com o representante do prefeito porque tinha 17 famílias que ele queria tirar da beira do rio.*

FABIO: *Eu juntava do lixo, comia muito do lixo. E dormia só em cima de papelão. Não tinha nada para me cobrir. Foi assim que eu fui vivendo.*

GILSON: *Meu objetivo na vida era só buscá um lugar pra me estabilizá e pra morá.*

FABIO: *Eu durmo embaixo do SESC ali. Aquela tenda que tem ali embaixo. Daí eu durmo lá embaixo tentei procurar albergue pra tentar dormir nos albergues, mas disseram que não tinha.*

GILSON: *Daí eu vivo aqui embaixo, aqui da ponte, nesse período. Nós sobrevivemo dos peixe que nós pesquemo, vendemo, tem dia que dá pra vender, tem dia que não dá, tem dia que nós tivemos só pra nós se alimentar.*

POLICIAL: *A ideia que o pessoal tem é de ir com uma gana pra rua. É uma formação praticamente militar de que ali do outro lado tem um inimigo.*

MICHELE: *um travesti viu uma pessoa sendo agredida, chegou no policial e perguntou o que estava acontecendo, e ele foi espancado.*

VALDIR: *fui procurado pelo capitão da BM ele perguntou se eu temia pela minha vida.*

FABIO: *Alguns tratam bem, outros tratam mal. Eles mandam trabalhar. Chamam de vagabundo às vezes. Às vezes eles xingam mesmo a gente.*

GILSON: *Que às vezes tamo deitado, a Brigada vem aqui, quer tirar todo mundo, e levanta a tapa, a soco, a chute.*

FABIANA: *Aqui no município de Erechim, o nosso presídio não atende a lei de execuções penais.*

NEUSA: *Muitas vezes a violência é praticada pelo próprio Estado. Temos situações degradantes, principalmente na área prisional. Há muitas notícias de abusos cometidos por parte das autoridades.*

LUCIA: *O sistema carcerário é com certeza falido, e toda a dinâmica do sistema, da rede, do judiciário.*

ROQUE: *Muito grande a questão da violência aqui em Caxias, principalmente de assassinatos, e praticamente gente jovem, presídios superlotados, e o presídio industrial era para ser modelo e não está dando conta.*

SIZINHA: *A gente precisa de um médico, e não tem um especialista, tem que ir pra Porto Alegre.*

CARLOS: *De ruim em Caxias falta segurança, saúde, habitação.*

ELISIANE: *nós temos casos de dezesseis anos que estão trabalhando como pedreiros e eles não têm aquele planejamento de no futuro ter um emprego melhor. Até porque o próprio município não oferece.*

PAULA: *O Estado muitas vezes não fornece o medicamento... é uma obrigação mas ele não fornece.*

NEUSA: *Nos presídios nós temos um grande problema a nível de Estado que é a da superpopulação carcerária. O que nós temos visto muito aqui em Cruz Alta, em particular, é a questão da droga. Infelizmente, os nossos pacientes ainda não são internados em Cruz Alta, são levados para fora.*

CHAIANE: *O Instituto Fonte de Apoio trabalha com a redução da criminalidade, da violência em Caxias.*

DANIELA: *A gente fica muito mal vista na sociedade. Não conhecem o trabalho do Conselho Tutelar.*

JOÃO: *Quem tem condições de ter um carro, tem. Nós não temos, por isso que temos carroça.*

TEÓFILO: *O carroceiro foi esquecido dentro de Porto Alegre. Teófilo empurrado por várias governâncias.*

MIGUEL: *muitos dizem assim: “Naquele beira-trilho! Aqueles invadido! Os invasor! Ah! Deixa que se matem lá!”. Se ligar pra Brigada dizem assim: “Ah! Depois que morrer um nós vamo!”.*

TERESINHA: *Eu faço parte do Movimento dos Atingidos por Barragens entendemos que estas pessoas tem o direito a uma moradia digna e não à situação que elas vivem aqui.*

FABIO: *Na verdade, a educação bancária é muito arraigada ainda em alguns professores; é difícil se libertar de uma educação que vem desde um século ou mais.*

PROFESSORA: *A gente tem muito relato de pessoas que desistiram, da evasão escolar em função do bullying a escola deveria apresentar um ambiente saudável, agradável, de paz... e, muitas vezes, é um ambiente inseguro.*

LUCIA: *onde tem as mansões, entraram na Justiça e pasmem, na Justiça municipal conseguiram uma liminar que não seria construída a escolinha, mas isso era discriminatório, porque não teriam crianças que precisariam daquela escolinha.*

ELOI: *tem creches, mas não tem vagas pra todos. Aqui na cidade temos que só recebe crianças acima de 12 anos, mas eu to falando das outras, as de 4 anos, onde vão ficar?*

GIOVANA: *A gente fica muito triste com isso de os professores não nos apoiarem.*

ANTONIO CARLOS: *A convivência aqui na Escola Família Agrícola é familiar. E toda vez que o jovem vai pra casa a escola vai junto. Quando retorna a gente também tem a família dentro da escola. Essa alternância que não é só de tempo e espaço, que o jovem troca a escola pela casa, mas também dos saberes e da vivência que tem cada uma das realidades. O filho querendo inovar, implementar uma certa tecnologia que ele aprendeu aqui na escola, e o pai relutando. Entendendo que talvez isso pudesse colocar em risco a produção. O pai sabe que daquela forma que ele produz dá resultado. Uma possível inovação poderia não dar certo. E isso colocaria em risco a economia da família. Então o pai não arrisca.*

ELOISA: *Se tu não fosses professora, o que você seria?, e eu digo: professora.*

ESPETÁCULO

CARLOS: *Quase tudo o que a gente precisa Caxias comporta.*

CHICO: *O que me orgulha é que Panambi é vista como uma cidade com um baita potencial, colonizada por alemães. Panambi é a cidade das empresas, esse o meu orgulho, morar na cidade que produz e contribui pro Estado e pro Brasil.*

ROQUE: *Existe um livro que é símbolo de Caxias do Sul na área metalúrgica: “Pobres construtores da riqueza”, o próprio título diz que através do trabalho intenso de muitos, poucos enriqueceram. Há uma desigualdade muito grande na cidade.*

CASTORINA: *Eu sou da tribo Kaingang, daqui do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. Metal, miçanga, essas coisas que a gente já compra para revender, só que a gente não quer, mas se obriga a vender porque não tem mais matéria prima.*

CHICO: *Panambi é o terceiro pólo metal-mecânico do Rio Grande do Sul e nós temos as áreas públicas abandonadas.*

LUCIA: *Caxias é um polo metal-mecânico, é um lugar bom pra morar, tem trabalho, muita qualidade de vida, mas também tem seus problemas, principalmente habitacionais invasões. Eu vejo muito aquelas mansões, as áreas enormes, e eu penso, é aquela coisa de muito pra poucos e pouco para muitos.*

CESAR: *Aqui ainda é uma das regiões de maior densidade populacional, no meio rural, dentro do Brasil. Mas com uma face pobre razoável. A gente tem muitos trabalhadores sem terra.*

JOICE: *“Direitos humanos? Direitos humanos é a defesa do bandido, do criminoso... porque tu vai trabalhar com direitos humanos?”*

ROQUE: *Todo defensor de direitos humanos é um agente crítico social, e o rótulo que ele recebe é que defende bandidos. Ninguém quer questionar uma sociedade que apesar do progresso marginaliza tanta gente.*

VALDIR: *A gente tem que ler, tem que buscar informações, porque senão ficamos reféns das informações que são mastigadas pela mídia.*

ROQUE: *que há uma massa de 30% dos caxienses que tem uma visão crítica, os outros vão conforme se estabelecem as condições favoráveis ou não dos seus interesses.*

IMACULADA: *Os pescadores dificilmente se comunicam.*

POLICIAL: nós somos fazedores de ofícios, a gente oficia pra tudo que é lado e temos respostas formais, mas que não resolvem o problema. É a resposta de que nós não temos poder nenhum de agir naquilo ali.

ROQUE: Aqui na praça Dante, em 1968, em plena ditadura militar, a história de Caxias do Sul se entrelaça na organização dos movimentos anarquistas e depois do comunismo e criaram um monumento que está fixado nessa praça, que a grande maioria dos caxienses desconhece e a população em geral não sabe o seu significado. colocaram num símbolo da mão fechada, o punho cerrado que simbolizava o movimento socialista no mundo inteiro.

ROQUE: Tinha grandes cinemas, grandes casas de espetáculos aqui em Caxias. Morreu.

JORGE: são sempre as mesmas pessoas, sempre, aqui em Panambi parece que nada muda.

CHICO: Nós não temos cinema no nosso município, várias cidades da região não tem mais. a princípio não se compensa financeiramente, é o que dizem.

GIOVANA: Panambi sofreu um retrocesso porque na década de 70 a gente tinha um cinema aqui, e agora o que tem aqui, não tem nada.

DANTE: Eles montam uma estrutura básica, rápida, entre duas mesas, um pau de arara, um aparelho de choque, um para-brisas de carro. Uma coisa bem simplesinha. Então eles fazem a tortura, pegam aquele aparelho, guardam no bolso, tiram o pau de arara, e sumiu tudo.

DANIEL: Esta vítima que pedia socorro, foi de fato morta e certamente deve ter sido logo após a morte prontamente atendida pelo DML da cidade.

GUTO: Muitas vezes pessoas que poderiam confirmar uma tortura, maus tratos, ou confirmar que o acusado não é o verdadeiro culpado, ficam com medo da polícia, ou do patrão do tráfico que não quer que apareça o verdadeiro culpado.

VALDIR: Fomos condenados aqui em primeira instância a dois anos de reclusão e mais uma multa pecuniária equivalente a 10 salários mínimos, nós conseguimos reduzir para um ano, que foi convertido em serviços prestados à comunidade, e esse trabalho, quando a gente foi fazer, a Brigada Militar que é a segurança pública, mancomunada com os empresários, e eu não tenho medo nenhum de dizer isso porque está provado, tentaram de todas as formas me humilhar, me colocando pra fazer trabalho pesado, não pelo trabalho pesado, mas pelas condições que fizeram, fazendo isso ao lado da via pública onde os empresários podiam passar, e passaram pra ver eu trabalhando, e além de terem dificultado a realização do trabalho dentro, onde eu estava fazendo, colocando tijolos pra eu puxar de um lado pro outro só por puxar e colocando cabos no caminho para que eu não pudesse pular nem com um carrinho, mesmo se tivesse um carrinho eu não poderia usar, eu tinha que puxar com as mãos. E na mesma noite, uma empresa daqui promoveu uma festa pra toda a corporação da Brigada, distribuíram mais de 200 prêmios doados pelos empresários daqui, pra ser distribuído entre os brigadianos e suas famílias.

NEUSA: Cruz Alta tem muita miséria, falta de empregos.

VALDIR: A capacidade do capital hoje é muito maior de se movimentar, de manter a pressão sobre os trabalhadores; é um cabresto.

ROBERTO: O que existe em Bagé é que os poderosos tem 1800 casas. Estão aí as casas, um dia, para exploração imobiliária, um dia, aquela casa hoje vai ficar 3, 4 anos ali até pegar um bom preço pra eles venderem, enquanto isso o povo não tem onde morar.

CESAR: É o maior complexo de produção fumageira da América Latina São trabalhadores que ganham de quatro, cinco salários, trabalham em tempo parcial para garantir renda para o ano, e o resto do tempo vivem de seguro desemprego, poupança, e trabalhos temporários.

ROQUE: Viver em Caxias do sul é viver os contrastes da própria sociedade capitalista isso os imigrantes tinham na sua categoria três bases fundamentais para a sua existência: trabalho, família e fé.

D I S T O P I A

GRACIELA: *Acho que por volta de 1200 os ciganos também eram mortos, feitos escravos, as mulheres principalmente eram mortas pra não gerar mais a propagação da raça.*

CARLOS EDUARDO: *Nos acusam de bruxos, macumbeiros, ladrões, de nos apropriar de propriedades de locais ociosos.*

ALCEMIR: *E negrão aqui, sabe como é que funciona né? É difícil. Negrão aqui é difícil.*

CASTORINA: *Olha, é muita discriminação, a gente convive com isso aí. “É, vocês não têm, vocês índio são que nem o animal.*

GIOVANA: *aqui em Panambi ela já sente muito preconceito, e isso já vem desde sempre sabe, não só preconceito de cor, mas preconceito também de estilo musical, estilo de roupa, de tudo.*

JORGE: *aqui em o pessoal tem preconceito com quem é de fora Panambi criou isso sobre Cruz Alta, quem é de Cruz Alta é preto, ladrão, não presta... quem não tem sobrenome alemão aqui se dá mal.*

ALCEMIR: *“Prefeito, aqui tem bastante negro, como é que funciona?” Sabe o que ele disse? “O negro aqui sabe o lugar dele”.*

JOÃO PAULO: *é nessa diferença que está a riqueza das regiões e não na afirmação de uma identidade hegemônica, porque a gente sabe onde é que termina esse discurso.*

MICHELE: *Nós temos três comunidades indígenas, na Estiva, Cantagalo e Itapuã, e, com nossos resquícios dos europeus, nós sofremos com isso e eles sofrem muito mais do que nós a questão da cultura.*

CHICO: *que a gente consiga fazer esse povo ter oportunidade de lazer para reduzir o problema da droga.*

ELOISA: *os grandes problemas de Carazinho, o uso de Crack, o abuso sexual, a violência em geral.*

LUCIA: *O crack infelizmente não começou ontem, tá há muitos anos, só que não tinha atingido as classes médias e altas.*

IARA: *mães que vem aqui, agredidas pelos filhos. Idosos agredidos. Em função do crack.*

LUCIA: *A gente vê hoje na rua crianças de 8 e 10 anos usando crack, famílias inteiras.*

MICHELE: *Muitas vezes aquelas crianças ficam órfãs, vão para os nossos abrigos, porque em função do crack os pais tem uma vida curta, então nossos abrigos estão superlotados de crianças.*

FABIANA: *não só o problema do crack, mas também envolvendo o problema do alcoolismo que, por sua vez, traz a violência doméstica, que traz, por sua vez, os processos da Maria da Penha.*

IARA: *O que choca mais é a violência. A violência física. O que mais me chocou foi um dia ter recebido aqui uma mulher, que vem semanalmente aqui. Foi um dia ter recebido ela aqui, com a boca assim, toda... os dentes todos quebrados.*

CHICO: *a falta de políticas nesse sentido faz com que tenha essa possibilidade de vir acontecer um suicídio, até homicídios algumas coisas na situação de falta de lazer, e a ideia da colonização alemã, de trabalhar muito.*

ROSANGELA: *No Rio Grande do Sul, com muita tranquilidade eu posso dizer que eu sei que o suicídio está no campo, e que a gente precisa olhar para o campo talvez com outro olhar.*

ELISIANE: *Falta de trabalho é o que geralmente leva as pessoas a caírem na dívida e esses são geralmente os fatores que levam a pessoa a depressão e posterior suicídio.*

ROSANGELA: *De três em três minutos, a gente tem gente praticando o suicídio, tem gente morrendo.*

CHICO: *Eu vi que as pessoas entram nas empresas, trabalhavam, faziam horas extras e não tinham aquele tempo, e esse pessoal acabou ocorrendo um problema de depressão, problemas de saúde.*

ROSANGELA: *que transformações a gente tem hoje na contemporaneidade e na sociedade que leva a isso, a tomar essa decisão de que viver, é pior.*

As falas são por demais contundentes, falam por si. De situações mais antigas a outras mais recentes, importa observar que não faz diferença substancial se o município é de maior ou menor extensão e localização geográfica, maior ou menor nível de desenvolvimento econômico. As violações são muito semelhantes no que se refere a questões como: a discriminação, a violação ao direito à moradia, tornando caótica a situação em que estão moradores de rua, indígenas, beira-trilhos e beira-BR (as iniciativas ocorrem quase sempre por mobilização de entidades de direitos humanos, e não pela ação institucional); as ações de remoção de moradores de um determinado espaço não se fazem mediante políticas públicas que visam à melhoria de condições dessas populações, mas ao favorecimento econômico de outros setores (a relação Estado-mercado fica nítida); a discriminação com relação aos que não dispõem de carro, e portanto são “estranhos” por utilizarem-se de carroças, o que evidencia traços de segregação/discriminação, do mesmo modo que ocorre por questões raciais com negros, ciganos, e com os que não são aceitos na cidade, considerados estranhos por não serem nascidos nessa localidade; o direito à saúde é violado desde o não fornecimento de medicações em muitas situações, o número ínfimo de leitos disponíveis e para internações, com um quadro desolador no Estado no que se refere a disponibilização de hospitais, postos de saúde.

Com relação à violência policial, o quadro é extremamente grave: relatos de abusos de autoridade, tortura, maus tratos, além de uma formação que ainda vem sendo feita no sentido de coerção e uso da força; o não cumprimento da Lei de Execuções Penais, a não existência de abrigos e casas de passagem em vários municípios, a não ressocialização dos presos, a superlotação dos presídios; a forma arbitrária e discriminatória ao dirigir-se a moradores de rua, e outras pessoas em situação vulnerável. As características distópicas que se evidenciam sobremaneira por uma epidemia do crack, entre outras drogas, e o tráfico de drogas como um “câncer social”; violências contra crianças, pelo bullying, abuso sexual, trabalho infantil; violências contra mulheres, e a falta de estrutura de acolhimento às vítimas de violência; para familiares que padecem por estar em situações de desemprego, ou outras situações, nas quais precisam acionar a rede institucional para dar apoio a crianças e adolescentes, a idosos, e a rede ou é muito precária, ou inexistente – e falando aqui de cidades maiores como é o caso de Caxias do Sul, e de bom desenvolvimento industrial, como Panambi.

A distopia que se faz presente nas situações de discriminação, violência simbólica e física, violência institucional, drogadição, alcoolismo, depressão, homicídio e suicídio. No campo e na cidade. São algumas linhas para milhares de pessoas que sofrem algumas ou muitas dessas formas de violação. Com uma rede institucional precária, em contraste com um Estado em elevado nível de desenvolvimento econômico, o que leva à constatação incontestada da espetacularização.

No discurso dos sujeitos de direitos percebe-se que os espaços de convívio não estão mais nos locais públicos, há carência de espaços livres de lazer, em contraposição a proliferação de espaços pagos, particulares, seja em shopping centers, escolas particulares, e outras formas de acesso possíveis a quem pode pagar. O bolsão dos sobrados ou excluídos permanece sobrando e à margem, e cresce. É um Estado onde há comunicação entre as pessoas diminui presencialmente, mas de forma paradoxal evoluem e se sofisticam cada vez mais as formas de tecnologia que permitem múltiplas ferramentas para comunicação.

Os meios de comunicação são cada vez mais de ponta, mas sob o controle provincial e de caráter ideológico porquanto atende a interesses privados. Alguns relatos deixam claro que a ação de defensores de direitos humanos é estigmatizada porque não convém a uma estrutura que prioriza o desenvolvimento econômico às custas da desumanização das relações, que se faça um repensar sobre as formas de agir e as estruturas vigentes, que dão a impressão de serem erigidas para a imutabilidade e eternidade do deus Capital.

O próximo quadro sinóptico vai mostrar e confluir os sentidos dispersos e latentes das falas dos personagens/sujeitos. Pode se perceber a realidade social como se estivesse conformada por relações sociais reticulares.

QUADRO SINÓPTICO 6 – NOS SUJEITOS DE DIREITO,
O SENTIDO DAS COISAS

personagens/ sujeitos de direitos	PARADOXO	ESPETÁCULO	DISTOPIA	UTOPIA
RÉUS	<ul style="list-style-type: none"> -Papeleiros no centro da capital -Abuso de autoridade policial - falta de estrutura e apoio por parte do governo 	<ul style="list-style-type: none"> -proximidade dos jogos da Copa do Mundo -“limpeza” da região do centro histórico: remoção para periferia da capital 	<ul style="list-style-type: none"> - Tráfico - Drogadição - Descrença nas leis - Execução 	<ul style="list-style-type: none"> - Morar com dignidade no próprio lugar - Educação como base para transformação social
ILHÉUS	<ul style="list-style-type: none"> - falta de estrutura básica e de apoio do governo para pescadores, carroceiros -atendimento precário na área da saúde SUS - carroceiros, pescadores, papeleiros e moradores em mansões 	<ul style="list-style-type: none"> - A nova ponte: removerá mansões ou só os “casebres”? - a beleza natural das Ilhas é preservada ou consumida? 	<ul style="list-style-type: none"> - viver separadamente em cada ilha, falta de comunicação - criminalidade - drogadição e tráfico 	<ul style="list-style-type: none"> - morar à parte da cidade - enchente é para quem é ilhéu de verdade

<p>PERSEUS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - assédio moral e assédio sexual nas indústrias - ineficiência da rede pública - ineficiência do Ministério do Trabalho - abuso de autoridade por parte da polícia 	<ul style="list-style-type: none"> - a cidade das máquinas, símbolo do desenvolvimento econômico - o que fazem os jovens quando não estão na escola? 	<ul style="list-style-type: none"> - na cidade das máquinas, o sangue do trabalhador - suicídios -homicídios -drogadição -discriminação racial - falta de opções de esporte, lazer, entretenimento 	<ul style="list-style-type: none"> - sair da cidade ou - ficar para mudar, conscientizar - liberdade de expressão
<p>SÍSIFOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estado violador: não fornece medicamentos em vários casos; leitos; internação - abusos em presídios 	<ul style="list-style-type: none"> - defensores de direitos humanos são defensores de bandidos? 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de estrutura, recursos, pessoal para dar conta da demanda no Estado 	<ul style="list-style-type: none"> - Estado promotor de direitos humanos

Fica claro que a maior característica espetacular da violência institucional no Estado do Rio Grande do Sul está na área da educação. O não investimento do orçamento, de políticas públicas, de investimentos na formação de professores, na valorização do trabalho docente, em um plano global e estratégico para efetuar sim uma revolução na estrutura da rede pública em todos os seus níveis, eis a forma mais perversa de manter espetacularizadas as gerações que passam pelas escolas e universidades. São necessários recursos para melhorar as estruturas, e essas são decisões políticas, e não devem ser decisões político-partidárias. A forma de se fazer política neste Estado é distópica, é violadora e é espetacular. Entre os amigos do rei.. Se não há uma educação formativa, não há um povo livre. Nunca a contemporaneidade esteve tão próxima da barbárie.

06. POST SCRIPTUM

Nem imolados, ilhados, isolados ou desolados, mas... anárquicos

... Tenho boas, mais boas do que más coisas pra guardar de pesca... Os cabelos brancos estão dizendo aqui que eu já não cozinho na primeira fervura... VILMAR Ilha da Pintada RS

O sujeito pós-moderno ou contemporâneo é dilacerado, e a busca pela identidade do sujeito, que somente se reconhece como tal diante de outro sujeito, do outro, parece ser impossível, ou consumir-se apenas como relação de sujeição. O Estado consente, não reconhece o sujeito. Os anarquismos, como filosofia e movimento político, surgiram na perspectiva de uma reflexão e revolução crítica sobre essa ordem no caos.⁷⁹ Pensadores como PROUDHON e BAKUNIN, entre outros expoentes dos anarquismos⁸⁰, já percebiam a importância da educação como propulsora da autêntica emancipação. Para PROUDHON, *a educação é o fim e a forma de se fazer a revolução, é conhecimento e ação. A verdadeira educação não tiraniza, não se realiza de forma vertical, com base em uma autoridade, mas em forma de autogestão.*⁸¹

A ideia de revolução que o anarquismo preconizava no século XIX vinha no sentido de criticar a existência do Estado, de um governo central, de uma autoridade maior, de um pensamento único. BAKUNIN, apesar de afirmar que o anarquismo e o marxismo vieram de uma mesma crítica ao modo capitalista, deixava claro as principais diferenças: não aceitava o economicismo e o etapismo marxista – o capitalismo como etapa necessária para ser superado pelo socialismo - o que no entendimento de BAKUNIN levaria ao socialismo burguês. Para esse pensador anarquista, a dialética se constitui em dois momentos, um positivo e um negativo, o que significa no campo político que destruir é construir, eis o germe de um processo de transformação, de revolução, tanto em oposição ao capitalismo quanto ao comunismo:

79 Anarkhos” significa sem governantes. A anarquia não é ausência de ordem, é ausência de autoridade.

80 Thomas Paine, William Godwin, Piotr Kropotkin, Buenaventura Durutti, Liev Tolstói, Max Stirner, Lucy Parsons, Emma Goldman, Herbert Read, Neno Vasco, Errico Malatesta, Voltairine de Cleyre, Federico Montseny, Murray Bookchin, Noam Chomsky: eis alguns dos principais nomes dos Anarquismos. Obras como História das Ideias e Movimentos Anarquistas, de George WOODCOCK, O anarquismo, de Luiz Pilla VARES e História do Anarquismo, traduzido por Plínio Augusto COELHO, apresentam os principais representantes e suas teses a respeito da sociedade sem governo.

81 “O que o capital faz ao trabalho, e o Estado à liberdade, o que a Igreja faz ao espírito. Esta trindade é tão pernicioso na política quanto o é na filosofia. O meio mais efetivo de oprimir os povos seria simultaneamente escravizar seu corpo, sua vontade e sua razão”.PROUDHON, Confissões de um revolucionário, 1851

“A liberdade sem o socialismo é o privilégio, a injustiça, e o socialismo sem liberdade é a escravidão e a brutalidade”. BAKUNIN, Federalismo, socialismo e antiteologismo, 1867

BAKUNIN e os anarquistas de um modo geral anteviam na revolução a única possibilidade real de combater o paradigma do capitalismo, mas também se posicionaram criticamente em relação ao paradigma comunista. Para BAKUNIN, o comunismo negava a liberdade, porque concentrava todo o poder e as forças da sociedade no controle estatal. Ele realmente não acreditava que qualquer classe, ao tomar o poder, deixaria de manter a sede pelo poder, pelo controle sobre as demais classes. Ele propunha uma nova forma de organização social, na forma coletivista. Em carta à PROUDHON, escreveu:

“Vereis que perseguimos uma ideia muito simples: a destruição dos grandes Estados. É minha íntima convicção que os grandes Estados eo despotismo são inseparáveis. Tendes muitos admiradores e partidários na Alemanha; encontrei aqui homens verdadeiros, em número não muito grande, sem dúvida, mas estes ao menos são bons. Nada é tão difícil atualmente como ser verdadeiro; é o século da hipocrisia e dos hipócritas: hipócritas aristocratas, hipócritas liberais, hipócritas democratas, hipócritas em toda parte, e pouquíssimos homens tem a coragem de confessar a eles próprios as últimas consequências de suas próprias ideias. A revolução é imensa, os acontecimentos gigantescos, mas os homens são infinitamente pequenos. Eis o caráter do nosso tempo.”

BAKUNIN, Revolução e Liberdade, p.32-33

Não se pode compreender o anarquismo como um sistema homogêneo; pelo contrário, seria a própria negação da proposta anarquista. Existem algumas ideias comuns, oriundas de diversas visões anarquistas, como o fato de que todo Estado e todo governo oprimem, e por esse motivo as sociedades devem se organizar sem governos, sem a presença do Estado. Todo Estado é ou se torna despótico, todas as formas de governo e de poder suprimem as liberdades individuais e políticas. Todos os partidos políticos, na medida em que almejam o poder, tornam-se representantes de seus interesses e não da coletividade. E nas sociedades contemporâneas, acrescenta-se o grande poder manipulativo da “mass media” como forma de supressão das consciências, do não-reconhecimento dos sujeitos de direitos. Para Henry David THOREAU,

considerado o “pai do Anarquismo”, a lei jamais tornou os homens mais justos⁸². A utopia anarquista é a possibilidade de uma revolução, do direito de recusar lealdade e resistir a um governo tirano, à obediência a leis injustas⁸³:

“Leis injustas existem: devemos contentar-nos em obedecer a elas
ou esforçar-nos em corrigi-las, obedecer-lhes até triunfarmos
ou transgredi-las desde logo?”
THOREAU, p. 25

Assim como a desobediência civil é uma forma de resistência pacífica e ao mesmo tempo revolucionária diante de um poder instituído, porém não representativo, outro tema fundamental abordado pelos anarquistas é a questão da propriedade. PROUDHON celebrou a afirmação “A propriedade é um roubo!” Assim como os utópicos, os anarquistas percebem na instituição da propriedade a maior causa da desigualdade social. Para PROUDHON (2008: 19), a propriedade é sob qualquer ângulo uma ideia contraditória, ilógica e instável, “e tal é a razão pela qual os trabalhadores são cada vez mais pobres e os proprietários são cada vez mais ricos”. PROUDHON percebe na associação mútua, na autogestão, a possibilidade real de efetivar mudanças sociais e de libertar os sujeitos da opressão estatal e do mercado.⁸⁴ Ele percebe o Estado como sendo sempre a mesma coisa: império, monarquia, república, democracia, ou mesmo sob a forma de um comunismo que ele qualifica como um estatismo agravado. Mesma coisa, no sentido de que um sistema, seja ele comunista, governamental, ditatorial, autoritário, doutrinário, mantém os indivíduos subordinados. BAKUNIN também afirma que a liberdade de cada sujeito se concretiza se for sem limitações, caso

82 Na obra *A Desobediência Civil* (1997), THOREAU afirma: “A maioria dos legisladores, políticos, advogados, servem ao Estado principalmente com seu intelecto e como raramente fazem qualquer distinção moral, estão igualmente propensos a servir tanto ao diabo, sem intenção de fazê-lo, quanto a Deus. Uns poucos – heróis, mártires, patriotas, reformadores, servem ao Estado também com sua consciência, e assim necessariamente resistem a ele, em sua maioria, e são comumente tratados como inimigos” (p.13)

83 THOREAU aborda com vigor a questão da injustiça cometida pelas instituições, pelos poderes políticos estatais: “Qualquer homem mais justo que seus semelhantes já consiste uma maioria de um” (p.28) e prossegue: “Num governo que aprisiona qualquer pessoa injustamente, o verdadeiro lugar de um homem justo é também a prisão” (p.30)

84 PROUDHON, sobre a causa da desigualdade: “Por toda a parte em que se pretendeu de fato, organicamente, estas três coisas, o capital, o trabalho e o talento, o trabalhador foi escravizado: ele se chamou alternativamente escravo, servo, pária, plebeu, proletário; o capitalista foi explorador: nomeia-se ora patrício ou nobre, ora proprietário ou burguês; o homem de talento foi um parasita, um agente de corrupção e servidão: este foi o primeiro sacerdote, mais tarde o clérigo, hoje o funcionário público, qualquer gênero de capacidade e monopólio” (p. 61)

contrário, não é liberdade.⁸⁵ A revolução para ele, do ponto de vista político, leva à emancipação dos indivíduos e das associações, e com a abolição da autoridade, do direito histórico, da dissolução radical do Estado (centralista, tutelar, autoritário, das instituições militares, burocráticas, governamentais, judiciárias). A revolução garante a liberdade dos indivíduos, nas entidades coletivas como associações, comunas, nações. A igualdade social garantida pela educação é a verdadeira revolução social. Para os anarquistas, uma sociedade pode se constituir sem um Estado. A eliminação ou abolição do Estado seria necessária, na perspectiva do anarquismo, pelo fato de o Estado ser o símbolo maior da institucionalização da opressão, independente de classe, é uma posição de poder. O Estado é, por isso, disputado por todas as classes, o que ratificaria a tese anarquista de que o Estado é causa de lutas pelo poder, uma força opressiva que nunca reflete e representa os interesses de todos. Sem o Estado, a organização social seria realizada por meio da autogestão dos trabalhadores, dos meios de produção, das federações e organizações.

As contribuições das críticas feitas pelos anarquistas são referências para a continuidade da busca da “república pós-moderna” ou da “utopia dos direitos humanos da cidade justa”. Certo é que os paradigmas baseados no comunismo e no liberalismo não reconhecem a dignidade humana; ao contrário, subjagam o humano. Um reconhecimento formal é tão perverso como um não-reconhecimento.⁸⁶

85 “O homem só é verdadeiramente livre entre outros homens igualmente livres, e como ele só é livre na condição de ser humano, a escravidão de um só homem sobre a terra, sendo uma ofensa contra o próprio princípio da humanidade, é uma negação da liberdade de todos”. BAKUNIN, p. 63

86 DOUZINAS, p. 376: “ Conforme tristemente verificamos após as atrocidades e os genocídios do último e pior século do segundo milênio, o reconhecimento de humanidade jamais é totalmente garantido a todos. Vale frisar que não é uma questão de seres humanos terem direitos, mas que os direitos constroem o humano. A humanidade apresenta muitas tonalidades e tipos. Os pobres, cuja expectativa de vida na África subsaariana é cerca de 30 anos mais baixa que a média britânica, são seres humanos inferiores. Os cinco mil bebês iraquianos, que morrem a cada mês, em consequência do embargo ocidental, e os bebês africanos, que compõem uma taxa de mortalidade infantil dezessete vezes maior que a das crianças europeias, representam uma parcela ainda mais inferior da humanidade, mal no seu limiar. Aqueles que são perseguidos em virtude da sua opção sexual ou de sua raça são seres humanos defeituosos, pois uma grande parte de sua identidade e autoestima é apagada ou se transforma em causa de vitimização. A subjetividade, de acordo com a lei, é uma conquista frágil: ela pode ser facilmente minada e destruída sob agressão física e simbólica. A humanidade é, portanto, uma condição avaliada e classificada com muitas sombras e camadas entre o Ocidente “super-humano” branco, heterossexual masculino em uma extremidade, e o não-humano, os prisioneiros dos campos de concentração ou os refugiados em fuga, na outra”.

Assim sendo, concluímos este estudo ainda que na inconclusão dos temas e da investigação. Sabendo que salvo por crença ou por dogma, não há verdade absoluta nem sociedade perfeita. A ação direta Itinerantes é um projeto em movimento impermanente de reflexão-ação. Veio para colaborar no sentido de mostrar que é possível, sim, transformar, e por que não, revolucionar as relações entre educadores e educandos, pois que todos são educadores e educandos. Quanto mais o cenário na área da educação se mostra distópico, mais se percebe que as ações educativas são indispensáveis para reduzir os efeitos devastadores das violações institucionais na educação, especialmente porque se fazem sentir em várias gerações. Sempre é preciso começar e recomeçar. Itinerar é isso. Transformar por meio de práticas educacionais que não necessitem se moldar, que não necessitem se efetivar de forma hierárquica, vertical, mediatizadas por relações de poder, porque nada disso seria educação.

O Itinerantes, enquanto uma prática educativa não-formal, compartilha nos locais por onde passa e com as pessoas que nele participam, que o educador não é o outro, mas é o eu de cada um com suas trajetórias de vida, aquém e além da escola. A interação e a integração dessas vivências é que irão fomentar o desenvolvimento de laços de pertencimento, da construção de identidade coletiva no grupo, na comunidade. Este é o sentido de um projeto que se coloca como capacitação, no sentido de uma formação, de uma conscientização para o florescimento ou o reflorescimento do sentimento de identidade em uma comunidade. É a desapetacularização do espetáculo.

A Utopia antecipada: ação direta na educação em direitos humanos tem a intencionalidade de mostrar que, além da gênese na arte – literária e cinematográfica, a utopia possui importância e sentido profundo e complexo na perspectiva de uma crítica social e política, com claras implicações na educação e nos direitos humanos. Entre essas implicações, vale ressaltar que é graças ao caráter utópico que se percebem a dimensão libertadora, de relações éticas, modos de percepção dos sujeitos sobre a sua época, pontos de vista sobre o estado tanto interior como exterior, das opressões externas como das repressões internas. As utopias correspondem aos desejos e às necessidades humanas de imaginação, sonho, projeto, construção, possibilidades. Radicalidade e transformação.

“A utopia é o irrealizável, mas também é o mote, a força motriz em relação ao qual a civilização se coloca, as sociedades se colocam, as pessoas, individualmente, se colocam, enquanto necessidade, desejo. Então, num primeiro momento, algo absolutamente no plano do sonho, do impossível, tanto quanto foi com um mero sonho, impossível e irrealizável, o homem vencer a força da gravidade e voar.”

CARLOS CESAR D'ELIA Aula Aberta em IJUÍ RS

O reconhecimento de que esse caminho é feito porque não é perfeito, depende de que cada um reconheça em si e no outro as mesmas necessidades, as mesmas possibilidades. O reconhecimento dos direitos humanos. Este reconhecimento passa pela vigília constante dos defensores de direitos humanos sobre o Estado paradoxal, regulatório, que viola muitos dos direitos daqueles que o constituem. Vigília de olhos bem abertos em uma sociedade que na contemporaneidade tem se caracterizado pelo espetacular e suas marcas na área da educação, quando percebemos que ainda hoje há práticas pedagógicas com discursos excessivamente teóricos e falta de conexão com o real. O meio em que se vive leva à necessidade de buscar viver melhor.

“A partir dessa perspectiva da possibilidade utópica, que todo fazer humano tem, o sonhar é essencialmente humano, mas mais do que o sonhar, a perspectiva do utópico é inerente ao humano, ao processo histórico e à própria concepção e identidade do humano. Nós podemos construir quais direitos humanos? Porque nós estamos hoje dentro de um contexto histórico e civilizacional extremamente importante. Porque, assim como nada, ou quase nada da realidade, da compreensão do todo é unívoca, os direitos humanos também não são. A compreensão e a interpretação que nós estamos formando, para direitos humanos, vai se dar a partir desta mesma compreensão aliada ao compromisso, à práxis que cada um de nós, as sociedades, e até mesmo as civilizações, têm em relação a que tipo de mundo? A que tipo de ser humano e que tipo de realidade nós queremos e acreditamos que devemos construir?”

CARLOS CESAR D'ELIA Aula Aberta em Ijuí RS

A utopia surge então como a imagem da perfeição⁸⁷, da realização plena, em vários planos da existência: pessoal, social, política, cultural, religiosa. A busca de transformações, muitas possíveis mediante revoluções, a contestação de situações intoleráveis, indignas, injustas. A busca ficcional do lugar perfeito, da pessoa perfeita, do momento perfeito. Da ordem no caos.

87 Quando Thomas MORUS escreve a obra *Utopia* em 1516, a palavra emerge com essa intencionalidade: ele *aspira* um mundo utópico, não *espera* um mundo utópico. Então, a utopia está muito mais ligada ao plano do querer, da vontade, do desejo, do que da possibilidade de esperar pela sua chegada, pela sua concretização.

Há uma intenção, uma projeção e uma tensão permanentes, em movimento, seja na busca imaginária – e que de certo modo é sempre imaginária – seja na busca não ficcional, da Utopia como gênero⁸⁸, da Utopia como a cidade justa, a utopia⁸⁹ como norte, caminho, ou como a possibilidade de transformação⁹⁰. O que faz diferença, e penso ser esse o maior entre tantos os aprendizados ao longo das itinerâncias, é a humildade.

A educação começa da vontade de querer saber, querer aprender. Nos lugares mais simples, aprendemos. As pessoas, que são isso, simplesmente, pessoas, aprendem umas com as outras. Talvez esse seja o caminho para a utopia, que ao ser decifrada, não se engesse em si mesma como um dogma ou uma verdade duradoura. Sabe ser efêmera, posto que a vida é feita pelo conjunto das efemeridades, intensas efemeridades. Por isso, antecipa-se a utopia quando se põe a caminhar. Um caminhar que é coletivo, porque se refere a uma comunidade, uma coletividade, mas que também é, inevitavelmente, subjetiva, individual.

“Lembro apenas de que há uma frase de Goethe, referindo-se a um artista de quem era amigo, em que diz que – ele se educou para a originalidade. Creio que o mesmo vale para o problema do indivíduo.”

ADORNO: 2003, 153

88 Enquanto gênero literário, o utópico alude a algum lugar onde certamente tudo vai bem. É o que se aspira. O utópico atua como uma alegoria, que indica as contradições do tempo presente.

89 Utopia como o não-lugar, como horizonte Eduardo GALEANO: “Ela está no horizonte... Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”

90 Daniel COHN-BENDIT (2010) liderança estudantil no Movimento de Maio de 68 na França, declarou que existem utopias, e que elas nunca se realizam, mas estão sempre em mutação. E que o perigo de sua realização seria exatamente a sua absorção por um absolutismo, seja de ideias, de alguma forma de poder, o que terminaria por dissolver as estruturas democráticas. Para ele, o comunismo e o neoliberalismo foram fadados ao fracasso enquanto concretização política, porque em nenhum deles houve uma abertura ao diálogo, consolidaram-se como dogmas, como as únicas soluções possíveis. As utopias estão em alguma situação ou contexto histórico e político, mas ao mesmo tempo não estão, no sentido de que a política é que necessita alimentar a busca utópica, e não o contrário.

Nesta era de incertezas, uma das formas de adiar a utopia é continuar na posição de espectador. As verdadeiras imagens são muitas vezes as que não são mostradas. Assim como muitas vezes o que é mostrado e dado como sendo uma verdade duradoura não passa de uma artimanha espetacular que um Estado utiliza para manter o poder enquanto o espetáculo continua. CHOMSKY (1999) refere-se a “verdades duradouras” como a forma que os Estados utilizam para encobrir os fatos reais e ao mesmo tempo “etiquetar heréticos”:

“Neste sentido – operativo – não faltam comunistas, e nós temos que assegurar a “sociedade tolerante” com seus abusos e crimes, torturando militantes sindicais, matando camponeses e perseguindo, por vários meios, nossa vocação gandhiana”.

CHOMSKY 1999:36

Na sociedade do espetáculo, do ter sobre o ser para parecer e fazer ver, o show continua. Há o entertainer. Há o espectador. Como abrir os olhos de quem dorme de olhos abertos? Cabe à educação, especialmente dos educadores em direitos humanos. Levar a cabeça de Medusa.

ESTANTE

a) Livros e Artigos

ALBUQUERQUE, Paulo P. Elementos para a construção de um conceito de autogestão. Perspectiva Econômica, São Leopoldo, vol. 30, n. 96, p. 120-143, 1997

_____ A Outra Economia. Autogestão. Porto Alegre: Veraz, 2003.

ALMEIDA, Sergio Rubens Barbosa de. As duas visões da utopia medieval. Rio de Janeiro: O Correio, n.85, p.7

ALTHUSSER, Louis A favor de Marx Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

_____ Aparelhos Ideológicos de Estado. Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ed.

ANDERSON, Perry. O fim da história, de Hegel a Fukuyama Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ANDRADE, Oswald de. Do Pau-brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ARENDT, Hannah A Promessa da Política. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____ Homens em Tempos Sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios do Repouso: Ensaio sobre as Imagens da Intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKUNIN, Mikhail Estatismo e Anarquia. São Paulo: Ícone Editora e Imaginário, 2003.

_____ Revolução e Liberdade: Cartas de 1845 a 1875. São Paulo: Hedra, 2010.

BARBOSA, Júlio César Tadeu O que é Justiça. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BARROS, José D'Assunção A Cidade-cinema pós-moderna – uma análise das distopias futuristas da segunda metade do século XX. São Paulo: Cinematógrafo, Unesp, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. La ilusión del fin. Barcelona: Anagrama, 1997.

BAUMAN, Zygmunt Globalização: As consequências humanas Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

BENJAMIN, Walter A modernidade e os modernos Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975

BERNERI, Camillo Humanismo y Anarquismo Madrid: Edición de Ernest Cañada, 1998

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Dossiê: Utopia como Gênero Literário. IN: Morus Utopia e Renascimento. SP: Unicamp, n. 2, 2005.

BERNSTEIN, Eduard Socialismo Evolucionista. Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia. Trilogia marxismo y revisionismo. Vol. I. Editorial Fontamara.

BITTAR, Eduardo e ASSIS DE ALMEIDA, Guilherme Minicódigo de Direitos Humanos. Associação Nacional de Direitos Humanos. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2010.

BROTTO, Márcio, BRUNETTO, Giancarla, RODRIGUES, Adriana (Organizadores) Os Hereges Temas em Direitos Humanos, Ética e Diversidade Porto Alegre: Editora Armazém Digital, 2010.

CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.

CAMPANELLA, Tommaso A cidade do sol. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

CAPRA, Fritjof A Teia da Vida Rio de Janeiro: Cultrix, 1997

CARDOSO, Clodoaldo Meneghello (Organizador) Educação em Direitos Humanos na Formação Universitária: textos para seminários São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

CARRION, Raul K. M. E VIZENTINI, Paulo G. F. (Organizadores) Globalização, Neoliberalismo, Privatizações: Quem decide esse jogo? Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1997.

CHEVALLIER, Jean-Jacques As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias Rio de Janeiro: Editora Agir, 1980.

_____ História do Pensamento político. Tomo 1. Da Cidade-Estado ao apogeu do Estado-Nação monárquico. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

_____ História do Pensamento Político. Tomo 2. O declínio do Estado-Nação monárquico Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

CHOMSKY, Noam e DIETRICH, Heinz. A Sociedade Global. Educação, mercado e democracia. Blumenau: Furb, 1999.

COELHO, Plínio Augusto História do Anarquismo. São Paulo: Faísca e Imaginário, 2008.

COHEN, Benjamin A questão do Imperialismo. A Economia Política da Dominação e Dependência Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

COHN, Gabriel (Organizador) Max Weber São Paulo: Ática, 1982. Grandes cientistas Sociais: 13.

DALLARI, Dalmo de Abreu Elementos de Teoria Geral do Estado. São Paulo: Saraiva, 1987.

DAHRENDORF, Ralf A lei e a ordem Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1997.

DEBORD, Guy A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

DERRIDA, Jacques Spectres for Marx. Nova York: Routledge, 1994.

DOUZINAS, Costas O Fim dos Direitos Humanos. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2009.

DUCROT, O. Argumentação e “Topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. História e Sentido da Linguagem. SP: Campinas, 2008.

DUSSEL, Enrique Filosofia da Libertação na América Latina São Paulo: Edições Loyola, 1977

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado São Paulo: Global Editora, 1984.

FILHO, Roberto Lyra O que é Direito. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FLICKINGER, Hans-Georg Em nome da liberdade. Elementos da crítica ao liberalismo contemporâneo Porto Alegre, Edipucrs, 2003. Coleção Filosofia: 153.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços, in: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

FRACCHIA, Eduardo. Filosofia de la Resistencia. Corrientes: UNNE, 1997.

FREIRE, Paulo Pedagogia do Oprimido Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FUKUYAMA, Francis O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GALVÃO, Paulo Braga Os Direitos Sociais nas Constituições. São Paulo: Ltr, 1981.

GEHLEN, Ivaldo, SILVA, Marta Borba, SANTOS, Simone Rita dos Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das Populações de Porto Alegre: afro-brasileiros; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; coletivos indígenas: remanescentes de quilombos. Porto Alegre: Century, 2008.

GRAMSCI, Antonio Maquiavel, a Política e o Estado Moderno Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

HABERMAS, Jürgen Conhecimento e Interesse Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987

_____ Técnica e Ciência como “Ideologia” Lisboa: Edições 70.

HARVEY, David Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1986.

HEGEL, Friedrich Princípios da Filosofia do Direito. Lisboa: Guimarães Editores Ltda., 1986.

HEIDEGGER, M. Introdução à Metafísica. trad. Emmanuel C. Leão. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

_____ Sobre o Humanismo. *in* Conferências e Escritos Filosóficos; trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983

IHERING, Rudolf Von A Luta pelo Direito. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1987.

HOFMANN, Werner A história do pensamento do movimento social dos séculos 19 e 20 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HUXLEY, Aldous. Admirável Mundo Novo. São Paulo: Editora Globo, 2009.

JAPPE, Anselm As Aventuras da Mercadoria. Para uma nova crítica do valor. Lisboa: Antígona, 2006.

KESSERLING, Thomas Ética, Política e Desenvolvimento Humano. A Justiça na era da Globalização Caxias do Sul: Educs, 2007

LAZZARATO, Maurizio As revoluções do capitalismo Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

LEIVAS, Paulo G.C. Teoria dos Direitos Fundamentais Sociais Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2006

LYOTARD, Jean-François O Pós-moderno Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

LORA, Guillermo Revolução Permanente em Marx, Engels, Lênin e Trotsky São Paulo: Ched Editorial, Coleção Polêmicas Operárias, 1980.

LOSURDO, Domenico Contra-história do Liberalismo Trad. Giovani Semeraro. São Paulo: Ideias & Letras.

_____ La non violenza. Una storia fuori dal mito. Editora Laterza, 2010.

MACKENZIE, Norman Breve História do Socialismo Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MANGUEL, Alberto e GIANNI, Guadalupi Dicionário de Lugares Imagináveis. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

MAQUIAVEL O Príncipe São Paulo: Cultrix.

MARCUSE, Herbert Eros & Civilização. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MASCARELLO, Fernando História do cinema mundial. São Paulo: Papirus, 2006.

MARX, Karl A Ideologia Alemã. Crítica da Filosofia Alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. Volume II Lisboa: Editorial Presença, 2 ed.

_____ Miséria da Filosofia. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____ O Capital. Crítica da Economia Política Livro Primeiro. Volume 1. O processo de produção do capital Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____, ENGELS, F. El Manifiesto Comunista. Madrid: Editorial Ayuso, 1974.

_____ Sindicalismo São Paulo: CHED Editorial, Coleção Polêmicas Operárias 2ed. 1981

MENKE, Christoph e POLLMANN, Arnd O Estado transgressor. In: Humboldt. 2009, Bonn: Goethe Institut, 2009, n. 100, p. 70-73.

MÉSZAROS, István O desafio e o fardo do tempo histórico. O socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007

MILL, John Stuart Sobre a liberdade Lisboa: Edições 70, 2006,

MONTESQUIEU, Charles de Secondat Do Espírito das Leis São Paulo: Victor Civita, 1985.

_____ O Espírito das Leis. Introd. Trad. Notas de Pedro Vieira Mota. São Paulo: Saraiva, 1987.

MORUS, Thomas A Utopia São Paulo: L&PM, 1997.

NETO, Miguel Sanches um Amor Anarquista Rio de Janeiro: Editora Record, 2005

OCKAM, Guilherme de Obras Políticas Volume II Porto Alegre: Edipucrs e USF, 1999

ORWELL, George A Revolução dos Bichos São Paulo: Editora Globo, 50 ed., 1997

_____ 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAIVA, Jorge Teoria Crítica radical, a superação do capitalismo e a emancipação humana Fortaleza: Instituto Filosofia da Práxis.

PARET, Peter (Org.) Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel a era nuclear. Rio de Janeiro: Bibliex, 2003.

PLATÃO A República. Diálogos – I Lisboa: Publicações Europa-América, n. 118

POULANTZAS, Nicos O Estado, o Poder, o Socialismo Trad. Rita Lima Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981

PROUDHON, Pierre-Joseph A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas Porto Alegre: L&PM, 2008

_____ Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria. Tomo I. São Paulo: Escala, Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, n. 79.

_____ Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria. Tomo II. São Paulo: Escala, Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, n. 80.

RAWLS, John Uma Teoria da Justiça Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981

REDHEAD, Brian O pensamento político de Platão a OTAN Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989

RICOEUR, Paul A metáfora viva. Porto: Rés Editora. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães, 1983

_____ Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II. Paris: Éditions du Seuil.

_____ Ideologia e Utopia. SP: Edições 70, 1999.

ROBLEDO, Antonio Gómez Meditación sobre la Justicia México: Fondo de Cultura Económica, 1982

ROUSSEAU, Jean-Jacques O Contrato Social e outros escritos São Paulo: Editora Cultrix, 5 ed.

_____ Do Contrato Social São Paulo: Editora Nova Cultural, 1973

RUSSEL, Bertrand Caminhos para a Liberdade. Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

RUSSELL, Jacoby Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

SECCO, Carmem. A globalização da economia e a utopia do poético. RJ: O Correio, n.85, p.7

SENNET, Richard A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHILLING, Voltaire As grandes correntes do pensamento. Da Grécia Antiga ao Neoliberalismo Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

_____ O Conflito das Ideias. Porto Alegre: Editora AGE, 1999.

SHAKESPEARE, William A Tempestade. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

SILVEIRA, Denis Coutinho Os Sentidos da Justiça em Aristóteles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STALIN, J. O Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico São Paulo: Global Editora, 1979.

STAQUET, Anne L'Utopie ou Les Fictions Subversives. Quebec: Éditions Du Grand Midi, 2003.

STEIN, Ernildo. Órfãos de utopia: A melancolia da esquerda. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

STEWART, Ian Será que Deus joga dados? A nova matemática do caos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991

THOREAU, Henry David A desobediência civil Porto Alegre: L&PM, 2011

TOGLIATTI, Palmiro Socialismo e Democracia. Obras escolhidas 1944/1964 Rio de Janeiro: Edições Muro, 1980

TOMAZELI, Luiz Carlos Entre o Estado Liberal e a Democracia Direta. A busca de um novo contrato social. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

TOTA, Antonio Pedro O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOUCHARD, Jean História das Ideias Políticas n. 4 Lisboa: Edições Europa-América, 1970

_____ História das Ideias Políticas n. 6 Lisboa: Edições Europa-América, 1976

TODOROV, Tzvetan La vida em común 1ed. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2008.

TROTSKY, Leon A Revolução Permanente São Paulo: Kairós Livraria 2ed. 1985

_____ Programa de Transição para o Socialismo Porto Alegre: Editora Combate Socialista

UTZ, Arthur Entre o Neoliberalismo e o Neomarxismo. Uma filosofia de caminhos alternativos São Paulo: EDUSP, 1981.

VARES, Luiz Pilla O Anarquismo. Promessas de Liberdade. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS e MEC/SESu/PROEDI, 1988.

VAX, Louis A Arte e a Literatura Fantástica. Lisboa: Arcádia, 1974.

VEIGA-NETO, Alfredo Educação e Pós-modernidade: impasses e perspectivas Rio de Janeiro: Educação on line (PUC Rio), ano 2, n.2, 2006

_____ Globalização, Inclusão, Hiperconsumo: desafios para a Educação In: GONÇALVES, Rita; VERO, Lia Margot; ORTIZ, Conceição (Org.) Desafios da educação na sociedade de consumo. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2007 p. 13-33

VOLKMER, Antonio Carlos Ideologia, Estado e Direito. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1989.

VOLTAIRE, O Preço da Justiça. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEBER, Max A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo São Paulo; Livraria Pioneira Editora, 6 ed., 1989

WILDE, Oscar A alma do homem sob o socialismo. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, vol. 312, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig Investigações Filosóficas Petrópolis: Vozes, 1994

_____ Tractatus logico-philosophicus São Paulo: Nacional, 1968

WOODCOCK, George História das Ideias e Movimentos Anarquistas. Volume I: A idéia. Porto Alegre: L&PM, 2010

_____ História das Ideias e Movimentos Anarquistas. Volume II: O movimento. Porto Alegre: L&PM, 2008

YIN, Robert Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. Bookman Comp. Ed., 2005

b) Documentos e Legislações

Constituição da República Federativa do Brasil 1988. 26a. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2006

Convenção Americana dos Direitos Humanos, Pacto de San Jose

Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10/12/1948

Direitos Humanos. Documentos Internacionais. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2006

Programa Nacional de Direitos Humanos PNDH 3v Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010

Relatório Azul 2009: garantias e violações dos direitos humanos. Porto Alegre: CORAG, 2009

c) Sites de pesquisa

<http://cob-ait.net/>

<http://www.domenicolosurdo.it/>

<http://www.iwa-ait.org/>

<http://por.anarchopedia.org>

www.scielo.br

<http://www.periodicos.capes.gov.br>

www.google.com.br

www.wikipedia.com.br

<http://perso.club-internet.fr/ytak/>

<http://www.ebooksbrasil.org.elibris/pensadoresanarquistas.html>

<http://www.unicamp.br/~berriel/berriel.htm>

http://www.abruc.org.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=37158

www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_080.pdf

<http://foucault.info/documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.fr.html>

<http://pt.conlang.wikia.com/wiki/Utopiano>

d) Links de filmes

All that jazz

<http://baixarlivrefilmesmoviesshows.blogspot.com.br/2010/01/o-show-deve-continuar-all-that-jazz.html>

Blade Runner

<http://www.youtube.com/watch?v=KPcZHjKJBnE&feature=fvst>

Equilibrium

<http://www.youtube.com/watch?v=ZVDiaYQXBVs>

Eu Robô

<http://www.youtube.com/watch?v=1H3Cy09LwQM>

Gattaca

http://www.youtube.com/watch?v=.JSEty7Qr_c

Inteligência Artificial

<http://www.youtube.com/watch?v=sqS83f-NUww>

Itinerantes

<http://www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos>

Logan's Run

<http://www.youtube.com/watch?v=4WUUnc1M0TA>

Matrix

<http://www.youtube.com/watch?v=SrC9V2PIVjI>

Metropolis

http://www.youtube.com/watch?v=rD_-flw9IcQ

Minority Report

<http://www.youtube.com/watch?v=q2bmImPNKbM>

Odisséia no Espaço

http://www.youtube.com/watch?v=hcD_AF3sVAM

O Quinto Elemento

<http://www.youtube.com/watch?v=OoKssDjs64o>

Sleeper

<http://www.youtube.com/watch?v=Qo2Lo28FNpg>

Sociedade do Espetáculo

<http://www.youtube.com/watch?v=qt8c-Wy46S4>

APOSTO

- Nominata dos colaboradores na realização da pesquisa

- DVD Nenhum Lugar

- Materiais de divulgação do Itinerantes

- Por município:
 - Informações gerais
 - Informações sobre Capacitação
 - Programação do Itinerantes

Nominata dos colaboradores para a realização da pesquisa

Transcrições:

Aline Kauffmann

Ana Rita Dutra dos Santos

Cícero Aguiar

Cláudia Lucchesi Poli

Eduardo Maraninchi

Gabriel Farias

Giancarla Brunetto

Paola Pieretti

Decupagem:

Gabriel Farias

Giancarla Brunetto

Captação:

Alfredo Barros

Cesar Santos

Mauro Souza

Nilton Costa

Roberto Wild

Sandra Mara de Souza

Fotografias:

Mauro Souza

Pamela Ferrer

Assistência de produção:

Aline Kauffmann

Cassandra Brunetto

Eduardo Maraninchi

Roseli da Rosa Pereira

Valéria Beatriz de Carvalho

Arte gráfica:

Kundry Lyra Klippel

Vera Gliese

Tradução:

Cassandra Brunetto

Deborah Von Peters Maraninchi

Giancarla Brunetto

Filmagem:

Cesar Santos

Mauro Souza

Nilton Costa

Pamela Ferrer

Pesquisa, entrevistas e produção:

Giancarla Brunetto

Nenhum lugar: A cena e o roteiro

Quando vamos realizar um documentário, a cena vem sempre antes do roteiro. Quando vamos realizar um filme de ficção, o roteiro vem antes da cena. Em ambas situações, a cena fará parte de um filme. Não é a realidade, é um recorte, uma visão sobre um ou vários aspectos da realidade, imaginária ou vivida, mas sempre mediada por imagens e por uma série de recursos técnicos que lapidarão a produção, sinalizando que o fim é apenas o começo diante do espectador. Um dos maiores desafios para quem vai realizar um filme é que ele não seja diluído no espetáculo. Como o show deve continuar na sociedade do espetáculo, tudo o que almeja ser pode se transformar em ter. A indústria cinematográfica entende essa lógica, e por esse motivo muitas vezes o técnico se sobrepõe ao ético. O problema maior está em saber por que o espectador continua alimentando esse espetáculo.

O Itinerantes que aqui se apresenta é um filme utópico. Há uma forte influência do Manifesto Dogma 95, elaborado pelo cineasta LARS VON TRIER, com o apoio de outros cineastas. Um cinema mais realista, o mais próximo possível da realidade, o mais distante possível da exploração industrial, como eram feitos os filmes antes da existência dos grandes estúdios e das mais refinadas tecnologias. Este é certamente um elemento ético, e uma opção estética. Mas há outros dois aspectos não menos importantes: o econômico e o ideológico. Quando não se tem orçamento para filmar não é possível filmar. E quando não se consegue apoio porque a produção não é um produto, não é mercadoria que tem um certo valor, volta-se ao argumento anterior. Então, esse é o filme que, apesar de ter sido filmado, não aconteceu. E, no entanto, está acontecendo em todos os municípios nos quais o Itinerantes esteve, com Julieta e com Juliette, como testemunhas cruas, sem efeitos especiais de qualquer natureza, sobre a natureza selvagem e distópica de várias formas de violação aos direitos humanos. A violência institucional é real, as cenas se repetem em diferentes cidades, como se fosse um longa-metragem sem fim. Um filme que não deveria ter espectadores. Os espectadores estão no filme. O roteiro do curta-metragem Nenhum Lugar, que segue nas próximas linhas, apresenta uma reflexão sobre utopia e distopia, estado e espetáculo, violação e liberdade. Os paradoxos que de certa forma estão presentes em todas as falas nos relatos gravados nos municípios do Rio Grande do Sul. A relação homem e natureza, a relação homem e cultura, o caminho que é a história. Manifestação sobre o real não manifesto.

Em nenhum lugar roteiro curta-metragem realização: Giancarla Brunetto

03.18 – 03.22 nuvens em movimento

0.53 – 00.56 areia

03.48 – 03.50 areia

4.4 – 04.08 cabana / areia

8.7 - farol, ao longe

23.38 – areia e grama

09.49 – farol

8.7 – 08.23 E caminha, de costas, p farol

10.08 – 10.20 C caminha, de costas, p farol

15.28 – 15.31 Farol / sobe

16.14 – 16.29 C caminha na areia em direção ao farol

17.20 – 17.41 E caminha na areia até farol

16.42 – 16.48 Farol /sobe até nuvens

20.50 – 20.59 C em torno do farol

25.11 – 25.19 E em volta do farol

17.53 – 17.57 Farol de perto, sobe

18.7 – 18.20 Farol de perto /sobe até nuvens

20.40 – 20.42 outra tomada do farol

21.23 – 21.28 farol / de lado, perto

32.43 – 32.53 C com vista de parte do farol ao fundo

34.29 – 34.36 E com vista de parte do farol ao fundo

28.58 – 29.29 - 29.39 C corre

26.46 – 26.56 Farol na praia

C e E correm, cada um de um lado, na areia

30.13 Farol

31.09 – 31.27 C e E correm até E derrubar C

32.06 – 32.16 C caído

01.06 – 01.14 tartaruga marinha morta na areia

34.05 E, solitário, olha o farol

37.29 – 37.33 E, solitário, olha o farol

37.51 – 38.00 Farol

23.16 – 23.30 CRÉDITOS: ROLL/ Cícero, de costas, corre em direção a ...

DVD Nenhum Lugar

Link para assistir o vídeo:

<http://www.youtube.com/watch?v=dKuyQTA8e0c>

ITINERANTES - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO: FOLDER

O Projeto Itinerante

A proposta é incentivar, apoiar e capacitar defensores e defensoras de direitos humanos que atuam nos municípios do Rio Grande do Sul, um Estado que, apesar do alto nível de desenvolvimento econômico, apresenta elevados índices de criminalidade, violência social e institucional.

Eixos

O CONCEITO DE DIREITOS HUMANOS
DIVERSIDADE E DISCRIMINAÇÃO
O ACESSO À JUSTIÇA

Os ministrantes do projeto desenvolverão uma aula aberta, uma oficina e um cinédebate em cada um dos municípios representativos das microrregiões e mesorregiões que compõem o Estado.

A Equipe

Coordenação geral: Giancarla Brunetto
Coordenação executiva: Gilmar Dal'Osto Rossa
Secretária executiva: Valéria Beatriz Carvalho

giancarla.brunetto@ufrgs.br rossadv@portoweb.com.br valeriabeatrizcarvalho@yahoo.com.br

Equipe de produção: Aldo Jung / Kundry Lyra / Mauro Souza / Pamela Ferrer / Patricia Ferraz / Alessandra Santos

LIGA DOS DIREITOS HUMANOS

Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Av. Paulo Gama, 110, prédio 12201, sala 802 - CEP 91.046-900 - Porto Alegre, RS
fax 51.3308.3496 celular 51.9375.8400
contato e informações: ligadireitoshumanos@ufrgs.br - www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos

PARCERIAS



APOIO

- Adeli Seil
- Adriana Xaplin
- Cátedra de Direitos Humanos do IPA
- Cátedra UNESCO de Direitos Humanos - UNISINOS
- Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos do RS
- Comitê Estadual contra a Tortura no Rio Grande do Sul
- Câmara Municipal de Porto Alegre
- Conselho Regional de Radiodifusão Comunitária
- Defensoria Pública do Rio Grande do Sul
- Faculdade de Direito da UFRGS
- Gabinete do Dep. Estadual Dionísio Marcon
- Gabinete da Dep. Estadual Marisa Formolo
- Itinerante Produções
- Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul
- Movimento de Justiça e Direitos Humanos
- Movimento Nacional de Direitos Humanos
- Observatório dos Direitos Humanos do ILEA/UFRGS
- Procuradoria Regional da República da 4ª Região
- Ministério Público Federal
- WICOMM



Projeto Itinerante de Capacitação para
Defensores e Defensoras
de Direitos Humanos no Rio Grande do Sul

**COMBATE À VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL
E À DISCRIMINAÇÃO**

www.ufrgs.br/faced/projetoitinerante

Outubro 2009 a Agosto 2010

REALIZAÇÃO



FINANCIAMENTO



ITINERANTES - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO: FOLDER

A Iniciativa

A Liga dos Direitos Humanos da UFRGS realizará, no período de outubro de 2009 a agosto de 2010, o **Projeto Itinerante de Capacitação para Defensores e Defensoras dos Direitos Humanos no Rio Grande do Sul**. Esta iniciativa, inédita e pioneira no Estado, visa à formação e à qualificação de defensores da sociedade civil, como multiplicadores de ações promotoras e difusoras de direitos humanos, e de ações preventivas no que se refere às violações de direitos, no combate à discriminação e à violência institucional, e na garantia aos direitos fundamentais sociais, ao direito à diversidade, e ao acesso à justiça.

A iniciativa tem o financiamento do Fundo Brasil de Direitos Humanos.

Os Objetivos

- Ministrar aulas abertas e oficinas sobre temas de educação em direitos humanos
- Exibir filmes (documentários, curtas e longa-metragens) e promover debates referentes a temas como cidadania, diversidade, acesso à justiça, violência e discriminação.
- Registrar depoimentos de defensores de direitos humanos, representantes e lideranças comunitárias, sindicais, acadêmicas, de entidades ligadas à promoção de direitos humanos.
- Propor alternativas, gerar debates e reflexões críticas sobre as questões levantadas pelas comunidades visitadas, no sentido de incentivar a fundação de uma cultura de educação em direitos humanos no RS.
- Produzir um documentário a partir das vivências dos ministrantes com as comunidades visitadas, com um recorte sobre a atual situação vivenciada no Rio Grande do Sul no que se refere ao combate à discriminação e à violência institucional.

Sobre a Liga dos Direitos Humanos

A Liga visa ao desenvolvimento de ações interdisciplinares e transdisciplinares em direitos humanos. É uma iniciativa pioneira no Rio Grande do Sul, ao unir a Universidade Pública, as organizações não-governamentais, os órgãos de comunicação e as instituições de defesa dos cidadãos, como o Ministério Público. Tem o intuito de fundar uma cultura de educação em direitos humanos. A Liga promove, desde sua criação em 2007, as seguintes ações: Programa de rádio Liga dos Direitos Humanos (apresentação às 10h05 das segundas-feiras, pelos 1080AM da Rádio da Universidade; Aulas Abertas (mensais); CineDebate (programação mensal exibida na Sala Redenção da UFRGS); Minutos de Silêncio (realização de curta-metragens em direitos humanos); Fórum de Direitos Humanos (anual); divulgação de informes e eventos na página www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos. O site da Liga recebeu o Selo DH Net Nota 10, conferido aos melhores sites em direitos humanos do Brasil. O Projeto Itinerante de Capacitação para Defensores e Defensoras de Direitos Humanos no RS foi selecionado no Fundo Brasil de Direitos Humanos, entre 700 projetos inscritos de todo o Brasil.

Calendário

2009		
MÊS	DIA	REGIÃO / MUNICÍPIO
Outubro	21	Capital - Porto Alegre
Dezembro	8 / 9 / 10	Capital - Porto Alegre
2010		
Janeiro	15 / 16	Litorânea - Imbé
	29 / 30	Litorânea - Torres
Março	19	Ilhas - Ilha da Pintada / Delta do Jacuí
	27	Ilhas - Ilha Grande dos Marinheiros / Ilha do Pavão / Ilha das Flores
Abril	10	Ilhas - Ilha Grande dos Marinheiros
	16	Metropolitana - Novo Hamburgo
	28	Sudoeste - Pelotas
	29 / 30	Fronteira-oeste - Bagé
Maio	6	Metropolitana - Viamão
	14 / 15	Central - Santa Maria
	24 / 25	Noroeste - Cruz Alta
	26 / 27	Noroeste - Panambi
	28 / 29	Noroeste - Ijuí
	4 / 5	Norte - Erechim
Junho	9 / 10	Central - Santa Cruz do Sul
	11 / 12	Planalto Nordeste - Passo Fundo
	15	Metropolitana - São Leopoldo
	18 / 19	Fronteira-oeste - Uruguaiana
	25 / 26	Serrana - Caxias do Sul
	30	Capital - Porto Alegre
Agosto	20 / 21	Noroeste - Carazinho

Os Ministrantes

Adílio Almeida de Souza - Sargento da Brigada Militar, instrutor do PROERD
Adriana Severo Rodrigues - Assistente Social, IACOREQ
Ana Maria Barros Pinto - Jornalista
Angela Salton Rotunno - Promotora de Justiça da Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público do RS
Beatriz Lang - Coordenadora Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos RS
Carlos César D'Elia - Procurador do Estado RS, Presidente PROTEGERS e do Colégio Nacional de Presidentes Conselhos Deliberativos dos Programas de Proteção a Testemunhas
Carmem Maria Cráidy - Profª Fac. Educação da UFRGS e Coord. NUPEEVS/FACED/UFRGS
Castor Bartolomé Ruiz - Coordenador da Cátedra Unesco de Direitos Humanos e violência, governo e governança. Professor PPG Filosofia Unisinos
Celio Gólin - Integrante da CCDH/ALRS e Coordenador do NUANCES
Dagmar Camargo - Coordenadora Eixo Comunicação da CEEDHRS Coord. CONRAD-RS
Domingos Sávio Dresch da Silveira - Procurador Regional de República, Professor da Faculdade de Direito UFRGS
Eliane Almeida de Souza - Mestre em Educação e Presidente do IAFRA
Eugenio Paes Amorim - Promotor de Justiça/PJCCMP-RS
Felipe Kirchner - Defensor Público - Assessor da Defensoria Pública do Estado do RS
Fernanda Lapa - Diretora do Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos/SC, profª da Fac. de Direito / CESUSC, profª e coordenadora da Clínica de Direitos Humanos/UNIVILLE
Fernando Seffner - Coordenador do Observatório de Direitos Humanos da UFRGS
Giancarla Brunetto - Coordenadora da Liga dos Direitos Humanos da UFRGS, roteirista, produtora e diretora de vídeos em direitos humanos.
Gilmar Dal'Osto Rossa - Presidente do Instituto Recriar
Ingo Sarlet - Coord. Pós-Graduação em Direito/Faculdade de Direito/PUCRS, professor AJURIS
Jaime Zitzkowski - Professor da Faculdade de Educação da UFRGS
Jair Krichsch - Fundador e Conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do RS
Johannes Doll - Diretor da Faculdade de Educação da UFRGS
Jorge Alberto da Rosa Ribeiro - Coordenador do PPGEDU/FACED/UFRGS
Jorge Barcellos - Coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre
José Adriano Laidens Felippetto - Major da Brigada Militar, instrutor de Direitos Humanos
José Catafesto - Professor do Departamento de Antropologia, IFCH UFRGS
Luiz Carlos Bombassaro - Professor da Faculdade de Educação da UFRGS
Márcio Garcia - Coordenador da Coordenadoria de Direitos Humanos de Bagé, coordenador da Liga dos Direitos Humanos no Interior do RS
Mauri Cruz - Secretário-executivo do CAMP - Centro de Educação Popular
Mauro Luis Silva de Souza - Promotor de Justiça da Promotoria de Justiça Criminal do Ministério Público do RS, Vice-Presidente Administrativo e Financeiro do MP/RS, professor FMP/RS
Miriam Floriano Ballestro - Promotora de Justiça da Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público/RS
Nilo André Piana de Castro - Historiador, Professor do Colégio de Aplicação da UFRGS
Patrícia Aléssio - Defensora Pública do Estado no município de Bagé
Patrícia Couto - Coordenadora da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos/ALRS
Paulo César Carbonari - Professor do IFIBE / Movimento Nacional de Direitos Humanos
Paulo Gilberto Cogo Leivas - Procurador Regional de República / MPF
Raimundo Helvécio Aguiar - Professor da Faculdade de Educação, UFRGS
Roberto dos Santos Donato - Capitão da Brigada Militar/RS, membro do CEEDHRS e do CECTRS, Diretor do 3º Batalhão Rodoviário/BMARS
Roger Raupp Rios - Juiz Federal, Doutr em Direito/UFRGS
Valéria Beatriz Carvalho - Fundadora do ONG Corações e Mentes
Virginia Felix - Coordenadora da cátedra de Direitos Humanos IPA e coordenadora do eixo Educação Superior da CEEDHRS

www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos

Imbé

<u>Unidade federativa</u>	Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Osório IBGE/2008 [1]
Municípios limítrofes	Osório e Tramandaí
Distância até a <u>capital</u>	130 Km km

Características geográficas

<u>Área</u>	39,549 km² [2]
<u>População</u>	17 667 hab. <i>Censo</i> IBGE/2010 [3]
<u>Densidade</u>	446,71 hab./km²
<u>Clima</u>	Sub-tropical úmido
<u>C:\wiki\Fuso hor%C3%A1rio</u>	

Indicadores

<u>IDH</u>	0,819 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 172 495,668 mil IBGE/2008 [5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 10 824,28 IBGE/2008 [5]

Participantes na Capacitação: 36

Qualificação dos participantes: Coordenação de Ong/ Presidente ONG/ Professora (06)/ Instrutora Creche/ Auxiliar escolar (04)/ Estudante/ Intercambista em direitos humanos (03)/Conselheira Tutelar (03)/ Artesão/ Policial BM (Capitão)? Diretora da Escola/ Pedagoga/ Policial Militar

Instituições: ONG Cultura e Integração, Escola Municipal Infantil Peixinho Dourado, Escola Municipal João e Maria, Creche Chapeuzinho Vermelho, SMEC, PMI Departamento de Cidadania, Escola Infantil Mar e Sol, Banco de Reciclagem, Escola Infantil Vô Jovino



Capacitação em Imbé (janeiro de 2010)

Torres

<u>Unidade federativa</u>	<u>Rio Grande do Sul</u>
<u>Mesorregião</u>	<u>Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]</u>
<u>Microrregião</u>	<u>Osório IBGE/2008 [1]</u>
Distância até a <u>capital</u>	208 <u>km</u>

Características geográficas

<u>Área</u>	162,128 <u>km² [2]</u>
<u>População</u>	34 646 <u>hab. Censo IBGE/2010[3]</u>
<u>Densidade</u>	213,7 <u>hab./km²</u>
<u>Clima</u>	<u>subtropical úmido</u>
<u>C:\wiki\Fuso_hor%C3%A1rio</u>	

Indicadores

<u>IDH</u>	0,821 <u>elevado PNUD/2000 [4]</u>
<u>PIB</u>	<u>R\$ 378 380,437 mil IBGE/2008[5]</u> <u>R\$ 11 232,57 IBGE/2008[5]</u>

PIB per capita

Participantes na Capacitação: 23

Qualificação dos participantes: Secretário Municipal (03)/ Assessor (04)/ Psicóloga (02)/ Vice-diretora Sindicato/ Secretária (02)/ Promotor de Justiça

Instituições: Prefeitura Municipal de Torres/ AMP Santa Elena/ Onda Verde/ Comissão Educação e Cultura/ SIMTO/ CEPEMTO/ MP/RS? Comunidade Católica de São Francisco/ Secretaria Ação SViamão Capacitação em Torres, janeiro de 2010



Ilhas de Porto Alegre

Arquipélago é um [bairro](#) de [Porto Alegre](#), capital do RS. O bairro é formado por 16 [ilhas](#) integrantes do [Delta do Jacuí](#). A Ilha Grande dos Marinheiros localiza-se no [Delta do Jacuí](#), início do [Lago Guaíba](#), no município de [Porto Alegre](#), capital do estado do [Rio Grande do Sul](#), no [Brasil](#). A ilha está localizada na Área de Proteção Ambiental do Delta do Jacuí, um conjunto hidrográfico de 16 [ilhas](#), [canais](#), [pântanos](#) e [charcos](#), que se formam a partir do encontro dos rios [Gravataí](#), [Sinos](#), [Caí](#) e [Jacuí](#). A Ilha da Pintada é uma das [ilhas brasileiras](#) integrantes do Parque Estadual [Delta do Jacuí](#) e faz parte da região metropolitana de [Porto Alegre](#). A sua população descende de imigrantes açorianos. Atualmente, a [pesca](#) artesanal é o meio de subsistência da ilha. Um grupo [artesãos](#), batizado de Art'Escama, transforma escamas de [peixes](#) em bijuterias. A Ilha da Pintada é a mais populosa do arquipélago.

Participantes na Capacitação: 26

Qualificação dos participantes: Coordenador DH CONSEA/ Diretora de Escola/ Gari (07)/ Vendedora de artesanato/ Motorista/ Assessor administrativo/ Pescador

Instituições: Conselho de Segurança Alimentar RS/ Centro de Umbanda Reino de Iemanjá e Oxossi/ Escola Unidos do Por do Sol/ EEEF Maria Matilde/ Associação de Mães Unidas da Ilha Grande/ Cootravipa/ PMPA/ Escola Alvarenga

Capacitação na Ilha da Pintada, em março de 2010



Novo Hamburgo

<u>Unidade federativa</u>	. Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Região metropolitana</u>	Porto Alegre
Municípios limítrofes	Campo Bom , Dois Irmãos , Estância Velha , Gravataí , Ivoti , Sapiranga , São Leopoldo e Taquara .
Distância até a <u>capital</u>	42 km
<hr/>	
Características geográficas	
<u>Área</u>	223,606 km² [2]
<u>População</u>	239 051 hab. Censo IBGE/2010[3]
<u>Densidade</u>	1 069,07 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical
<u>C:\wiki\Fuso_hor%C3%A1rio</u>	
<hr/>	
Indicadores	
<u>IDH</u>	0,809 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 4 418 162,311 mil (BR: 82°) – IBGE/2008[5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 17 262,16 IBGE/2008[5]

Participantes na Capacitação: 109

Qualificação dos participantes: Educadora (13)/ Monitora/ Voluntária/ Agente de Saúde/ Psicólogo (07) Assessor (04)/ Professora (02)/ Estagiária (06)/ Coordenador SAS/RUA/ Doméstica/ pedagoga (02)/ Dona de casa/ Diretora CRAS Roselandia/ Estudante/ Prefeito/ Advogado/ Técnico em Enfermagem/ Presidente Associação Comunitária

Instituições: PIM/ Defensoria Pública/CRAS Kephass/Conselho Municipal de Entorpecentes/ Grupo de Mãos Dadas/ Secretaria Municipal de Saúde/ Associação dos Moradores Jardim Liberto/ Instituto Comida Urgente/ CRAS Primavera/ CRAS Canudos I? Prefeitura Municipal/Instituto Reage/ CRAS Santo Afonso/ Delegacia para a Mulher/ CRAS Dom Quixote/ SDS/SAS Rua/ CRAS Bem Viver/ CRAS Canudos II/Colégio Sinodal da Paz/ Associação de Moradores Morro Por do Sol/ CRAS Centro/Secretaria Municipal de Educação/Feevale.

Pelotas

Unidade federativa

▪ [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião

[Sudeste Rio-grandense](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Microrregião

[Pelotas](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Municípios limítrofes

[Morro Redondo](#), [Canguçu](#) (O), [Arroio do Padre](#) (enclave), [São Lourenço do Sul](#), [Turuçu](#) (N), [Capão do Leão](#) e [Rio Grande](#) (S).

Distância até a **capital**

250 [km](#)

Características geográficas

Área

1 608,768 [km²](#) [\[2\]](#)

População

327 778 [hab.](#) *Censo* [IBGE/2010\[3\]](#)

Densidade

203,74 [hab./km²](#)

Clima

[subtropical Cfa](#)

Indicadores

IDH

0,816
[elevado](#) [PNUD/2000\[4\]](#)

PIB

[R\\$ 3 564 295,551 mil](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

PIB per capita

[R\\$ 10 386,48](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

Participantes na Capacitação: 10

Qualificação dos participantes: Professora/Funcionária Pública/Estudante

Instituições: SAPP/Associação dos Deficientes Físicos/ UCPel/Associação do Conselho Tutelar RS/Câmara Municipal Pelotas

3.6 Bagé

[C:\wiki\Unidade](#)

[ederativas do Bras](#) . [Rio Grande do Sul](#)

[il](#)

Mesorregião [Sudoeste Rio-grandense IBGE/2008\[1\]](#)

Microrregião [Campanha Meridional IBGE/2008\[1\]](#)

Municípios limítrofes [Caçapava do Sul](#), [Dom Pedrito](#), [Herval](#), [Lavras do Sul](#) , [Pinheiro Machado](#) e [Vichadero](#) . [Uruguai](#)

Distância até a **capital** 374 [km](#)

Características geográficas

Área 4 095,53 [km² \[2\]](#)

População 116 792 [hab. Censo IBGE/2010\[3\]](#)

Densidade 28,52 hab./km²

Clima [subtropical Cfa](#)

Indicadores

IDH 0,802 [elevado PNUD/2000\[4\]](#)

PIB [R\\$ 1 159 310,782 mil IBGE/2008\[5\]](#)

PIB per capita [R\\$ 10 015,21 IBGE/2008\[5\]](#)

Participantes na Capacitação: 87

Qualificação dos participantes: Agente comunitário de saúde/psicóloga/orientadora educacional/jornalista/agente de trânsito/auxiliar administrativo/motorista/reverenda/policial/pedagoga/psicopedagoga/estagiária/chefe de gabinete/assessor parlamentar/defensor público

Instituições: Brigada Militar/Sahaja Yoga/Urcamp/Programa 1ª Infância/ CRAS/ Centro de umbanda/ ONG APMSUS/ Espaço Reiki/Secretaria de Turismo/ACS/Igreja Episcopal Anglicana/ União Municipal Espírita/ Secretaria Municipal do Meio Ambiente/ SEMPPI/ ESF Gaúcha/ Centro Social Urbano/ Centro Islâmico de Bagé/ SMED/ Secretaria Municipal de Educação/ Secretaria Municipal de Cultura/ ESF Santa Cecília/ Tenda Cigana Missioneira da Luz/ ESF Morgado Rosa/ IMBA/ Projeto Rodarte/ Câmara Municipal de Bagé/ ESF São Bernardo/ ESF Malafaia/ Centro do Idoso/ SMTIC/ Defensoria Pública/ Seicho-no-ie/ Posto Dois Irmãos



Viamão

<u>Unidade federativa</u>	Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Região metropolitana</u>	Porto Alegre
Municípios limítrofes	Capivari do Sul , Glorinha , Gravataí , Alvorada , Porto Alegre e Santo Antônio da Patrulha .
Distância até a <u>capital</u>	32 km

Características geográficas

<u>Área</u>	1 494,263 km² [2]
<u>População</u>	239 234 hab. <i>Censo</i> IBGE/2010 [3]
<u>Densidade</u>	160,1 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa

Indicadores

<u>IDH</u>	0,808 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 1 728 600,488 mil IBGE/2008 [5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 6 704,06 IBGE/2008 [5]

Participantes na Capacitação: 11

Qualificação dos participantes: Professora/Educadora/Assessor Parlamentar/Secretária Ação Social

Instituições: SMCAS/SMV/Câmara Municipal/Abrigo Municipal Cisne Branco



Santa Maria

<u>Unidade federativa</u>	▪ Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Centro Ocidental Rio-grandense IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Santa Maria IBGE/2008 [1]
Municípios limítrofes	Itaara , Julio de Castilhos , São Martinho da Serra , São Gabriel , São Sepé , Silveira Martins , Restinga Seca , Formigueiro , São Pedro do Sul e Dilermando de Aguiar
Distância até a <u>capital</u>	290 km
<hr/> Características geográficas <hr/>	
<u>Área</u>	1 779,56 km² [2]
<u>População</u>	261 027 hab. Censo IBGE/2010[3]
<u>Densidade</u>	146,68 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa
<u>C:\wiki\Fuso hor</u> <u>%C3%A1rio</u>	
<hr/> Indicadores <hr/>	
<u>IDH</u>	0,845 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 3 855 271,743 mil IBGE/2008[5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 12 200,16 IBGE/2008[5]

Participantes na Capacitação: 08

Qualificação dos participantes: Defensor Público/Estagiário Defensoria/Estudante

Instituições: Defensoria Pública/ Estudante UFSM

Cruz Alta

Unidade federativa

▪ [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião

[Noroeste Rio-grandense IBGE/2008 \[2\]](#)

Microrregião

[Cruz Alta IBGE/2008 \[2\]](#)

Municípios limítrofes

[Pejuçara](#), [Santa Bárbara do Sul](#), [Ibirubá \(N\)](#), [Tupanciretã, \(S\)](#), [Boa Vista do Incra](#), [Fortaleza dos Valos](#), [Quinze de Novembro \(L\)](#), [Boa Vista do Cadeado \(O\)](#)

Distância até a capital

336 [km](#)

Características geográficas

Área

1 360,37 [km² \[3\]](#)

População

62 825 [hab. Censo IBGE/2010\[4\]](#)

Densidade

46,18 hab./km²

Clima

[Subtropical](#)

[C:\wiki\UTC%E2%88%923](#)

Indicadores

IDH

0,825
[elevado PNUD/2000 \[5\]](#)

PIB

[R\\$ 1 238 875,299 mil IBGE/2008\[6\]](#)

PIB per capita

[R\\$ 19 129,66 IBGE/2008\[6\]](#)

Participantes na Capacitação: 33

Qualificação dos participantes: Professora/Assessor/Auxiliar Serviços Gerais/Estudante/Psicóloga/Assessor/Professor UNICRUZ/Estagiário/Chefe de Gabinete/Vereador/Integrante de ONG/Funcionário público estadual

Instituições: UNICRUZ/ Prefeitura/CREAS/ CRAS/ Defensoria Pública/Secretaria de Desenvolvimento Social/ Coordenadoria de Políticas Setoriais DH/ Câmara Municipal/ APAE/ ASEMA Isaura Santos/ Maria Mulher/Centro de Múltiplo Uso



Panambi

Unidade federativa . [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião [Noroeste Rio-grandense IBGE/2008 \[1\]](#)

Microrregião [Ijuí IBGE/2008 \[1\]](#)

Municípios limítrofes [Santa Bárbara do Sul](#), , [Pejuçara](#), [Bozano](#) e [Ajuricaba](#).

Distância até a **capital** 370 [km](#)

Características geográficas

Área 490,859 [km² \[2\]](#)

População 38 068 [hab. Censo IBGE/2010\[3\]](#)

Densidade 77,55 [hab./km²](#)

Clima [subtropical úmido](#)

Indicadores

IDH 0,820
[elevado PNUD/2000 \[4\]](#)

PIB [R\\$ 737 936,873 mil IBGE/2008\[5\]](#)

PIB per capita [R\\$ 19 292,97 IBGE/2008\[5\]](#)

Participantes na Capacitação: 35

Qualificação dos participantes: Advogado/Diretor legislativo/Parlamentar/ Diretora ONG/ Professora/ Estudante

Instituições: CPERS/ Escola Waldemar Winkler/ OAB/ Câmara Municipal/ Projeto Economia Solidária/ ONG Pró-menor/ APROPAN



Ijuí

Unidade federativa

▪ [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião

[Noroeste Rio-grandense](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Microrregião

[Ijuí](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Municípios limítrofes

[Chiapetta](#), [Cruz Alta](#), [Nova Ramada](#), [Ajuricaba](#), [Bozano](#), [Boa Vista do Cadeado](#), [Panambi](#), [Pejuçara Augusto Pestana](#), [Coronel Barros](#) e [Catuípe](#).

Distância até a capital

395 [km](#)

Características geográficas

Área 689,124 [km²](#) [\[2\]](#)

População 78 920 [hab.](#) *Censo* [IBGE/2010\[3\]](#)

Densidade 114,52 [hab./km²](#)

Clima [subtropical úmido](#)

Indicadores

IDH 0,803 [elevado](#) [PNUD/2000\[4\]](#)

PIB [R\\$ 1 432 481,174 mil](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

PIB per capita [R\\$ 18 038,60](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

Participantes na Capacitação: 46

Qualificação dos participantes: dirigente sindical/ professora pedagogia/ professor/ estudante/ coordenador políticas setoriais/ comissário de polícia/ psicóloga/ estagiária/ instrutor de polícia/ escrivão/ auxiliar de enfermagem/ jornalista/ advogado/vereadora/vice-prefeito

Instituições: ASSAMI/ Simpro Noroeste/ Fórum/ Unijuí/ EFA Fidene/ Prefeitura / Polícia Civil/ SINE Municipal/ Casa Lar Menina dos Olhos de Deus/ Defensoria Pública/ OAB/ EMEJ Cândido Terra; Lar da Criança Lillich/ CEAP/ UBM-Fórum Permanente da Mulher/ AIPD Pró Jovem/ Gabinete da Primeira Dama/ Ministério Público/ Defensoria Pública



Erechim

Unidade federativa

• [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião

[Noroeste Rio-grandense](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Microrregião

[Erechim](#) [IBGE/2008\[1\]](#)

Municípios limítrofes

[Aratiba](#) e [Três Arroios](#) (norte); [Getúlio Vargas](#) e [Erebango](#) (sul); [Gaurama](#) e [Áurea](#) (leste); [Paulo Bento](#) e [Barão de Cotegipe](#) (oeste).

Distância até a capital

375 [km](#)

Características geográficas

Área 430,764 [km²](#) [\[2\]](#)

População 96 105 [hab.](#) (RS: 19º) – *Censo* [IBGE/2010\[3\]](#)

Densidade 223,1 [hab./km²](#)

Clima [subtropical úmido](#)

C:\wiki\Fuso_hor
%C3%A1rio

Indicadores

IDH 0,826
[elevado](#) [PNUD/2000\[4\]](#)

PIB [R\\$ 1 978 622,945 mil](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

PIB per capita [R\\$ 20 395,86](#) [IBGE/2008\[5\]](#)

Participantes na Capacitação: 49

Qualificação dos participantes: conselheiro tutelar/ soldado/professora/ professor de direitos humanos/ estudante/assessora Coordenadoria da Mulher/ assistente social/ agente de saúde/ soldado instrutor/ estudante de Pedagogia/ voluntária/ estudante de Serviço Social/ agente comunitária de saúde/ Secretária Municipal de Segurança/ defensora pública/ educadora social/ vendedora/ médica comunitária

Instituições: Associação de Apoio ao Idoso / Conselho Tutelar/ Albergue Municipal/ Movimento dos atingidos por Barragem/ EE Normal José Bonifácio/ Coordenadoria Especial da Mulher/ Secretaria de Segurança Pública e Proteção Social/ Secretaria de Cidadania/ UBS Aldo Arioli/ Academia de Serviço Social/ BM/ FAE/ Secretaria de Ação Social/ Defensoria Pública/ URI-Campus Erechim/ SMC/ Secretaria de Obras Públicas e Habitação/ APAE/ Secretaria da Saúde/ CREAS/ Ifsul



Santa Cruz do Sul

<u>Unidade federativa</u>	Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Centro Oriental Rio-grandense IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Santa Cruz do Sul IBGE/2008 [1]
Municípios limítrofes	Rio Pardo , Vera Cruz , Venâncio Aires , Candelária
Distância até a <u>capital</u>	150 km
<hr/>	
Características geográficas	
<u>Área</u>	733,473 km² [2]
<u>População</u>	118 287 hab. <i>Censo</i> IBGE/2010 [3]
<u>Densidade</u>	161,27 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa
<u>C:\wiki\Fuso_hor%C3%A1rio</u>	
<hr/>	
Indicadores	
<u>IDH</u>	0,817 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 3 287 130,272 mil (BR: 97º) – IBGE/2008 [5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 27 128,70 IBGE/2008 [5]

Participantes na Capacitação: 45

Qualificação dos participantes: estudante/ professor/ advogado

Instituições: Escola Família Agrícola/ EFASC/ UNISC/ OAB/ Conselho Municipal de Igualdade Racial



Passo Fundo

<u>Unidade federativa</u>	. Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Noroeste Rio-grandense IBGE/2008[1]
<u>Microrregião</u>	Passo Fundo IBGE/2008[1] Pontão e Coxilha a norte Mato Castelhano a leste
Municípios limítrofes	Marau a sul Ernestina e Santo Antônio do Planalto a sudoeste Carazinho a oeste.

Distância até a **capital** 289 [km](#)

Características geográficas

<u>Área</u>	780,355 km² [2]
<u>População</u>	184 869 hab. <i>Censo</i> IBGE/2010[3]
<u>Densidade</u>	236,9 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa

Indicadores

<u>IDH</u>	0,804 elevado PNUD/2000[4]
<u>PIB</u>	R\$ 3 492 582,199 mil IBGE/2008[5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 18 789,24 IBGE/2008[5]

Participantes na Capacitação: 13

Qualificação dos participantes: estagiária/ defensora pública/ educadora/ conselheira tutelar/professora/ estudante/ diretor administrativo

Instituições: Defensoria Pública/ Coordenadoria da Igualdade Racial/ UPF/ Conselho Tutelar/ IFIBE/ Leão XXIII/ CCDH

São Leopoldo

<u>Unidade federativa</u>	▪ Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Região metropolitana</u>	Porto Alegre
Municípios limítrofes	Estância Velha , Novo Hamburgo , Portão e Sapucaia do Sul
Distância até a <u>capital</u>	28 km
<hr/>	
Características geográficas	
<hr/>	
<u>Área</u>	102,313 km² [2]
<u>População</u>	214 210 hab. Censo IBGE/2010[3]
<u>Densidade</u>	2 093,67 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa
<hr/>	
Indicadores	
<hr/>	
<u>IDH</u>	0,805 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 2 934 146,819 mil IBGE/2008[5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 13 962,49 IBGE/2008[5]

Participantes na Capacitação: 06

Qualificação dos participantes: professor / vice-reitor

Instituições: EST

Caxias do Sul

Unidade federativa

Rio Grande do Sul

Mesorregião

Nordeste Rio-grandense IBGE/2008 [3]

Microrregião

Caxias do Sul IBGE/2008 [3]

Municípios limítrofes

norte: São Marcos, Campestre da Serra e Monte Alegre dos Campos; sul: Vale Real, Nova Petrópolis, Gramado e Canela; leste: São Francisco de Paula; oeste: Flores da Cunha e Farroupilha

Distância até a capital

127 km

Características geográficas

Área

1 643,913 km² [4]

População

435 482 hab. Censo IBGE/2010[5]

Densidade

264,91 hab./km²

Clima

subtropical Cfb

C:\wiki\UTC%E2%88%923

Indicadores

IDH

0,857
elevado PNUD/2000 [6]

PIB

R\$ 11 716 487,220 mil (BR: 34°) – IBGE/2008[7]

PIB per capita R\$ 28 868,44 IBGE/2008[7]

Participantes na Capacitação: 17

Qualificação dos participantes: advogado/ conselheiro tutelar/ professora/ estudante Psicologia/ integrante ONG/ agente penitenciária/ egressa penitenciária/deputada estadual

Instituições: Advogados sem Fronteiras/ Centro DH Caxias do Sul/ SUSEPE/ ASERPE/ Conselho Tutelar/ ONG Fonte de Apoio/ UCS/Assembleia Legislativa/RS/CCDH



Carazinho

Unidade federativa

▪ [Rio Grande do Sul](#)

Mesorregião

[Noroeste Rio-grandense](#) [IBGE/2008](#) [1]

Microrregião

[Carazinho](#) [IBGE/2008](#) [1]

Municípios limítrofes

[Coqueiros do Sul](#) e [Almirante Tamandaré do Sul](#) a norte, [Não-Me-Toque](#) e [Colorado](#) a sul, [Passo Fundo](#) a leste, [Chapada](#) e [Santa Bárbara do Sul](#) a oeste, [Pontão](#) e [Coqueiros do Sul](#) a nordeste, [Chapada](#) a noroeste, [Santo Antônio do Planalto](#) a sudeste e [Saldanha Marinho](#) a sudoeste.[2]

Distância até a capital

292 [km](#)

Características geográficas

Área

665,092 [km²](#) [3]

População

59 301 [hab.](#) *Censo* [IBGE/2010](#)[4]

Densidade

89,16 [hab./km²](#)

Clima

[Subtropical úmido](#)

[C:\wiki\UTC%E2%88%923](#)

Indicadores

IDH

0,799
[médio](#) [PNUD/2000](#) [5]

PIB

[R\\$ 965 275,119 mil](#) [IBGE/2008](#)[6]

PIB per capita [R\\$](#)

Participantes na Capacitação: 42

Qualificação dos participantes: estudante/ psicóloga/ pedagoga/ diretora escolar/ estagiária Serviço Social/ professora/ integrante Yacamin/ oficinaira/ recreacionista

Instituições: La Salle Carazinho/ Yacamin-UPF/ Ulbra Carazinho/ Escola Ernesto Nunes/ CRAS



Capacitação em Carazinho, julho de 2010

Chapada

<u>Unidade federativa</u>	Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Noroeste Rio-grandense IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Carazinho IBGE/2008 [1]
Municípios limítrofes	Almirante Tamandare do Sul, Carazinho, Palmeira das Missões, Santa Bárbara do Sul, Sarandi
Distância até a <u>capital</u>	336 km
<hr/> Características geográficas <hr/>	
<u>Área</u>	684,040 km² [2]
<u>População</u>	9 377 hab. Censo IBGE/2010[3]
<u>Densidade</u>	13,71 hab./km²
<u>Clima</u>	<i>Não disponível</i> C:\wiki\UTC%E2%88%923
<hr/> Indicadores <hr/>	
<u>IDH</u>	0,816 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 201 773,967 mil IBGE/2008[5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 20 829,36 IBGE/2008[5]

Observação: Em Chapada foram gravados depoimentos com integrantes do Conselho Tutelar do município. Não foi realizada Capacitação.

Garibaldi

<u>Unidade federativa</u>	. Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Nordeste Rio-grandense IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Bento Gonçalves IBGE/2008 [1]

Distância até a **capital** 109 [km](#)

Características geográficas

<u>Área</u>	167,697 km² [2]
<u>População</u>	30 692 hab. Censo IBGE/2010 [3]
<u>Densidade</u>	183,02 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa

Indicadores

<u>IDH</u>	0,843 elevado PNUD/2000 [4]
<u>PIB</u>	R\$ 826 559,849 mil IBGE/2008 [5]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 27 401,29 IBGE/2008 [5]

Participantes na Capacitação: 22

Qualificação dos participantes: diretora acadêmica / advogada / enfermeira / professor / estudante / técnico em Enfermagem / promotor de justiça

Instituições: Secretaria Municipal de Educação e Cultura / Posto de Saúde São Francisco / Coordenadoria da Mulher / Faculdade Fisul / Secretaria da Saúde / Fórum / Conselho Tutelar / OAB / Secretaria Municipal de Habitação / PS Central / PM / Posto de Saúde Santa Terezinha



Capacitação em Garibaldi, novembro de 2010

Porto Alegre

<u>Unidade federativa</u>	Rio Grande do Sul
<u>Mesorregião</u>	Metropolitana de Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Microrregião</u>	Porto Alegre IBGE/2008 [1]
<u>Região metropolitana</u>	Porto Alegre
Municípios limítrofes	Alvorada , Cachoeirinha , Canoas e Viamão .
Distância até a <u>capital</u>	2 027 km [2]

Características geográficas

<u>Área</u>	496,827 km² [3]
<u>População</u>	1 409 939 hab. <i>Censo</i> IBGE/2010 [4]
<u>Densidade</u>	2 837,89 hab./km²
<u>Clima</u>	subtropical Cfa
<u>C:\wiki\Fuso_hor%C3%A1rio</u>	C:\wiki\UTC%E2%88%923

Indicadores

<u>IDH</u>	0,865 elevado PNUD/2000 [5]
<u>PIB</u>	R\$ 36 774 703,920 mil (BR: 7º) – IBGE/2008 [6]
<u>PIB per capita</u>	R\$ 25 712,62 IBGE/2008 [6]

Participantes nas Capacitações : 104

Qualificação dos participantes: psicopedagoga/ coordenadora de programa dh/ montador de filmes/ advogado/ jornalista/ antropólogo/ professor/ policial/ educadora social/ assessor parlamentar/ psicóloga/ oficial Brigada Militar/ estudante universitário/ defensor público / fotógrafo / integrante de ong

Instituições: Smed/PMPA/ Câmara Municipal Porto Alegre/ Terra de Direitos/ UFRGS/ MNDH/RS / CAODH/MP/RS/ Unisinos/ Nuances/ Alice Comunicação / Conrad/ Colégio de Aplicação UFRGS/ FACED/ MPF / Defensoria Pública RS/ Instituto Recriar/ Jornal Correio do Povo/ Carta Maior/RS Urgente / Abong/ MNU/ BM/ Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social / IPA / Camp/ Usbee/ Unilasalle/ Pescar/ Foro Pelotas/ Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre/ Univates/Lajeado/ Prefeitura de Canoas/ Instituto de Acesso à Justiça/ Orçamento Participativo/ Faders/ TRE/RS/ Conselho Municipal de Segurança Pública / SMED Gravataí/ FSS/Pucrs/ SMED Sapucaia do Sul/ Corações e Mentes/ Associação dos Familiares de Apenados / Corregedoria da BM/ SES/RS/ Fórum Popular de rua/ Mocambo/ Conselho de Segurança Alimentar /Conselho Tutelar



Observação: Foram realizadas duas capacitações em Porto Alegre. Em outubro de 2009, na Faculdade de Direito da UFRGS e na Assembleia Legislativa do RS, na abertura do Itinerantes, e em junho de 2010, na Faculdade de Educação da UFRGS.